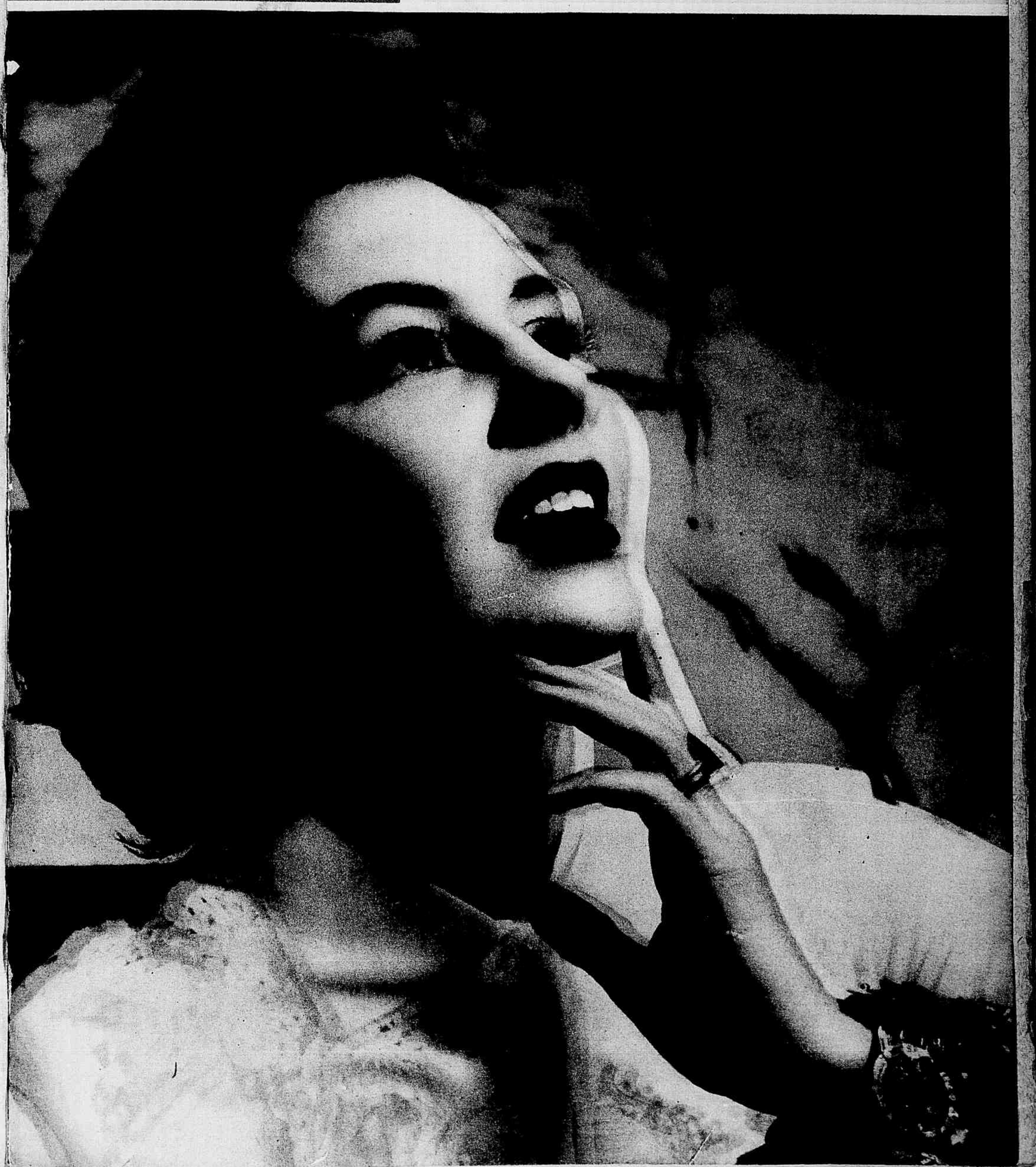


**A RELIGIÃO QUE MAIS CRESCE NO MUNDO
ENQUANTO "SEU" TOWNSEND NÃO VEM
PARA ELA, UM PALCO É MUITO POUCO**



E' O MAIOR!

ANUÁRIO do **ESPORTE** ilustrado 1956

FUTEBOL CARIOCA

Todos os "goals" de todos os jogos do campeonato carioca de 55 — "Placards" e rendas — Classificação dos clubes nos três turnos — Estatística completa — Flamengo, campeão de aspirantes — Fluminense, campeão de juvenis — Bangu, campeão do Torneio Início — Vasco, campeão do Torneio Início de Juvenis — Fluminense, campeão pentagonal de aspirantes — Amistosos dos clubes cariocas em 55 — Arquivo do futebol carioca (Botafogo x Bonsucesso e Fluminense x Bangu).

FUTEBOL PAULISTA

Categorizada campanha do Santos — "Placard" de todos os jogos do campeonato paulista de 55 — Estatística completa. As classificações do Santos nos campeonatos paulistas — Arquivo do futebol paulista (Corinthians x Portuguesa e São Paulo x Santos).

FUTEBOL BRASILEIRO

Campeão do Rio-São Paulo, a Portuguesa (Estatística completa do Rio-São Paulo) — Amistosos internacionais do futebol brasileiro em 55 — Os clubes campeões dos estados — Torneio Internacional "Charles Miller" — Campeão, Corinthians e Estatísticas completas.

FUTEBOL INTERNACIONAL

Principais jogos internacionais interclubes de 1955 — Internacionais de seleções pelo mundo — Argentina, campeã sul-americana de 55 — Os times campeões do exterior — Argentina, campeã de futebol dos II Jogos Pan-Americanos.

ESPORTES AMADORES

Atletismo — "Basketball" — Ciclismo — Esgrima — Hipismo — Natação, Saltos e "Water-Pólo" — Pólo — Pentatlo Moderno — Tênis — Tênis de Mesa — Tiro ao alvo — Remo — Voleibol.

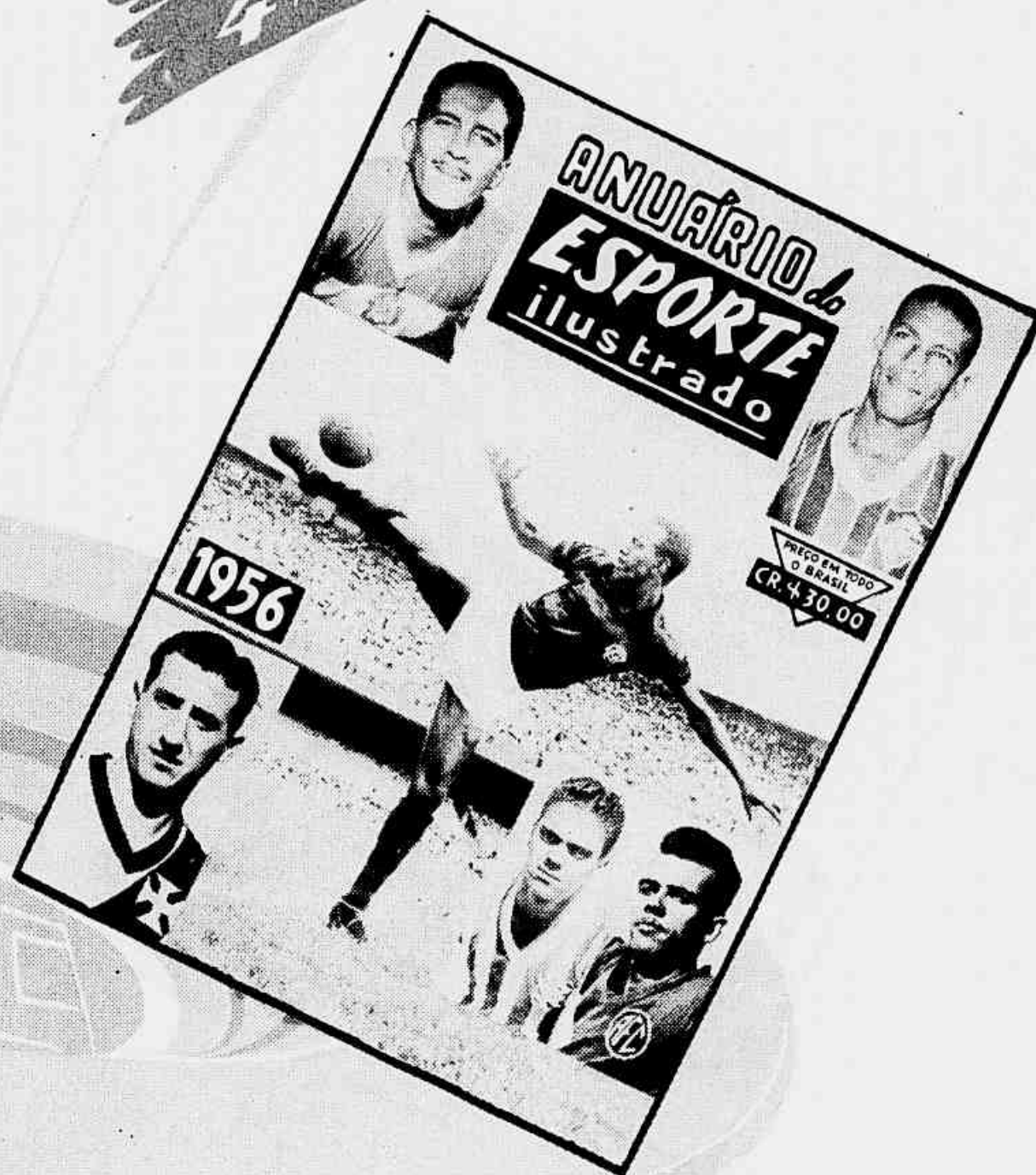
CRONISTAS E FOTÓGRAFOS

Carlos Areas — Olímpicus — Kleber Pimenta — Fred Quarteroli — Osvaldo Gonçalves — R. A. A. Coutinho — Herbert Mesquita — Silvio Rangel — Silvio Cintra Filho — César Torraca — Válder Canongia — Carlos Sampaio — Jorge Miranda — Alberto Ferreira — José Santos — Vito Vasconcelos — Newton Viana e gráficos de William Guimarães.

TODO
IMPRESSO EM
OFF-SET

Em
CÔRES

12 TIMES DO FUTEBOL CARIOCA
4 PRIMEIROS TIMES DO FUTEBOL PAULISTA



IDEALIZAÇÃO e ORIENTAÇÃO
LEVY KLEIMAN

100 PÁGINAS * CR\$30,00

REVISTA

DA SEMANA

Ano 57 — Nº 46 — Rio de Janeiro — 17/11/1956

DIRETOR Hêlio Fernandes

COLABORADORES: E. Tourinho, Fortuna, Sérgio Silveira, Ramon, L. Junqueira, Mendez, W. Guarnieri, J. Ribeiro, M. Tereza e Eneida.

SUMÁRIO

◆ REPORTAGENS

Eisenhower reeleito	5/6
O mundo e a vida de um motorista	16/19
Margaret perturba a África	27/29
Para essa «Coisinha» um palco é muito pouco	31/34
A religião que mais cresce no mundo	38/40
O drama íntimo de Vivien	44/46
Revolução no ensino da Engenharia	60/61

◆ SEÇÕES

Semana em revista	8/9
Puxe pelo cérebro	15
Por esse mundo de Deus	20/21
Itinerário do Brasil	22
Poeira do Tempo	24/25
Semana Astrológica	26
Pelas esquinas da noite	30
Literatura e Arte	36/37
TV na Revista	41
Música	42
Palavras Cruzadas	48
Revista há 50 anos	49
Conversa de mulher	54/55
Grand-Monde	56/57
Último Flash	62
Figura em foco	63

◆ HUMORISMO

Fortuna	52/53
---------------	-------

◆ LITERATURA

Novembro	3
O homem e o trapézio	10/11
Estranho país	50/51

◆ VARIEDADES

O enigmático Kapitzka	12/13
O riso dos outros	14

◆ CAPA

Cid Charisse (Foto M.G.M.)

Este número consta de 64 páginas.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples — Um ano	Cr\$ 350,00
Seis meses	Cr\$ 175,00
Registrada — Um ano	Cr\$ 600,00
Seis meses	Cr\$ 300,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr\$ 700,00
Seis meses	Cr\$ 350,00

O número avulso custa Cr\$ 7,00 em todo o Brasil, atrasado, Cr\$ 8,00.

Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Propriedade da

Companhia Editora Americana

Diretor-Presidente	Gratiliano Brito
Diretor-Comercial	Ivan Guimarães
Diretor-Gerente	Wenceslau Quintais
Chefe de Publicidade	J. M. Costa Júnior
Paginação	Victor Tapajós
Fotografia	A. Vieira e A. Ferreira
Desenho	Alberto Lima
Laboratório	V. M. Vasconcelos
Redatores e corretores	S. L. Guimarães, A. Mendes e S. Sant'Anna

ENDEREÇO E TELEFONES

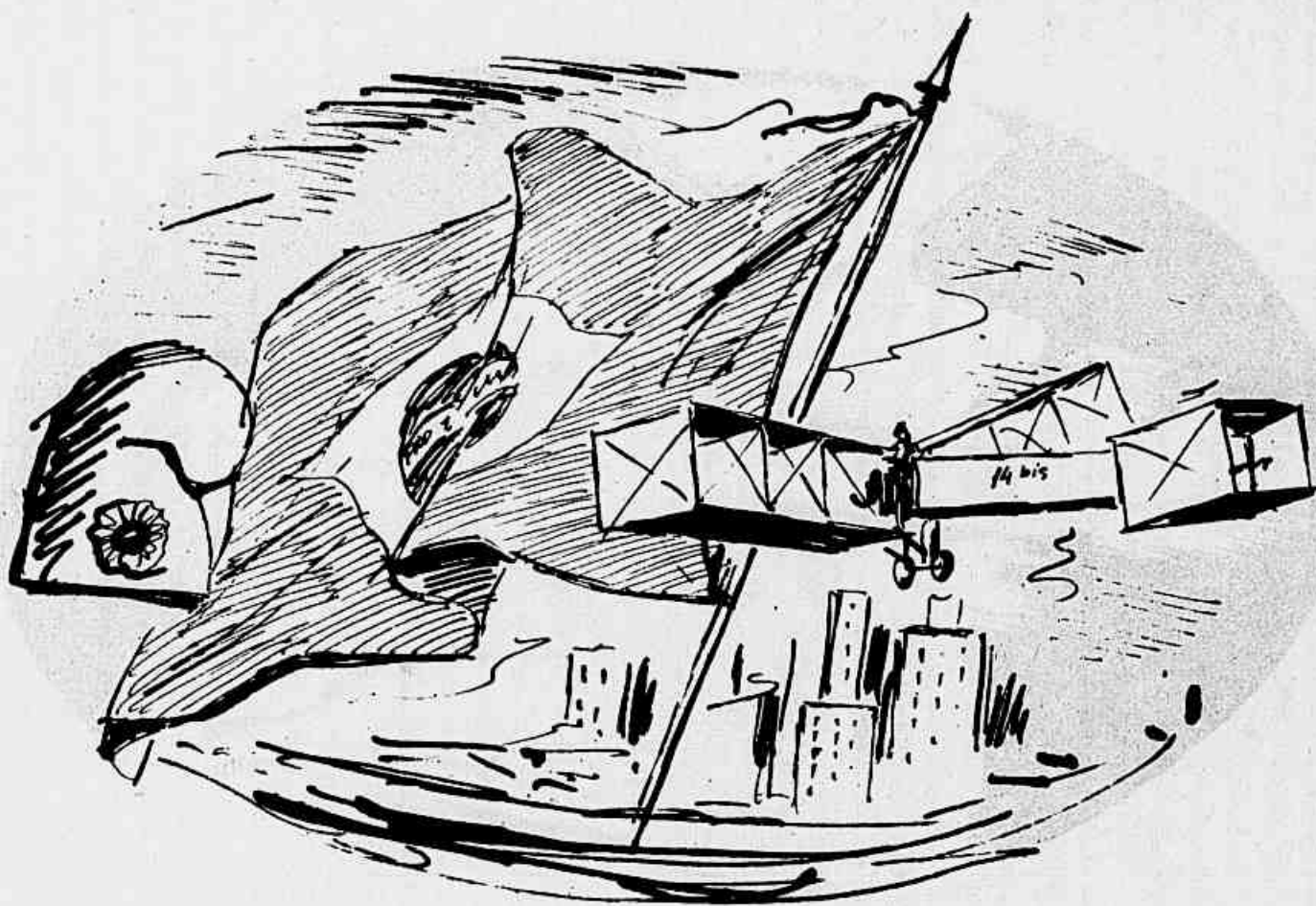
Rua Visconde de Maranguape, 15

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES:

Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratário & Cia., Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Av. 9509, Buenos Aires. Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO — DISTRIBUIÇÃO
A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69
Fone: 34-1569



NOVEMBRO

◆ Com todos os santos reunidos, todos os defuntos homenageados, começou novembro, mês dos mais variados acontecimentos passados: Proclamação da República, Dia da Bandeira, golpes de estados, um mês nacional preñado de ocorrências que marcaram datas neste país, pátria amada, salve, salve! Enquanto comemoramos o mundo fervilha, crescem ameaças guerreiras, Suez começa a deixar insones todos aqueles que amam a paz. O ano está quase dizendo adeus e o comércio trêfegamente já começa a falar com insistência na vinda de Papai Noel que chegará de um momento para o outro, descendo muito antes do dia de Natal, num helicóptero para arruinar todos os nossos bolsos com os presentes a serem comprados, pobres bolsos já por si sempre e lamentavelmente vazios.

Homens descem e sobem em postos públicos; os insultos cortam ar, pois é velho hábito de nossos políticos cultivar a troca de todos os desaforos. Os editores e livreiros se reuniram, na semana que passou, num belo congresso onde foram discutidos e debatidos os problemas do livro nacional. Sabemos que, se geralmente os congressos nada constroem, nunca são inúteis: ensinam os homens de uma corporação que se reúnem a olhar, examinar e pensar nos problemas de sua e outras coletividades, estreitam laços de compreensão e entendimento e quando nada, agitam problemas de interesse geral. Daí a importância desse Congresso, o terceiro que é realizado pelos Editores e Livreiros do Brasil.

◆ Novembro chegou, como estão chegando todos os meses deste ano em que nosso clima teima em não respeitar estações: chuva e frio, um solzinho que surge para se esconder logo mais, tempo sempre ameaçador, como se estivéssemos apenas acompanhando a situação da nossa política e da política mundial. Desastres na Central tem havido, mas são fatos tão corriqueiros que só quando há demasiados mortos dá manchete nos jornais; há uma onda terrível de ciúmes entre namorados e amantes e com isso aumentaram os mortos, cresceram os hóspedes das prisões onde, aliás continuam sendo terrivelmente espancados e assassinados os presos, mesmo que sejam inocentes. Morre-se muito de amor nesta cidade nos dias que estão correndo, mas crimes de amor sempre existiram e continuarão pois que sem amor não podem viver a República nem os corações humanos que este mês de novembro vem encontrar ainda escondidos em agasalhos e lãs.

◆ Em outubro Santos Dumont foi muito homenageado com seu chapéu desabado, seu alto colarinho num desafio à moda que o pintor Flávio de Carvalho insiste em apresentar e que deve tê-lo tornado um homem feliz: está em primeiro plano em jornais e revistas e até mestre Manuel Bandeira escreveu, apoiando-o. Novembro chegou com um outro congresso, este em São Paulo, o dos contistas brasileiros que não sei mesmo o que vão discutir: estilo, gramática, técnica?

Mas nada importa, pois este é um mês de feriados importantíssimos, pelo que devemos comemorar novembro com todo o patriotismo; pela República, pela bandeira, pelo passado já que nosso presente é sem água e de pequeno salário, ônibus caros e comida idem. Comemoramos novembro lembrando uma frase de Aníbal Machado: «mesmo a caminho da força não se deve perder de vista a paisagem...»

A paisagem, tudo o que nos resta

E NEIDA



CONSUMOU-SE O EQUÍVOCO:

EISENHOWER REELEITO

VITÓRIA PESSOAL DE EISENHOWER — OS DEMOCRATAS OBTÊM MAIORIA NA CÂMARA E SENADO — STEVENSON UM DOS MAIORES AMERICANOS DE TODOS OS TEMPOS, DERROTADO PELA SEGUNDA VEZ POR UM HERÓI DA GUERRA — OS REPUBLICANOS ELEGERAM EISENHOWER PENSANDO DIA E NOITE EM NIXON — O POVO AMERICANO (DEMOCRATA POR FORMAÇÃO E POR CONVICÇÃO) VOTA EM MASSA NO CANDIDATO DOS

REACIONÁRIOS — EM 1960 STEVENSON SERÁ CANDIDATO NOVAMENTE — EISENHOWER FOI A SORTE GRANDE NO CAMINHO DOS REPUBLICANOS — SEM ÊLE, TÉRIAM LEVADO DUAS SURRAS QUE JAMAIS SERIAM ESQUECIDAS — O MUNDO TODO VAI REZAR DESESPERADAMENTE PARA QUE NADA ACONTEÇA A IKE NESSES PRÓXIMOS 4 ANOS — POIS NIXON NA CASA BRANCA SERÁ UM DESASTRE PARA OS IANQUES E PARA O MUNDO

Reportagem de FRED PARSONS

EISENHOWER foi reeleito. Depois de uma campanha de 3 meses (quase toda feita pela televisão e pelo rádio) o herói da segunda guerra mundial conquista o direito de dirigir por mais 4 anos um dos dois países mais importantes do mundo. Podendo ser apresentado pelo partido Democrata (mais de acordo com as suas tendências e convicções), Eisenhower preferiu candidatar-se pelo Partido Republicano, muito mais reacionário e portanto muito mais distante e afastado do seu pensamento e de sua formação.

VITÓRIA PESSOAL DE EISENHOWER

Os republicanos não tiveram a menor participação na vitória. Eisenhower ganhou sozinho, como já havia ganhado em 52. E pode-se dizer até, sem medo de contestação, que o fato de concorrer como candidato dos republicanos, roubou milhões de votos do herói da segunda guerra mundial. O povo americano, que não esconde as suas simpatias pelo Partido Democrata votou em Eisenhower exclusivamente devido à sua simpatia pessoal e à sua condição de herói da guerra. Em todos os tempos os grandes guerreiros foram adorados e endeusados. E mesmo no regime democrático, são poucos os candidatos civis (em todo o mundo) que conseguem derrotá-los eleitoralmente.

STEVENSON UM HOMEM SEM SORTE

Stevenson é uma das maiores figuras dos EE. UU. Mas foi infeliz ao ter que enfrentar duas vezes um dos homens mais populares do seu tempo. Qualquer outro candidato que fosse apresentado pelos republicanos teria sido facilmente derrotado por Stevenson. Menos Eisenhower, com a tremenda popularidade que conquistou ao chefiar os exércitos das nações unidas na segunda guerra mundial.

É extraordinária a capacidade de Stevenson. Conhece como ninguém os problemas mundiais. Tem uma visão global de todos os assuntos e nada lhe escapa. Fala maravilhosamente, e não há auditório que consiga ficar indiferente quando êle fala. Suas aparições na televisão e em praça pública encantaram os americanos.

A derrota de Stevenson constituiu (agora como em 52) o mais terrível equívoco da história dos EE. UU. Tendo à mão um dos mais completos estadistas de seu tempo, preferiram eleger um outro (simpático sem nenhuma dúvida), mas que é amparado pelo mais formidável grupo de reacionários que os EE. UU. já produziram em qualquer tempo. Mas Stevenson conseguirá sobreviver às duas derrotas. E com a impossibilidade constitucional de Eisenhower concorrer a um terceiro período, fatalmente Stevenson será candidato novamente pelos democratas. E então não haverá força alguma capaz de

CONSUMOU-SE O EQUÍVOCO



STEVENSON

Um dos maiores estadistas do seu tempo, derrotado por um herói de guerra

arrebatá-lo a vitória. Os americanos conhecerão, portanto, em 1960, o Presidente que deveriam ter conhecido em 52. Mas talvez até que o próprio mundo venha a lucrar com essa espera de 8 anos.

EISENHOWER: SORTE GRANDE DOS REPUBLICANOS

Sem Eisenhower os republicanos não teriam reconquistado a Presidência em 52 e nenhum observador poderia prever se isso aconteceria tão cedo.

Eleito e empossado, Eisenhower desgastou um pouco do seu prestígio junto ao povo americano. Mas depois, com a

doença, milagrosamente recuperou-se, e passou a ser o grande favorito desse páreo extraordinário. Reeleito, terá a seu favor a torcida e entusiasmada (e desesperada) de todo o mundo, receioso de que se infelizmente lhe acontecer alguma desgraça, o poder vá parar às mãos de Nixon. O Vice-Presidente republicano é considerado a fina flor do reacionarismo universal. E se por um desses acontecimentos históricos, vier a ocupar a Casa Branca, então desabará sobre o mundo um dos maiores desastres de todos os tempos. Pois Nixon é exatamente o contrário de Eisenhower. Ele encarna maravilhosamente o espírito frio, desumano e impiedoso dos grandes senhores e das grandes corporações republicanas.

NINON SEVILLA A EXPRESSIVA
ESTRÊLA DO CINEMA ASTECA

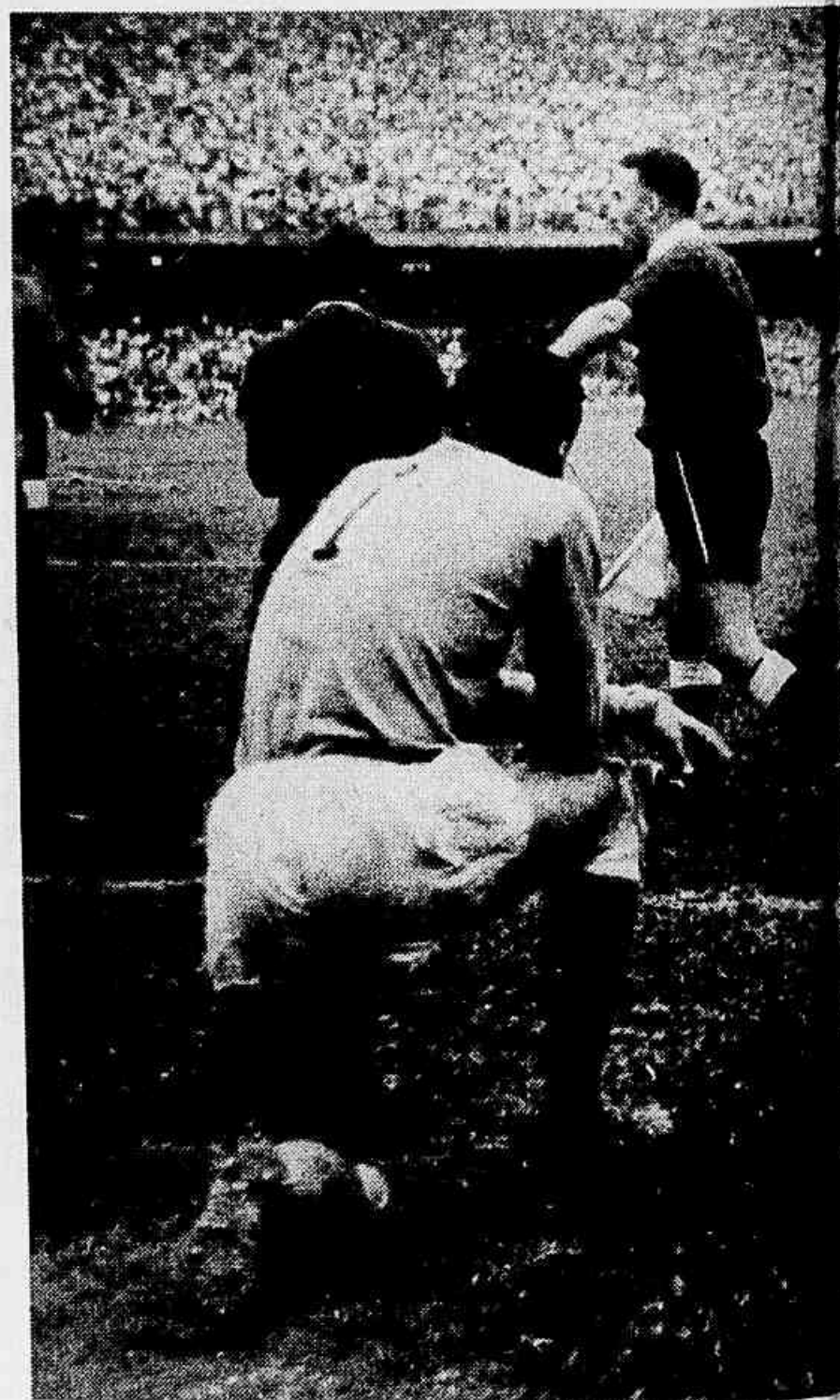


ELA TAMBÉM PREFERE O

Lóide Aéreo

A SEMANA EM REVISTA

Quem está ajoelhado, paralisado pelo desespero e pelo assombro, é o goleiro Carlos Alberto. Precisamente há 30 segundos Índio acaba de fazer um gol considerado impossível pelos técnicos mais autorizados. O autor do gol que derrubaria o Vasco da liderança está ali em frente a Carlos Alberto num bôlo formado pelos outros jogadores do Flamengo. Com essa vitória o «mais querido» ainda está no páreo.



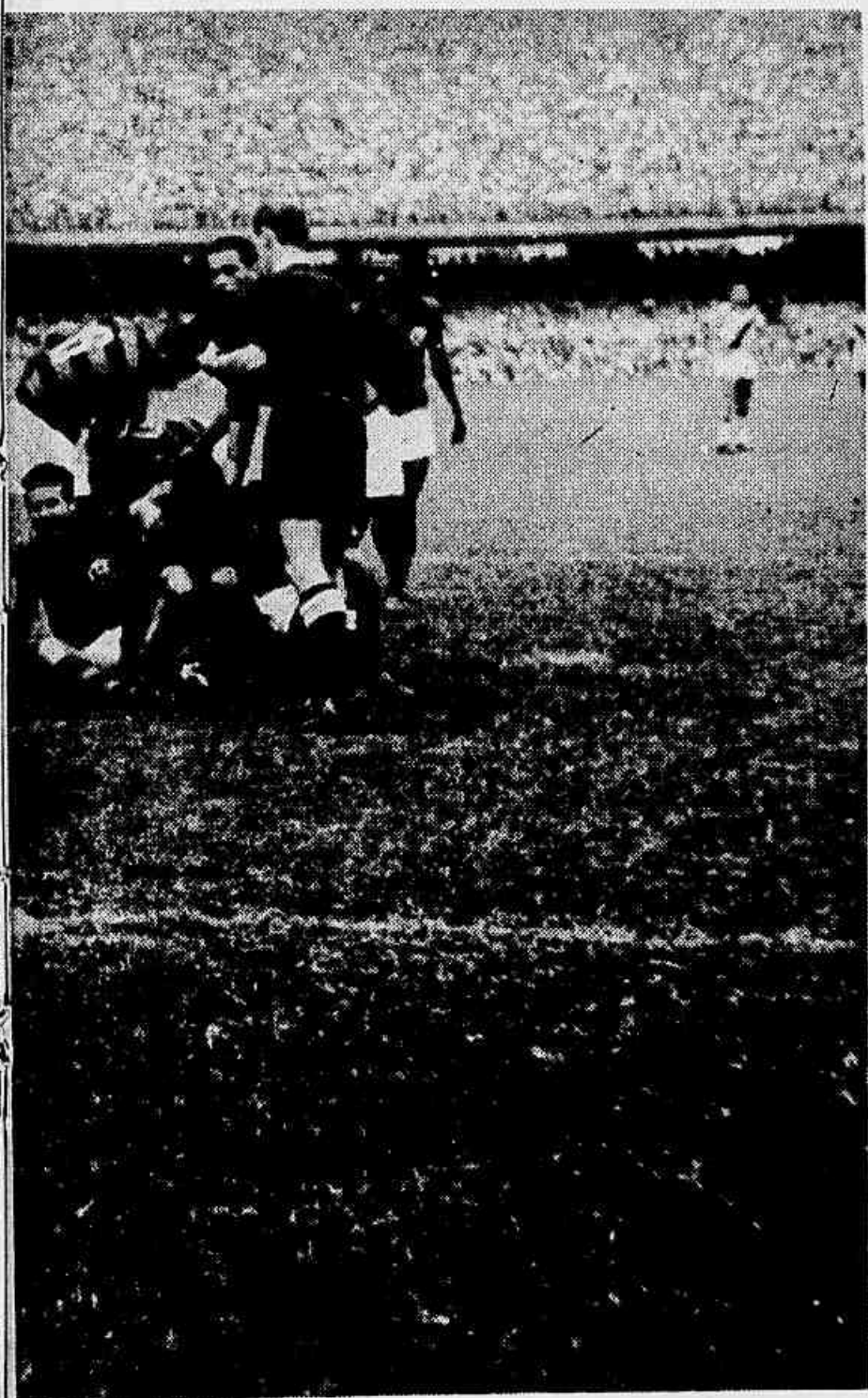
O herdeiro querido de Mr. Churchill (o outrora sorridente Eden) afundou-se nas águas nem sempre calmas do Suez. Combinando com a pacífica e ultra civilizada França um ataque que assombrou mesmo o empedernido mundo ocidental, Eden caminha para um desastre na sua brilhante carreira. Nasser vai ser esmagado, não tenhamos dúvida. Mas Mr. Eden será o grande derrotado dessa batalha estarrecedora.



Durante mais de 3 meses, Tancredo Neves viveu nas manchetes dos jornais. Numa semana era tida como certa a sua nomeação para a chefia da Casa Civil. Na outra semana seu nome já aparecia superado no noticiário dos jornais. E assim de desmentido em desmentido, Tancredo foi convencendo ao Presidente que seu lugar era lá mesmo no Banco do Brasil. E finalmente Vitor Nunes Leal foi escolhido, nomeado e empossado.



Terezinha Solbiati a mais bonita do mundo, voltou a dominar as colunas. De repente, como se houvesse uma combinação prévia, os colonistas passaram a noticiar que La Solbiati cortara os cabelos. E todo o Rio ficou vibrando de curiosidade, querendo saber como ela ficaria com os cabelos curtos. Mas foi um blefe. Pois ainda ontem, Terezinha foi ao Pax, com os cabelos do mesmo tamanho e belíssima como sempre.



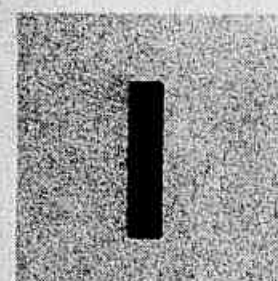
Alvaro Lins passou rapidamente de modesto editorialista de jornal a Chefe da Casa Civil do Presidente. A ascensão rápida alterou-lhe o sistema nervoso, e sua substituição não pôde ser adiada. Mas como é costume no Brasil premiar os que fracassam num posto com outro posto mais importante, lá se vai o sr. Alvaro Lins passear a sua incapacidade em Portugal, com o título (e os proventos) de Embaixador do Brasil.

O HOMEM E O TRAPÉZIO

Romance de ARINO PERES

Desenho de ZARCO

CAPITULO XXV — CARNAVAL



INSINUAVA-SE pelas janelas abertas o ruído festivo da população. Na mesa de cabeceira de Válder havia três rolos de serpentinas e um pacote de confete, que não seriam usados. O rádio de baquelite azul repousava mudo, apático.

D. Inês sentia não poder o filho brincar esse carnaval, mas queria torná-lo tão festivo quanto possível. No embrulho escondia uma máscara de pierrot com que pretendia divertir Válder; não imaginava que também pudesse ser surpreendida. Viera bem cedo naquele dia, porque sabia que o filho tinha sido operado, dias antes; hoje saberia a resposta definitiva. Não julgava necessária essa nova intervenção, mas o doutor Esteves insistira e ela não podia contrariar o médico.

O elevador de serviço deu lugar à maca conduzida por dois enfermeiros. D. Inês notou a apreensão de Rosa, levantou o lençol branco (por que são brancos os lençóis? O branco enfastia, não comunica, neutraliza). Não podia ser... era crueldade demais... havia carnaval lá fora... Válder aprendera no rádio as músicas todas, cantava-as baixinho, acompanhando-as no tampo metálico da mesa... ela trouxera uma máscara de pierrot para divertir o filho... subia até as janelas do hospital o ruído perdido do carnaval...

D. Inês era faladora, alegre, vestia sempre cores claras, mas emudecera agora, não articulava palavra, o grito essencial não vibrava as paredes. Os olhos fixaram-se na derradeira máscara; Válder não pensava usá-la, ela não esperava esse disfarce.

Os lábios de Válder entreabriam-se num sorriso longínquo, as mãos parecendo guardar vida dentro de si. Um bloco passava lá fora, desobedecendo o aviso de silêncio, porque era hora de cantar. Só o filho não cantava, mas ele sabia todas as modinhas, acompanhava-as tamborilando os dedos na mesa de cabeceira. Não devia ter esquecido que hoje era domingo, e a mãe viria mais cedo.

D. Inês foi afastada da visão fantástica. Rosa levou-a ternamente ao

quarto das enfermeiras, preparou-lhe uma poção calmante, abraçou a cabeça branca de encontro ao peito, e recebeu as lágrimas que não puderam ser desperdiçadas sobre a máscara eterna de Válder.

— Meu filho, meu pobre filhinho... Não pode ser verdade... Que será de mim, meu Deus?...

Quais as palavras para aquele instante? As mãos de Rosa deslizavam pelos cabelos brancos, trêmulas, e as lágrimas amalgamavam-se na face dupla. No embrulho de D. Inês havia uma máscara de pierrot para Válder, mas ele estava ansioso demais.

Quinta-feira Válder estava bem disposto, cantara para ela, avisando-a de que talvez o doutor o deixasse assistir ao carnaval de casa, voltando no fim da semana. Estava corado, muito melhor, nem fazia desconfiar o ânus complementar que tinha na barriga. Não via razão absolutamente nenhuma para nova operação; o doutor insistia por ser teimoso; ela via a melhora do filho. O ânus complementar não incomodava em nada, desaparecia sob a roupa. Não havia necessidade para aquela teimosia do dr. Esteves, velho rabugento e cabeçudo.

— D. Inês, achei melhor explicar-lhe... O seu filho não sofreria apenas de vôlvulo quando veio para aqui. A operação teve de ser realizada imediatamente, sem prévio exame acurado; durante a intervenção, porém, notamos pequena lesão cancerosa no intestino delgado, que não podia ser atingida na mesma ocasião. Assim evitamos suturar completamente a incisão, esperando oportunidade para cuidarmos da lesão. Seu filho será operado amanhã. Não esperamos complicações, ele está forte e resistirá bem.

— Receio que não, D. Inês; seu filho teria poucas possibilidades de vida. Mas não se preocupe, tudo sairá conforme esperamos.

A operação coroou-se de êxito; deixaram-na ver o filho logo que se recuperou do traumatismo. Não havia mais risco, o doutor lhe dissera.

Lá fora era Carnaval, os ruídos subiam até a sala. No embrulho, D. Inês guardava a máscara de pierrot com que divertiria o filho, mas Válder estava ansioso demais.

CAPITULO XXVI — CORÍNTIOS 1-13



315-B tinha-se preparado para comemorar mais uma vitória, fariam um pequeno Carnaval interno com serpentinas, éter perfumado, confetes coloridos. Pensavam em dar a Válder o Carnaval estético que não encontraria lá fora. O dr. Esteves regozijava-se pelo bom êxito da operação, saíra da sala com o ar altivo de vencedor; mais uma vez adiara a vitória da morte. Tão bom para eles, confortador, fixarem a imagem da vida no corpo jovem recuperado, mais um lado do

no adquirir o comprimento áureo e por isso abandonava o hexágono assintótico. Válder não quisera proporcionar-lhes a esperança de uma operação que marcaria a monstruosidade da morte, lembraria a inexorabilidade do caminho último.

A autenticidade do drama de Válder abarcava a apoteose da paixão. O Cristo dera uma lição de resignação e de humildade; Válder não se entregara, jamais poderia entregar-se ao mundo dos sonhos que tinha em sua frente. Cristo era o símbolo de amor e de sacrifício; Válder, a lição de humanidade.

Pela primeira vez o velho Leopoldo citara o texto errado. Não eram aquelas as palavras usadas por Cristo no sermão da montanha:

Ainda que eu fuisse o filho dos homens, não deixaria de amar os meus inimigos, seria como o sol que brilha sobre os bons e os maus, como o sino que toca para todos.

E ainda que eu tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse caridade, nada seria.

E ainda que distribuisse toda a minha fortuna para sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, e não tivesse caridade, nada disso me aproveitaria.

Quando Válder conduzir à compreensão daquele frustramento, quando ele entender, não, o velho Leopoldo embarçara-se nas Escrituras. A máscara livida de Válder na sufocação da morte afogava todas as

virtudes teológicas, destrua qualquer visão mística do céu. Otávio acusava-se com o Cristo fixo do norte, com a ausência da rosa vermelha, mas nunca penetrara o sentido dos pacotes de serpentinas ocultos na mesinha de cabeceira, o rádio de baquelite azul emudecido e a máscara de pierrot ridicularizada nos olhos trêmulos de D. Inês.

Válder lembrava seu filho, Otávio já adquirira a estruturação sobre-humana da paternidade, porque seria seu o filho de Madalena. A criança desenvolvia-se, excedia o volume condensado do ventre materno, apolava-o, substituíra as pernas esquecidas, guardava nos olhos aquela despreocupação interjetiva que existia na fisionomia de Válder, e, de súbito, horizontalizava-se indefinidamente, descompletava-se.

A menina de tranças talvez tivesse feito fantasia de oriental; estilizara-se como nos filmes de Hollywood; e o companheiro não poderia erguê-la para o triunfo, ela própria não poderia erguê-lo para admirar os olhos grandes.

Seria maldade demasiado impedir Válder se deslizar pelos grupos barulhentos, ele não apreciaria a austeridade do necrotério familiar. Havia de percorrer as ruas na derradeira fantasia humana, até o cemitério do bairro, onde pudesse ser visitado aos domingos e acordado todos os anos pela loucura coletiva.

O dr. Esteves perdera a partida quando comemorava a vitória, sofrera o maior «bluff» da sua carreira. Ainda havia segredos para o homem, o técnico tinha precisão de melhores instrumentos.

O polígono contraía-se no temor constante. O medo envergara a personalidade mais convincente, tripudiava impudico ante o Cristo estático, lançava a sombra deletéria da conformação sobre os pontos cardeais fixos. Para Otávio era um feto de dois meses metamorfoseado na postura equilibrada do horizonte.

«A caridade é sofredora, é benigna; a caridade não é invejosa; a caridade não trata com leviandade, não se ensoberbece.

Não se porta com indecência, não busca os seus interesses, não se irrita, não suspeita mal;

Não folga com a injustiça, mas folga com a verdade;

Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.

A caridade nunca falha; mas havendo profecias, serão aniquiladas; havendo línguas, cessarão; havendo ciência, desaparecerá;

Porque, em parte, conhecemos, e em parte profetizamos;

Mas, quando vier o que é perfeito, então o que o é em parte será aniquilado.»

O velho Leopoldo citara o texto errado. Não havia conteúdo específico na epístola de São Paulo. Onde a caridade na frustração da vida?



O ENIGMÁTICO KAPITZA

Por M.A. BIEV

Desenho de ZARCO

Especial para a REVISTA DA SEMANA
Copyright Keystone e Pierre Horay

♦ RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA — O famoso físico nuclear Piotr Kapitza realiza pesquisas secretas na Sibéria. Conta com um grande número de colaboradores. A fim de iludir os observadores ocidentais a respeito dos trabalhos que ali vêm sendo realizados, o governo de Moscou recomenda que um grupo de literatos, liderados pelo romancista Ilya Ehremburgo, mova uma forte campanha de desmoralização contra os cientistas. A finalidade das pesquisas é dar à União Soviética a supremacia no setor das armas atômicas. Stalin promove uma reunião com os sábios encarregados da «Operação Magna». Estão presentes, além do próprio Stalin, Malenkov e Béria. Este último na direção do setor político do plano. Os cientistas querem mais verbas, Stalin decuplica o orçamento. E no mês de março de 1943 é levada a efeito a primeira explosão atômica de laboratório. Mas agora a direção é outra. Kapitza e sua equipe trabalha na fabricação de uma outra arma ainda mais poderosa. Conseguir-la-ão antes dos americanos?

Q

UINZE dias mais tarde, Kurtchatov chama Béria e Tchortov Dol: ele encontrou uma solução para o problema. Mas pede um prazo de dois meses para realizar a primeira experiência na ilha. Ioffe, que se encontra presente, o apoia. Kapitza intervém com todo o seu prestígio e, finalmente, Béria consente. Ele reconhece que Kurtchatov vai cumprir as suas promessas em oito meses em vez de doze que julgava necessários.

A experiência 912 de Petrzak é um sucesso... Apenas Béria parte, Petrzak voa para a ilha Maramuk. Ele está bem acompanhado, mas desde já se considera livre. Sabe-se que ele vai ser anistiado juntamente com Flerov. Procedem-se os últimos preparativos. São realizados estudos das construções necessárias ao bom término da experiência. A ilha fica completamente isolada. Eleva-se uma muralha de proteção diante de uma trincheira de dois metros de profundidade. A experiência 912 é repetida várias vezes e ninguém mais duvida do seu sucesso. O velho matemático Krylov e Piotr Kapitza controlam a operação mediante cálculos. Trabalham separadamente, mas chegam às mesmas conclusões; trata-se de fórmulas novas, e por isso, deve-se ter o máximo de prudência. Krylov aos oitenta e dois anos faz a viagem à ilha de Maramuk. Ele outrora inspecionou muitos campos de tiro de artilharia. Declara que tudo correrá bem se não forem aumentadas as doses fixas do produto sobre o qual vai realizar a experiência. Essas experiências são realizadas às centenas. Mas o método de fazer explodir é muito ousado.

O DIA J... LIBERTAÇÃO DE PETZRZAK

O dia J é fixado: 10 de setembro de 1943. Stalin se encontra presente. Mas no dia 9 de

setembro quem comparece é o marechal Voroshilov. Stalin não pôde deixar Moscou. Béria acompanha o marechal. Quase todos os membros dos comitês superiores se acham também presentes.

Cabe a Casimiro Petrzak a honra de dar a última penada. No dia 10 de setembro, às 8 horas e 30 minutos, tudo está pronto. Uma vez mais Kapitza, Ioffe e Kurtchatov inspecionam os preparativos. Tudo lhes parece em perfeita ordem: a massa da substância explosiva, sua disposição, a «distância». Petrzak, que aciona o dispositivo que promove a explosão, terá 80 segundos para se colocar fora de perigo, tempo mais que suficiente para correr para o abrigo, que fica detrás da murada, a 75 metros do local da explosão.

São precisamente 8 horas e 55 minutos. Todos se acham em seus postos, e aguardam.

São 8 e 59. Com o cronômetro na mão, Casimiro Petrzak aciona o dispositivo e corre para detrás da murada. Corre dez metros... quinze metros... dezoito... vinte... Um clarão, uma detonação... A experiência teve êxito!

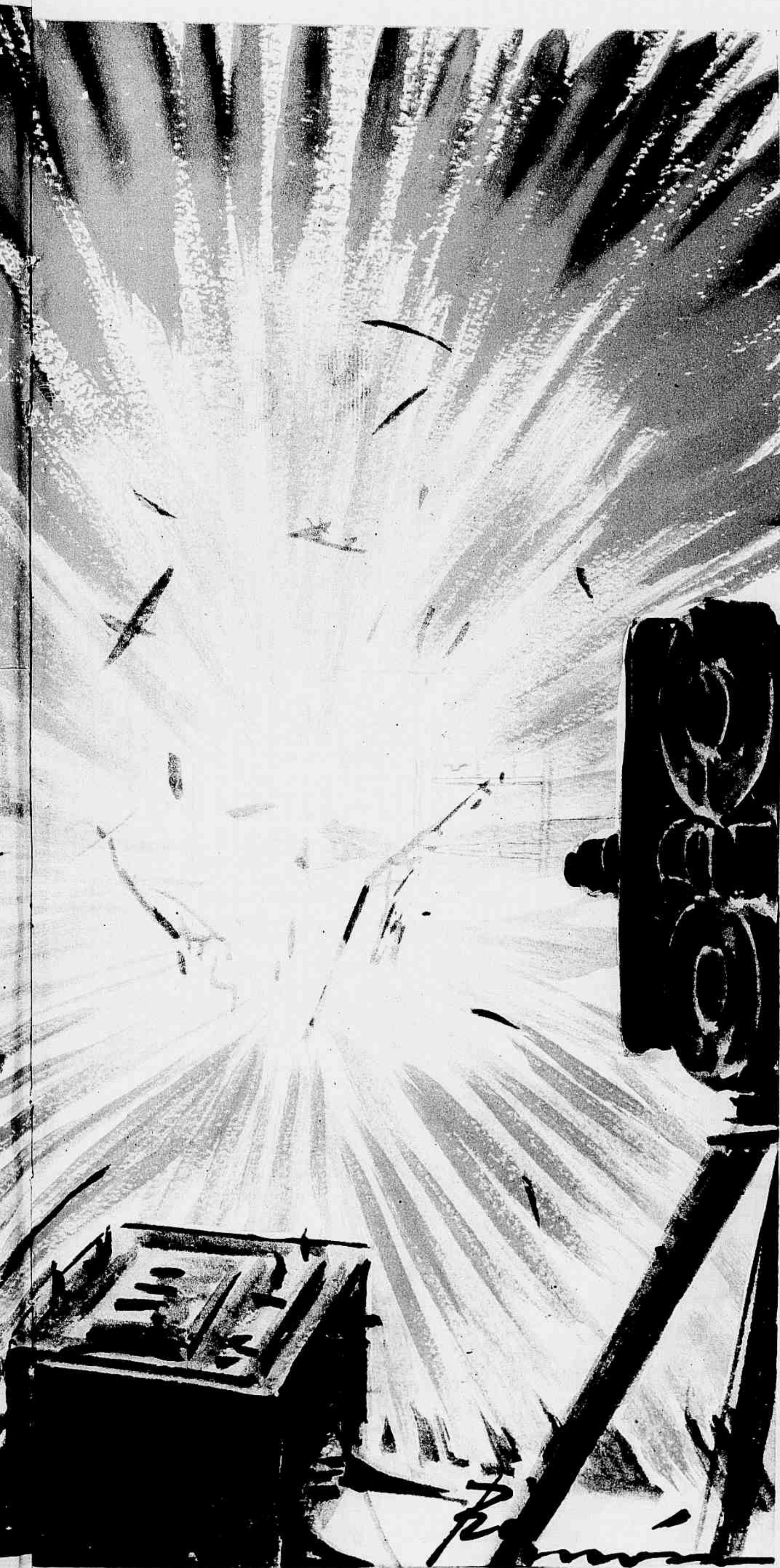
Mas onde está Petrzak?

Desapareceu. Já não existe mais. Depois, alguns pedaços de carne humana são encontrados aqui e ali...

Ouve-se um grito de aflição. Uma moça rompe a barreira e corre para o lugar onde havia visto Petrzak pela última vez. É a noiva de Petrzak, Hedvige Lominska, de vinte e cinco anos de idade. Depois de quatro anos de exílio, ela foi libertada em reconhecimento dos serviços prestados pelo jovem sábio. A jovem chora e se debate incontrolavelmente. É necessário usar da força para fazê-la silenciar.

Os olhos de Kapitza são duas fendas. Com imensa frieza, ele contempla a segunda vítima. Voroshilov, e depois volta a cabeça.





O marechal Voroshilov, enviado especial de Stalin, pôs a cabeça para fora do muro a fim de seguir os movimentos de Petrzak. Sob o impacto do deslocamento de ar, sua cabeça bate contra a parede do muro e é ferida; uma fita de sangue escorre de sua têmpora esquerda. É o primeiro ferimento do primeiro marechal da União Soviética, durante a segunda guerra mundial... As 9 horas e 20 minutos, um telegrama cifrado é enviado a Josef Stalin.

— Êxito absoluto da operação!

Que se passou? Um erro fatal? Um desacerto da elite científica da Rússia?

No lugar da explosão não se encontra coisa alguma. Tudo está arrasado, reduzido a pó. Mais tarde Ioffe pretenderá que houve um grande erro de cálculo. Um dos componentes não foi elevado ao quadrado. É realmente uma pena, mas não se trata de um crime pelo fato de ser o assunto ainda mais pouco conhecido. De volta a Moscou, os sábios são convocados por Stalin, que está bastante documentado.

— Nenhum de vocês pode ser acusado de falta de responsabilidade — disse Stalin. — Até ao contrário: vocês merecem felicitações. Agora começamos a fortalecer a nossa posição. A verdadeira ascensão vai ter início.

Kapitza e Ioffe são os últimos a saírem.

— É possível que haja mais algum acidente em sua linha de pesquisa?

— Sim — disse Kapitza. — Num certo sentido as reservas de energia são menores, mas o risco é proporcional. Em outro sentido, tudo é absolutamente **incalculável**.

— Empenhem sua capacidade investigadora nos DOIS sentidos — diz Stalin. — Não tenham o menor escrúpulo!

A primeira bomba H soviética, imaginada por Kapitza alguns anos mais tarde, é desse segundo gênero, do gênero **incalculável** pela fusão do lítio.

UM MILHÃO POR UMA GRAMA

Uma estrela de ouro e um milhão de rublos por uma só grama de grafite! A questão é de interesse vital...

Este grito passa de boca em boca, de jornal a jornal, num dos maiores impérios do mundo. A exigência se torna patente em 1945 quando a mais sangrenta das guerras vem de ter um fim.

Todos ficam admirados. A Estrela de Ouro é a mais alta distinção no país dos soviéticos — o sonho de todos os cidadãos. Os professores Krylov e Obrutchev, nonagenários, receberam-na após quase sessenta anos de assíduo trabalho.

Eis aqui o que se dá por tão pouco. Por uma partícula de grafite, de carvão, cujo valor não pode ir além de um rublo? É verdade que se exige uma pequena condição: esta grafite deve ser quimicamente pura, não conter a menor parcela de impureza. Sabe-se, no entanto, que no laboratório fabrica-se a grafite pura e pelo preço de duzentos ou trezentos rublos a grama. Um milhão, na Rússia, é uma soma fabulosa. O primeiro grande prêmio Stalin não vai além de 200.000 rublos.

E por que é esta uma questão vital? Em que esta simples grama de grafite vai aumentar a potência deste grande país?

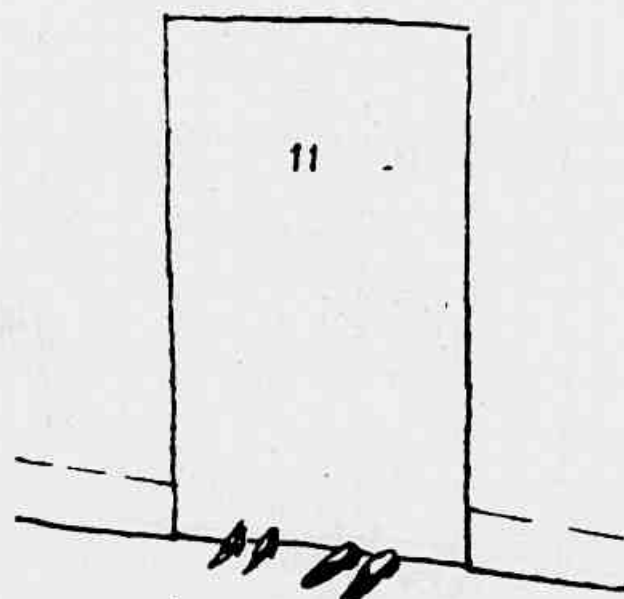
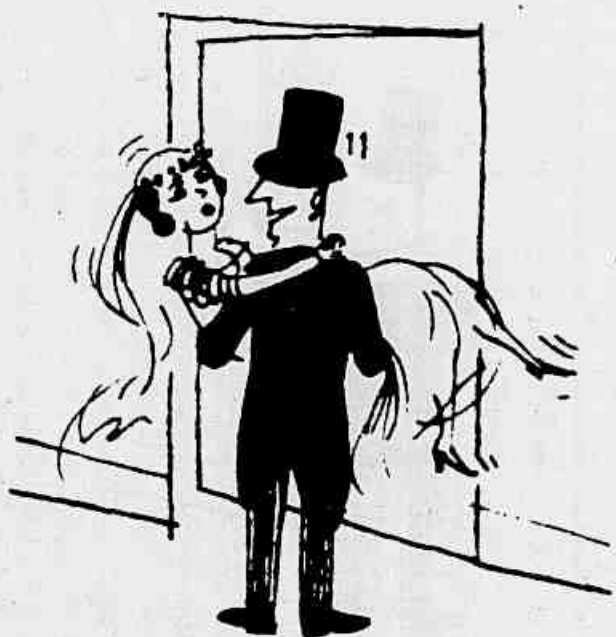
Todos ficam de cabeça quente, mas não compreendem.

Portanto, este apelo não tem nada de agradável, não é brincadeira; é seriíssimo. A tal grama de grafite deve ser produzida **INDUSTRIALMENTE**.

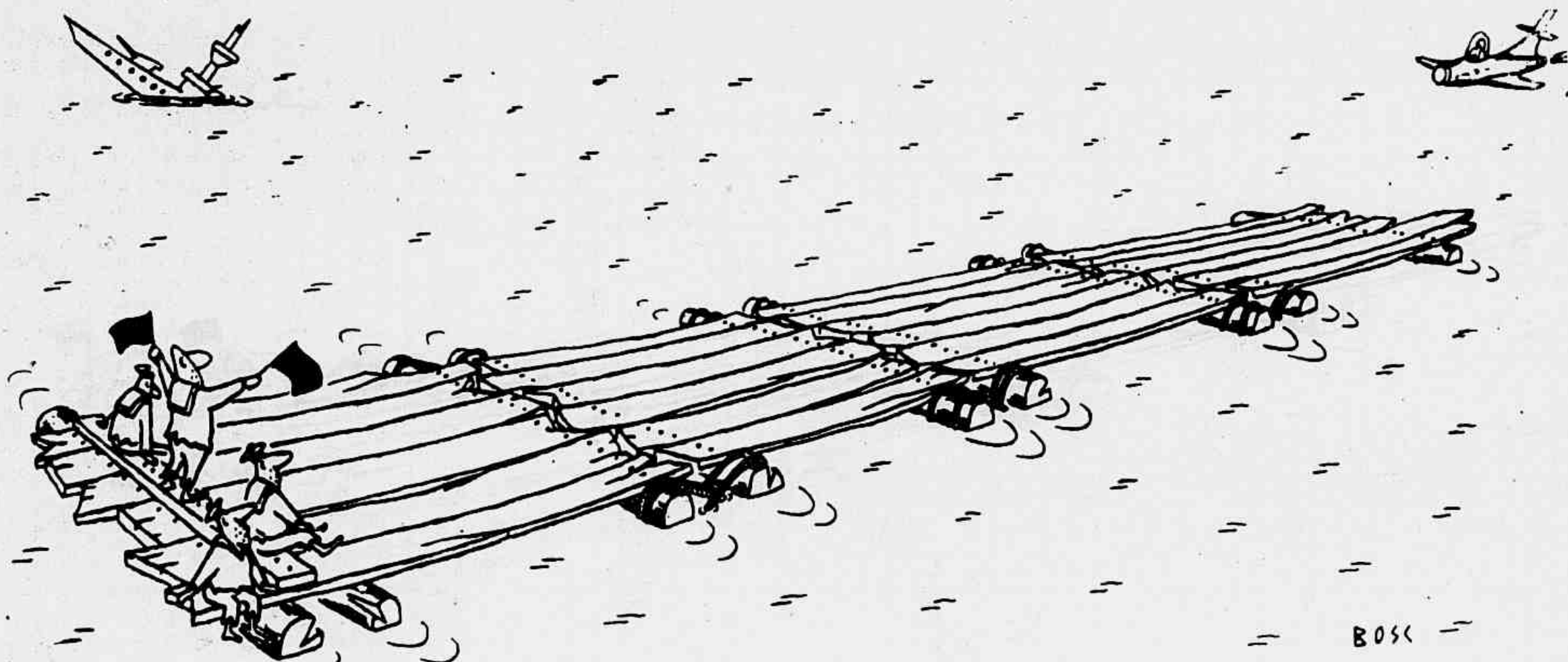
Ele não visa apenas aos sábios russos. O primeiro técnico estrangeiro, que trouxer uma grama de grafite pura obtida mediante processo industrial terá direito à recompensa que o enriquecerá para sempre. Após o fim da guerra, muitas barreiras, antes fechadas foram abertas. É que a Estrela de Ouro confere automaticamente direito a um passaporte soviético.

Tudo isto porque o emprêgo pacífico da forma atômica não pode prescindir da grafite pura. A fissão do átomo liberta, brutalmente, sob a forma de explosão, enormes quantidades de energia. Esta fissão deve ser controlada e dirigida. Os americanos empregam, para isto, a água pesada, mais rara e bem mais custosa. Os homens de Kapitza preferem a grafite por ser menos perigosa, ainda que, de ação menos constante.

(Cont. na página 47)



O RISO DOS OUTROS



PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA COLUNA DE TESTES

- 1—A que casa real pertencia o rei George VI da Inglaterra:
 - Windsor?
 - Tudor?
 - Hanover?
- 2—Qual desses Estados da Federação Norte-Americana possui a maior área:
 - Novo México?
 - Arizona?
 - Texas?
- 3—O poeta espanhol Frederico Garcia Lorca foi fuzilado em:
 - 1928?
 - 1936?
 - 1935?
- 4—Quem inventou a máquina de costura:
 - Isaac Singer?
 - Elisha Gray?
 - Walter Hunt?
- 5—A palavra «bungalow» é de origem:
 - Inglesa?
 - Indiana?
 - Persa?
- 6—O poema sinfônico «Assim falou Zaratustra», baseado na famosa obra filosófica homônima de Nietzsche, é da autoria de:
 - Wagner?
 - Strauss?
 - Schoenberg?
- 7—Qual desses físicos criou a moderna teoria atômica:
 - Max Planck?
 - Robert Oppenheimer?
 - Niels Bohr?
- 8—O lutador de box que conservou por mais tempo o título de campeão mundial:
 - Jack Dempsey?
 - Joe Louis?
 - John Sullivan?
- 9—A «Guerra do Chaco» foi levada a efeito pelo Paraguai contra:
 - Bolívia?
 - Argentina?
 - Chile?
- 10—Em que ano entrou em vigor o Código Civil Brasileiro:
 - 1911?
 - 1916?
 - 1924?
- 11—O primeiro marido da milionária americana Barbara Hutton foi:
 - Um conde?
 - Um barão?
 - Um príncipe?
- 12—Qual o filósofo grego que foi o precursor do nihilismo:
 - Tales?
 - Anaximandro?
 - Gorgias?
- 13—Dessas atrizes francesas foi esposa de Porfírio Rubirosa:
 - Danielle Delorme?
 - Danielle Darrieux?
 - Françoise Arnoul?
- 14—O comprimento do Canal de Suez é de:
 - 23 quilômetros?
 - 94 quilômetros?
 - 165 quilômetros?
- 15—Qual desses poetas brasileiros escreveu a peça «Beatriz de Cenci»:
 - Fagundes Varela?
 - Gonçalves Dias?
 - Gonçalves de Magalhães?

CLASSIFICAÇÃO: — Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco; de 1 a 3: cultura inferior — selvagem; de 4 a 6: cultura média — estudante ginásial; de 7 a 11: cultura superior — universitário; de 12 a 14: um sábio; todas as 15: um gênio em pessoa.

1 — Windsor; 2 — Texas; 3 — 1936; 4 — Isaac Singer; 5 — Indiana; 6 — Strauss; 7 — Niels Bohr; 8 — John Sullivan; 9 — Bolívia; 10 — 1916; 11 — Príncipe; 12 — Gorgias; 13 — Danielle Darrieux; 14 — 165 quilômetros; 15 — Gonçalves Dias.

Senhora:

Vença
Galhardamente
A Menopausa



Usando

Regulador
Gesteira!

BANCO DO COMÉRCIO S. A.

O MAIS ANTIGO DA PRAÇA DO RIO DE JANEIRO

FUNDADO EM 1875 — CAPITAL e RESERVAS Cr\$ 179.107.824,70

SEDE: RUA DO OUVIDOR, 93/95 — Telefone 43-8986

End. Electr.: «BANCOCIO» — Caixa Postal 633

AGÊNCIAS METROPOLITANAS

AGÊNCIA MEIER: Rua 24 de Maio, 135 — AGÊNCIA TIJUCA: Praça Saenz Peña, 9 — AGÊNCIA SÃO CRISTÓVÃO: Rua São Luiz Gonzaga, 173 — AGÊNCIA RIACHUELO: Rua Riachuelo, 367 — AGÊNCIA URUGUAIANA: Rua Uruguaiana, 7 — AGÊNCIA COPACABANA: Avenida N. S. Copacabana, 1155 — AGÊNCIA MADUREIRA: Estrada da Portela, 44.

AGÊNCIA NA CAPITAL DO ESTADO DE SÃO PAULO: Rua Álvares Penteado, 196/200 — Caixa Postal, 8213.

EM S. PAULO HOSPEDE-SE
NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 280,00 — Casal 380,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

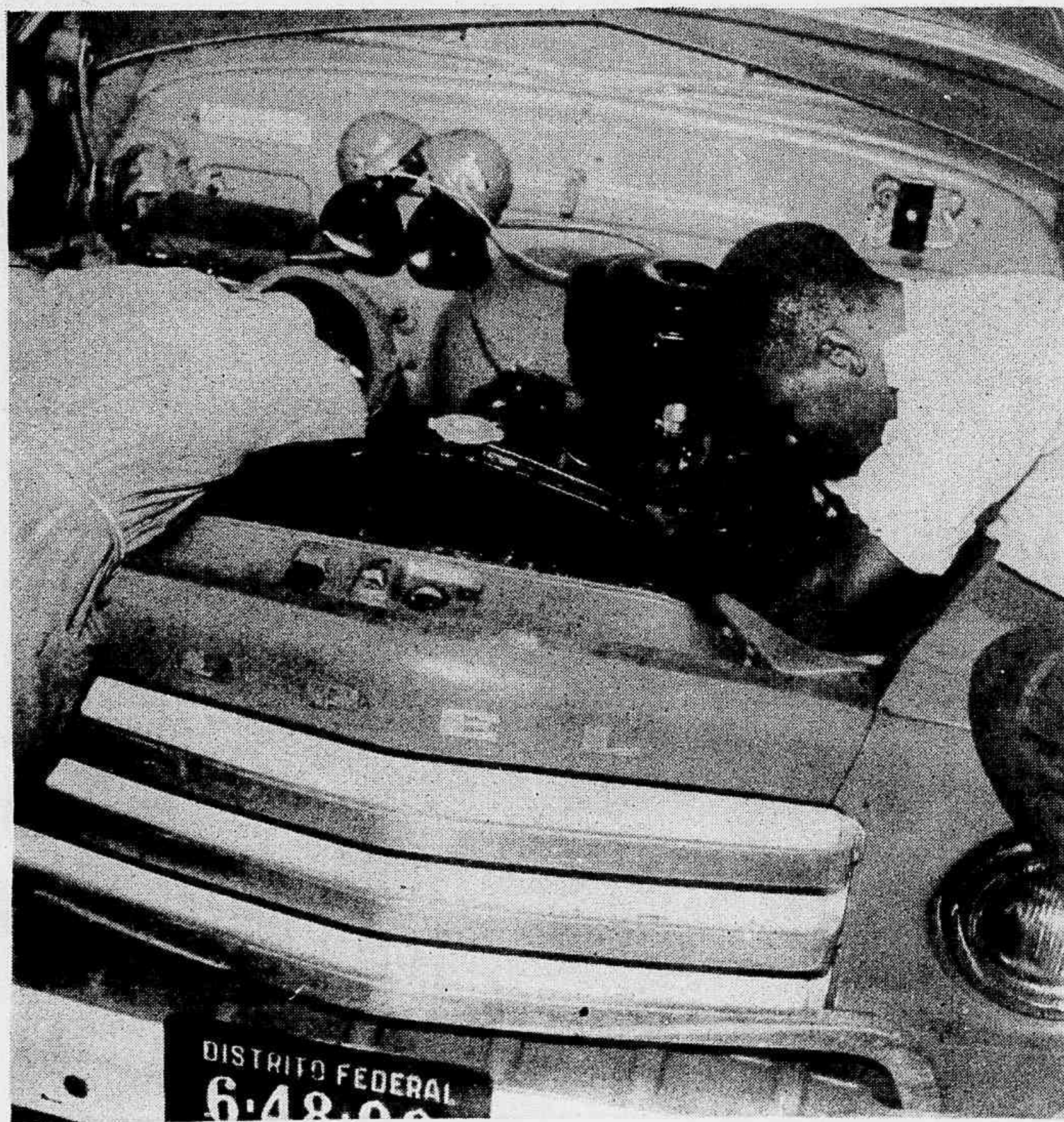
SÃO PAULO — End. Electr.: «PRINCIPEHOTEL»



O MUNDO E A VIDA DE UM MOTORISTA

BRASIL, O GIGANTE SEM ESTRADAS ★ QUANDO O TRABALHO SE TRANSFORMA EM AVENTURA ★ «GOSTO DA VIDA, MAS PREFIRO OUTRA PARA MEUS FILHOS» ★ OS CABARÉS E OS CASSINOS DA ESTRADA ★ AS ATRIBUIÇÕES DE UMA HORA DIFÍCIL ★ O TRANSPORTE POR ÔNIBUS DO RIO PARA O INTERIOR ★ A LEI QUE NÃO EXISTE: «UM POR TODOS E TODOS POR UM» ★ A SOLIDÃO E A SAUDADE.

Reportagem de CESÁRIO MARQUES — Fotos de RONALDO THEOBALD



Antes de partir revisam o motor. O motorista faz o serviço, porque conhece as «manhas» do carro.

A cabine estreita e escura de um caminhão e as intermináveis faixas de cimento ou barro lamacento são o mundo, a saudade e a solidão de um motorista de caminhão, que vive na estrada, sobre rodas a maior parte de sua existência, com uma única felicidade: trazer na volta o bastante para o sustento da família.

Motoristas e ajudantes de estrada têm sempre uma história, uma aventura ou caso para contar. Porém as melhores de suas histórias são, sem dúvida, a sua própria vida. Dias e noites tristes e monótonas dentro da balbúrdia de uma cidade, da calma aparente de uma estrada ou na falsa alegria de um cabaré escondido.



O MUNDO DE UM MOTORISTA DE ESTRADA: A CABINE ESCURA DO CAMINHÃO E AS PISTAS SEM FIM.

Se as aventuras que os motoristas contam são diferentes, as suas vidas são iguais, dentro ou fora do caminhão, com os mesmos dilemas, as mesmas dificuldades, os mesmos perigos e a mesma saudade. Por isso são amigos, mesmo não se conhecendo e a única classe que cumpre rigorosamente uma lei que não consta da Constituição brasileira: a solidariedade e a ajuda obrigatória ao companheiro de profissão, quando em serviço.

UM GIGANTE SEM ESTRADAS

O Brasil, gigante no seu tamanho não dispõe de boas estradas, sendo mesmo a sua rede ro-

doviária medíocre para os dias de hoje. A maior parte não é pavimentada e outras estão mal calçadas. Isto, além de causar desastres, faz do caminhão uma aventura e do seu proprietário o homem que arrisca quase tudo o que possuiu para ganhar muito menos do que devia.

Quando um caminhão parte do Rio para o sul, norte ou oeste vão com ele a incerteza e a insegurança. Várias forças estarão em luta: o motor e a sua resistência contra o desgaste e a distância, a carroçaria contra a estrada esburacada e a saúde e a resistência do motorista contra o cansaço, a poeira e os ladrões.

A HISTÓRIA DE UMA VIAGEM

A história de uma viagem começa antes, na casa do motorista. Rogério (um deles), que chegara de algum lugar no dia anterior, beija os filhos Cleber e Neide pela última vez, abraça a mulher, sente vontade de chorar, mas prefere deixar a Tijuca consolando dona Anita, lhe dizendo que um dia voltará para ficar de vez. «Mas por enquanto, as crianças precisam de escola».

Rogério é um homem de responsabilidade. Por isso ele se cuida e trabalha com toda atenção no volante de seu carro. Possui-lo lhe cus-

O mundo e a vida...

tou muitos anos de trabalho e economias. Os outros, da estrada, também são assim.

Um último aceno da esquina e depois a caminho da garagem, onde já devem ter terminado de carregar o caminhão. Durante a sua permanência na cidade, Rogério teve de cuidar do reabastecimento e da revisão do motor. A carga não é problema dele, mas convém averiguar também. O que pouco lhe restou foi para a família.

«BOA VIAGEM»

A saída do caminhão há sempre alguém para desejar boa viagem. Depois, a estrada com as mesmas paisagens, as mesmas curvas e peripécias.

A primeira parada depois da partida se dá na barreira, onde a carga é examinada.

Motorista de estrada tem por obrigação saber um pouco de cada profissão. Tem que ser corajoso, ter sangue frio, saber atirar, saber cozinhar, ter vontade e pressa de chegar e, o principal, entender de motor mais do que o próprio fabricante.

As vezes passa de 15 a 20 dias seguidos na estrada, dormindo em rédes, em lonas sob o caminhão, em camas estreitas arranjadas na cabine ou pernoitando em hotéis baratos nas cidades do caminho.

E' na solidão desta vida que o motorista procura os cabarés e as casas suspeitas. Não é sempre que as encontra. Algumas cidades os possuem, outras não. A margem de algumas estradas se pode encontrar até casas de jogo. Na rodovia Presidente Dutra, a nossa principal, por exemplo, encontramos o «Cassino da Baianinha» próximo ao Belvedere, outros próximo que Clube dos 500, inclusive. Algumas cidades famosas entre os motoristas, por este motivo: Petrópolis, Barra Mansa, Barra do Piraí, Vassouras, Campos, Juiz de Fora, etc. Sem falar em Caxias e São João de Meriti, embora muito perto do Rio.

Outros, por serem casados, ou não gostarem de muita confusão, preferem parar o caminhão próximo a uma fonte, beber água fresca, jogar cartas e conversar com outros companheiros, enquanto o sono não vem. No caso os amigos são homens recém-juntados pelo mesmo destino. Homens motorizados que se unem todos os dias depois das 5 da tarde (quando a viagem começa) e viajam juntos horas ou dias seguidos, embora a 100 metros de distância. São caravanas formadas de improviso, para evitar os ladrões, para dar e pedir ajuda em caso de necessidade.

A NOITE NA ESTRADA

A noite na estrada pode ser vista de dois modos: o que viaja e o que dorme, para descansar.

O que viaja vai enfrentar as curvas, as subidas, o perigo de um caminhão parado em local não apropriado e sem luz, os ladrões que às vezes preparam armadilhas, atravancam a estrada para impedir a passagem. Eis alguns dos trechos mais perigosos para uma viagem noturna: na Presidente Dutra, entre Nova Iguaçu e Barra do Piraí; a Rio-Petrópolis entre Caxias e a subida da serra; e no sertão propriamente dito. A quadrilha do famoso «Mineirinho» e outras perigosas agiam nestes trechos. Nas proximidades dos cabarés há sempre frequência de crime e roubo.

O que dorme também corre perigo, mas há sempre quem lhe vele o sono. Os caminhões param juntos e, enquanto um dorme, o outro vigia.

Iris Pereira da Silva é motorista de caminhão há 12 anos. Tem dois filhos e só os vê de mês em mês. Tem o retrato deles junto ao coração, no bolso do blusão e não se cansa de falar deles aos companheiros.

— «Meus filhos são os mais engraçados do mundo. E como são inteligentes. No ano que vem o mais velho entrará para a escola. Posso garantir que não sairão a mim. Gosto do caminhão, mas prefiro para eles uma vida calma e melhor. Por isso trabalho».

No grupo de motoristas que conversava e comentava a beleza da noite e da lua, junto a uma fonte próximo a serra do Monumento, Sebastião Pereira passou a mão nos cabelos de Nelson, rapaz de 17 anos e respondeu a Iris:

— «Pois o meu filho será igual a mim. Só deixará a estrada para servir ao Exército. Quando eu morrer, ele lutará pelo resto da família».

— «Bem faço eu que sou sozinho. Não tenho mulher nem filhos. Mas, bem que gostaria de ter alguém» — retrucou Ricardo Pereira.

Quando não falam dos parentes, o assunto dos homens da estrada é sempre o mesmo: tempo, calor, frio, a hora, a volta, água fresca ou quente, fome e às vezes futebol, que às vezes se escuta pelo rádio. Um detalhe, o Vasco é o clube mais querido pelos motoristas.

Depois de refrescar a garganta e encher o radiador de água, a ordem é seguir viagem. O motorista se despede dos companheiros por minutos (até a próxima parada), fecha os vidros para evitar a poeira e volta firme à faixa.

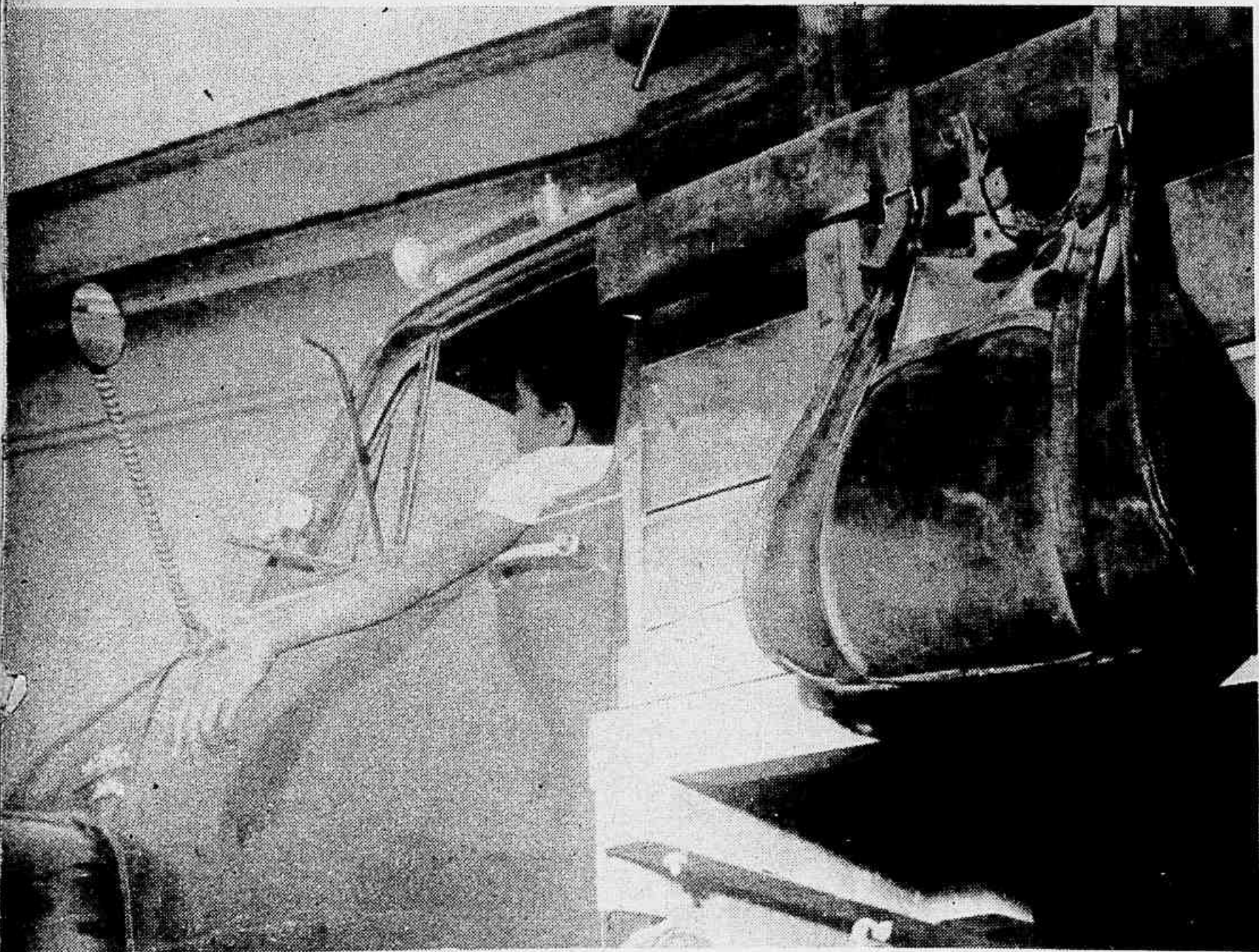
Antes, o último quarto de vigia, já tinha preparado o café, servido em canecas de lata.

A CASA DO MOTORISTA

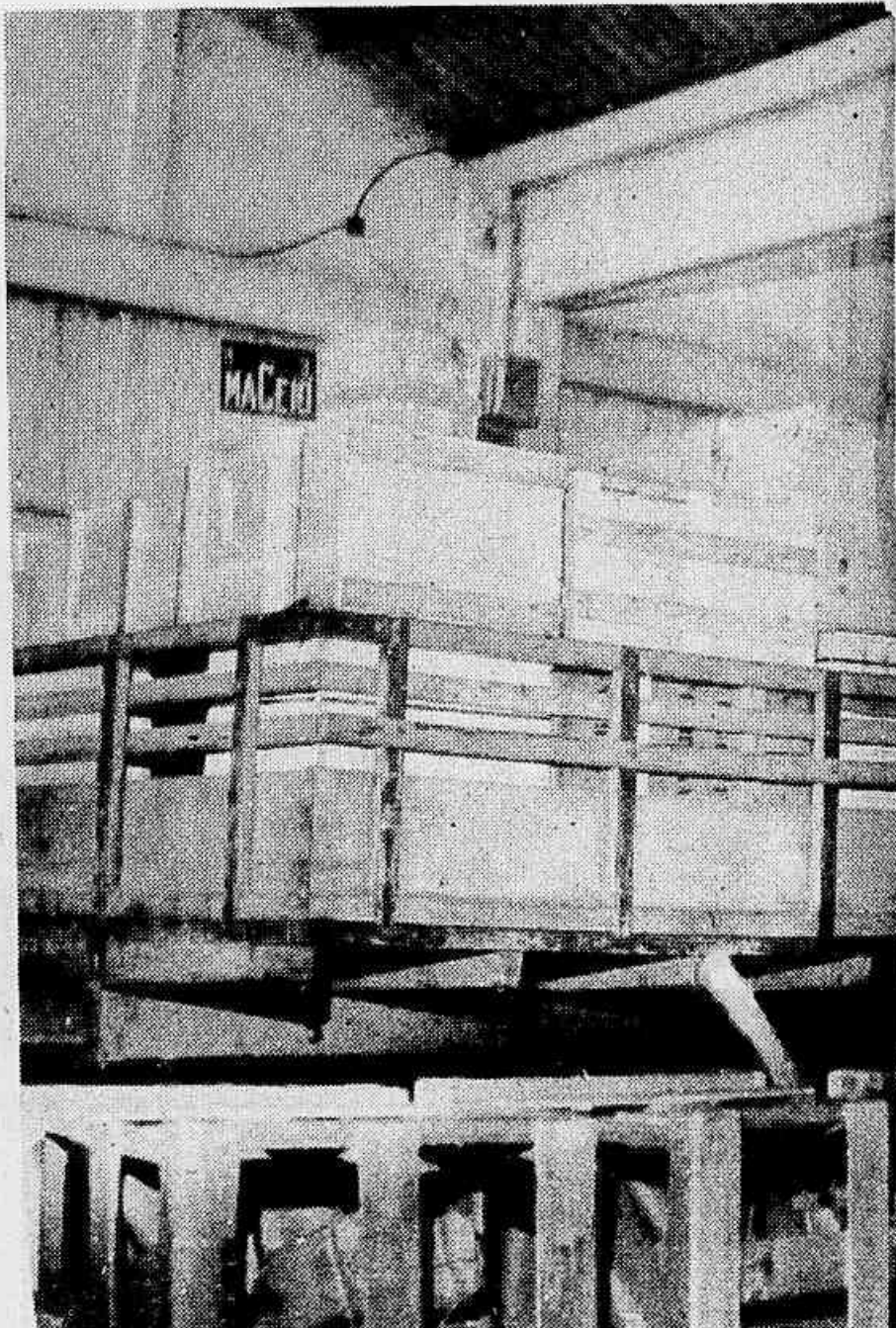
Se o caminhão é da empresa, o motorista tem cuidado e procura cumprir as determinações do patrão. Mas se é dele próprio, a coisa muda de figura. Ele o enfeita, procura transformá-lo em mais bonito e equipado que os outros.

Conheço um que juntou vários tipos de busina com sons diferentes e até músicas executam com eles. Outros iluminam todo o veículo e colocam almofadas confortáveis sobre os bancos. Não há caminhão sem uma imagem. Nossa Senhora, a preferida.

Na estrada, o cachorro continua sendo o maior amigo do homem. Muitos «policiais» podem ser vistos em cima das altas cargas dos caminhões na sua função de «guarda». Trabalham com eficiência e lealdade, pois não deixam estranho se aproximar do carro, sem dar o alarme. E atacam se fôr preciso.



Água para a viagem. Rumam para Recife e atravessarão zona de seca. O líquido tem que durar.



Carregando antes da viagem. Os empregados

AS ESTRADAS

São duas as principais estradas que ligam o Rio ao resto do Brasil onde se pode ir de auto. A Presidente Dutra vai para o Sul e a Rio-Petrópolis, com bifurcações nas outras direções.

A média diária de trânsito na antiga rodovia Rio-Petrópolis é de 4.255 veículos, na barreira de Vigário Geral, 38,5 deste número são caminhões, 29,7 ônibus, 21,1 automóveis e o restante de outros tipos. Em 1954, no primeiro trimestre foi estabelecido o total de 382.950 veículos naquela estrada.

Dados oficiais fornecidos em 1954 assinalavam o número de 36 acidentes em média trimestral para todas as estradas federais do Brasil.

Assim temos mais de 1 desastre por dia nas estradas, fora outros de pouca importância que não chegam ao conhecimento das autoridades.

OS DISTICOS

Voltando às estradas dos pesados caminhões que rodam dias e noites seguidas cortando o Brasil de Norte a Sul, lembramos os disticos que muitos motoristas de estrada escrevem nos pára-choques de caminhão.

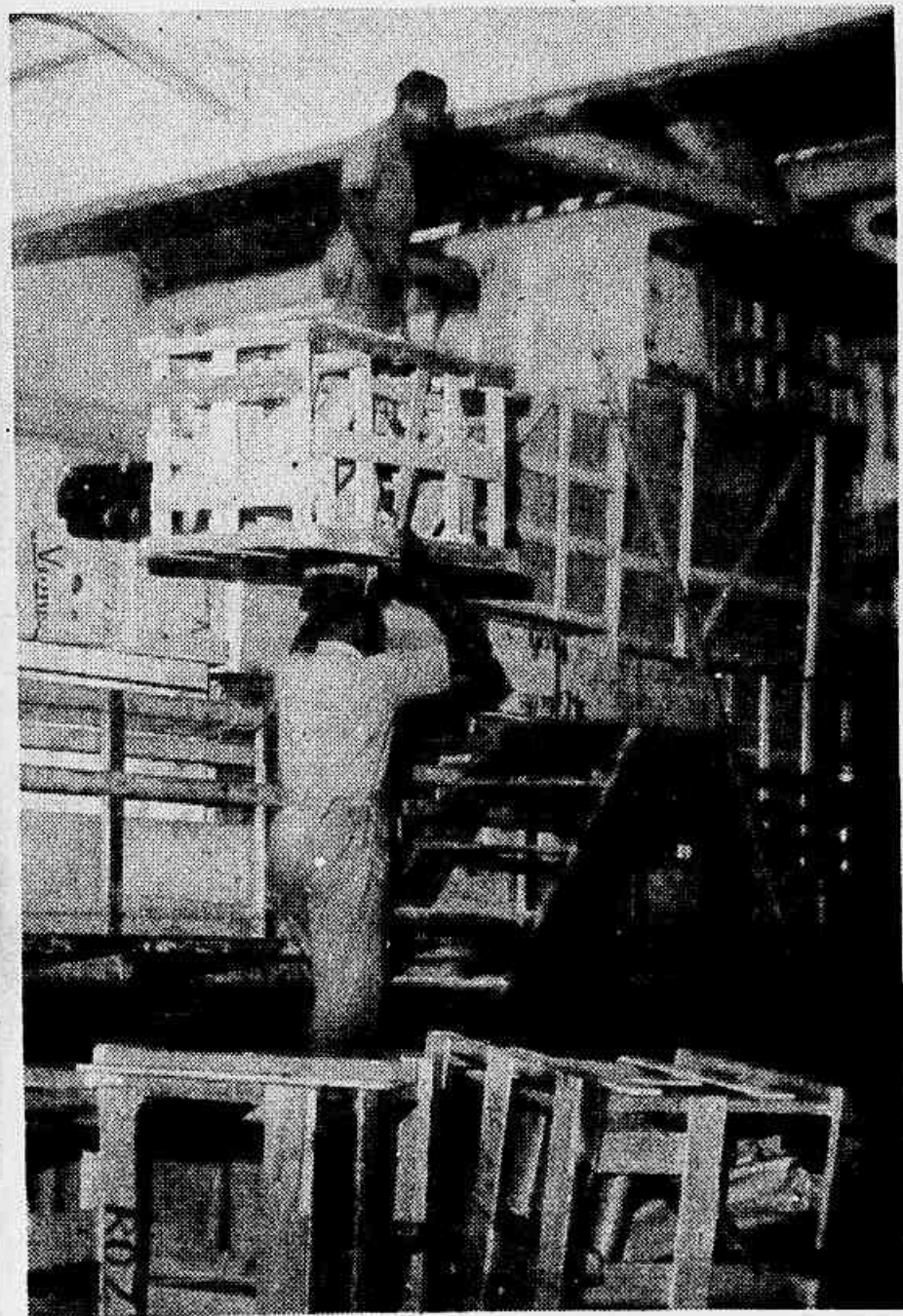
«Meu destino está com Deus», frase que diz muito da personalidade do motorista.

«Sai da janela curiosa, me deixa em paz», muito justificada a frase, porque nas cidades de interior os motoristas de caminhão são tidos mesmo como autoridades.

Mais engraçada porém é uma outra que aparece em letras bem pequeninas na parte de baixo de um pára-choques: «Quem muito se abaixa, sabe o que aparece». E note-se que de pé, ninguém consegue ler.

OS MENINOS DA ESTRADA

As estradas estão cheias de menores trabalhando em caminhão. Ganham a vida desde pequenos fazendo serviço de gente grande e passando apertos de autênticos sofrendores. O



não são halterofilistas, mas carregam grandes pesos

ordenado consta apenas de almoço, janta, café, casa (o próprio caminhão) e vinte ou trinta cruzeiros por dia em dinheiro.

João (sem sobrenome), o menino de 15 anos, que não tem pai nem mãe, nasceu no norte e vive nas estradas, é um triste exemplo destes meninos.

Sem saber escrever ou ler, sem ter conhecido qualquer coisa feliz em sua vida, João conheceu «seu» Antônio, a quem chama de tio e com quem vive de cidade em cidade. Nascido em Paciência, Bahia, João espera mesmo com cal-

ma por qualquer coisa, o mesmo que Deus quiser.

Apesar de não conhecer a felicidade, João conserta pneus, cose lonas, enche radiadores e lava o 3-15-14 (Feira-Bahia) sem pensar nos brinquedos que nunca teve. Só deixa o trabalho para ir a missa, com seu «tio» Antônio.

José Lourenço, também com 15 anos, natural da Paraíba, de Campina Grande é um caso idêntico. Apenas tem pais e trabalha para auxiliá-los. Seu maior desejo é ser motorista um dia.

TRANSPORTE POR ÔNIBUS

Milhares de pessoas usam diariamente as estradas para se locomover dentro do Brasil. Apresentamos todo o movimento de ônibus, com entradas e saídas do Rio para o interior:

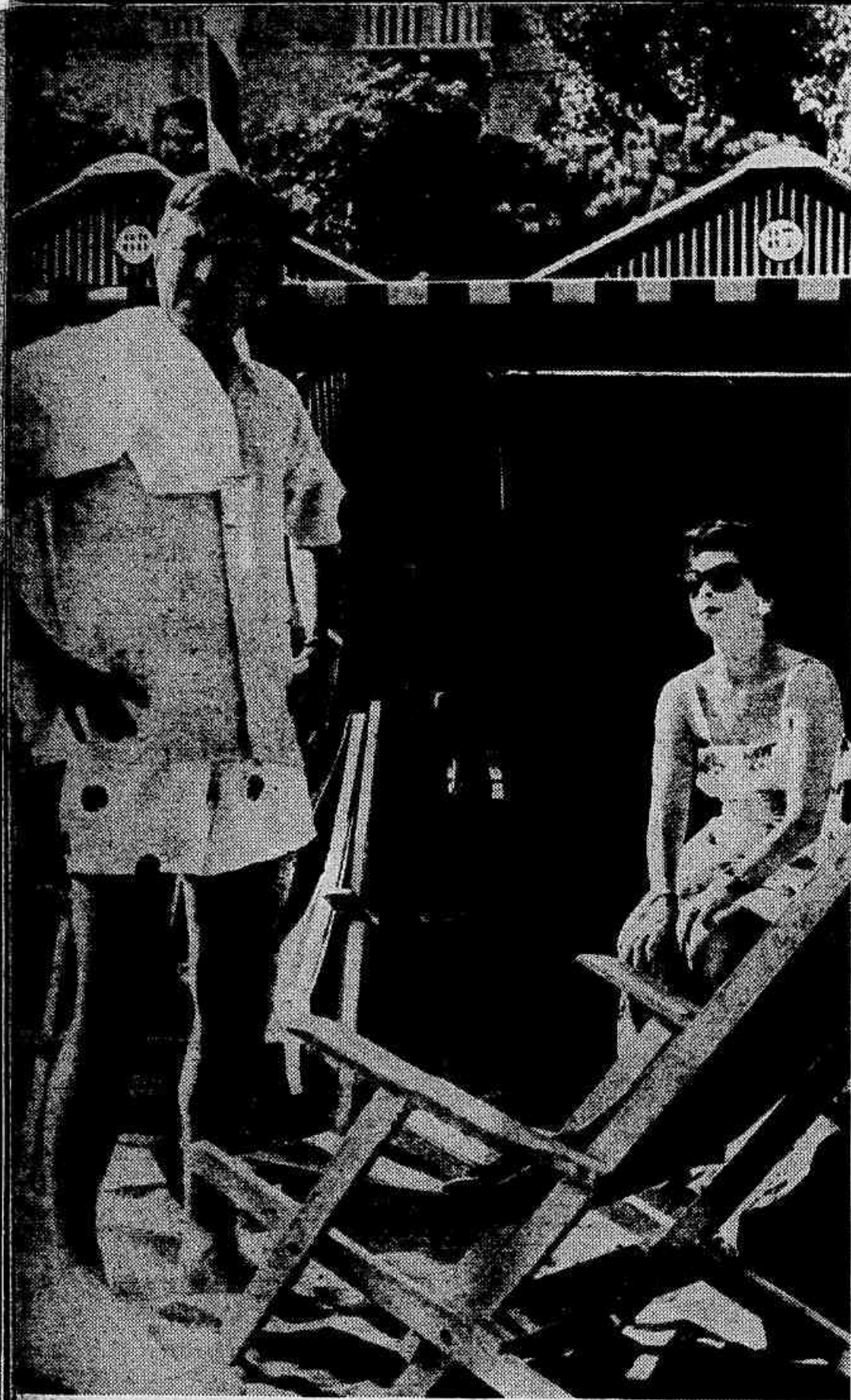
LINHA	KM	PASSEGEIROS
Rio-Porciúncula	478	1.166
Rio-Muriá	316	1.574
Rio-Cataguases	264	954
Rio-Muriá (EVA)	316	13.771
Rio-Caratanga	524	12.505
Rio-Cataguases	264	3.096
Rio-Muriá (E. Luxo)	316	3.704
Rio-Leopoldina	246	3.956
Rio-Teresópolis	124	16.224
Rio-Campos	376	11.906
Rio-Teresópolis	124	7.719
Rio-Pôrto Novo	183	23.743
Rio-F.N. Motores	46	73.670
Rio-Vila São Luís	28	54.170
Rio-Pôrto Novo (EVA)	183	25.189
Rio-Juiz de Fora	221	41.146
Rio-Barbáena	391	1.965
Rio-Cataguases	266	25.146
Rio-Juiz de Fora	221	9.579
Rio-Teresópolis	124	41.772
Rio-Petrópolis	69	1.255.556
Rio-Magé	68	59.471
Rio-Santo Aleixo	87	28.661
Rio-Juiz de Fora	221	120.140
Rio-Petrópolis	69	4.177
Rio-Paraíba do Sul	150	50.670
Rio-Três Rios	138	36.763
Rio-Nova Iguaçu	39	1.127.793
Rio-Itajubá	332	2.623
Rio-São João de Meriti	35	1.671.979
Rio-Barra Mansa	162	98.136
Rio-Marquês de Valença	153	7.240
Rio-Belfort Roxo	32	131.607
Rio-São Paulo (Cometa)	433	479.668
Rio-Barra do Pirai	118	56.778
Rio-Rezende	163	9.252
Rio-Marquês de Valença	153	15.277
Rio-Vassouras	142	44.356
Rio-Barra Mansa	162	70.996
Rio-Cambuquira	373	4.917
Rio-São Lourenço	194	7.839
Rio-Caxambu	285	7.889
Rio-Nova Iguaçu	39	993.715
Rio-Rezende	163	10.549
Rio-Cruzeiro	205	3.715
Rio-Itatiaia	176	3.954
Rio-São Paulo (EBVL)	433	394.253
Rio-São Paulo	433	2.610

Algumas linhas que aparecem duas vezes são feitas por mais de uma empresa. Como pode-se notar, Petrópolis era a linha mais freqüentada, seguida de perto pela de Nova Iguaçu. Algumas locais, como Friburgo e Araruama, que atualmente são ligadas por ônibus ao Rio, em 1954 não eram, por isso não constam da lista.

Pela Presidente Dutra trafegam 36 empresas, fazendo 80 linhas diferentes com 14.414 quilômetros de extensão total, transportando uma média de 8.583.327 passageiros por ano. Na antiga Rio-São Paulo apenas uma empresa funciona, percorrendo 37 quilômetros e transportando 69.863 passageiros.

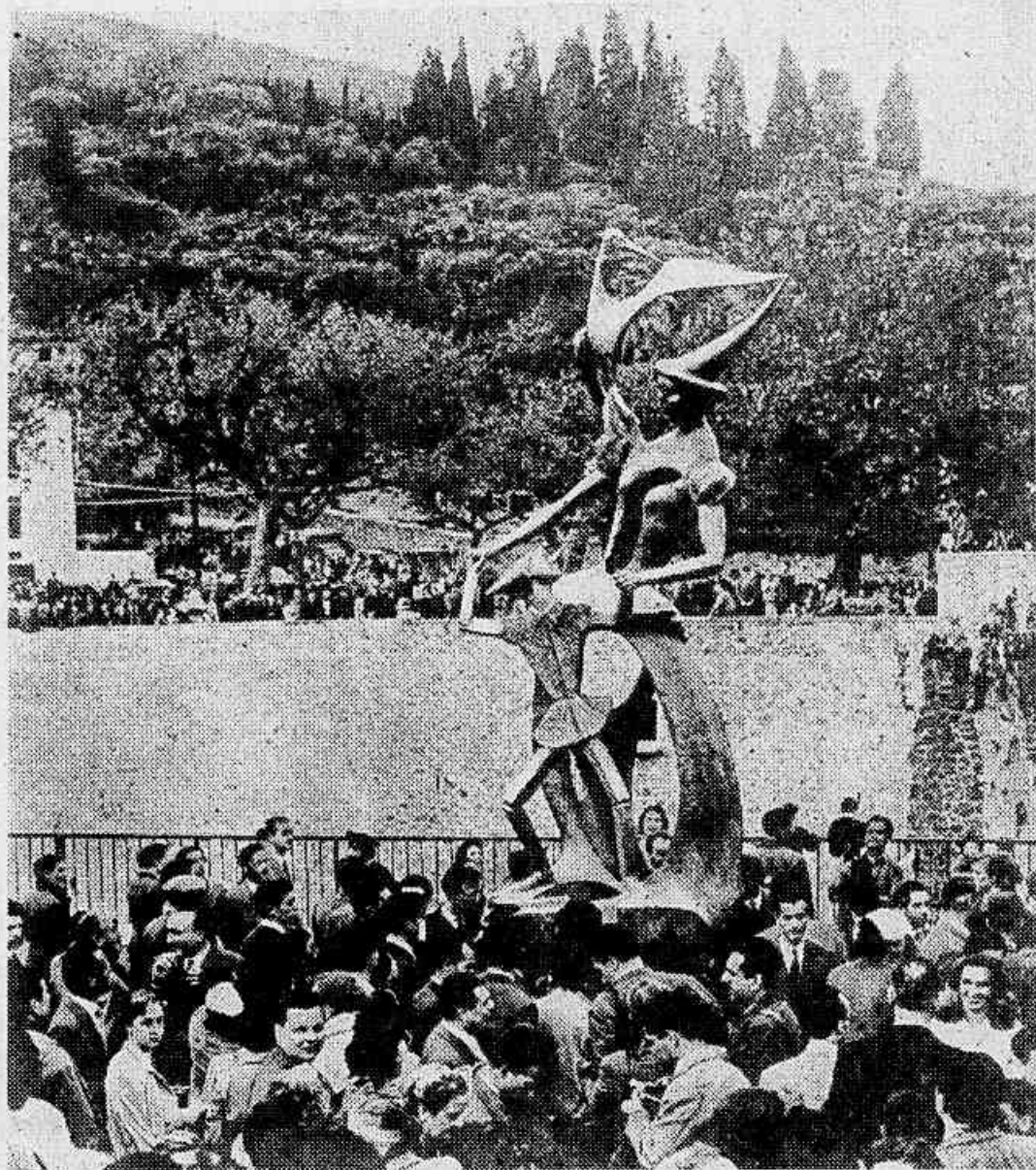
Na nova Rio-Petrópolis, a barreira registrou em 1954 a passagem de 4.833.091 passageiros. São 26 empresas que por ali passam, com 50 linhas, percorrendo 6.237 quilômetros.

Oito empresas registradas atravessam diariamente a barreira de Vigário Geral, com 8 linhas, 188 quilômetros, transportando uma média anual de 13.209.510 passageiros (1954). Em todas as estradas federais, circulam 232 linhas, de 141 empresas cobrindo 39.691 quilômetros. Em 1954 foram transportados 30.277.927 passageiros, dando uma soma de 169.601.659.635 passageiros por quilômetro. Nota-se no Brasil que o transporte por ônibus vai tomando conta da preferência dos passageiros, enquanto permanece no transporte cargueiro a supremacia dos trens que dão maiores facilidades. Em 1941 o Brasil contava apenas com 288.566 caminhões, sendo 168.541 (ou 73%) particulares. Atualmente os números aumentaram, mas permanece a maioria dos particulares.



JAMES MASON, com a mulher Pamela, encontra-se no Lido, até onde vieram a fim de assistir ao Festival de Veneza. Junto com o casal encontram-se seus filhos Portland e Alexander. Mason assistiu à «première» de seu último filme, «Frente ao Espelho», de que foi, aliás, também produtor.

EM PISTOIA, na vila de Colodi, terra do popular criador de Pinocchio, acaba de ser inaugurada uma linda estátua desse personagem infantil, cuja celebridade atual pode ser comparada ao dos famosos tipos criados por Andersen e Perrault. Pinocchio é hoje um tipo universal.



POR ÊSSE MUNDO DE DEUS



OS GOVERNANTES do menor país do mundo. Príncipe Rainier III e sua linda esposa Princesa Grace Kelly, conversam com o Presidente Eisenhower, na Casa Branca. Ike explica que a primeira dama do país encontra-se doente com um resfriado, razão porque não pôde vir receber os ilustres visitantes.

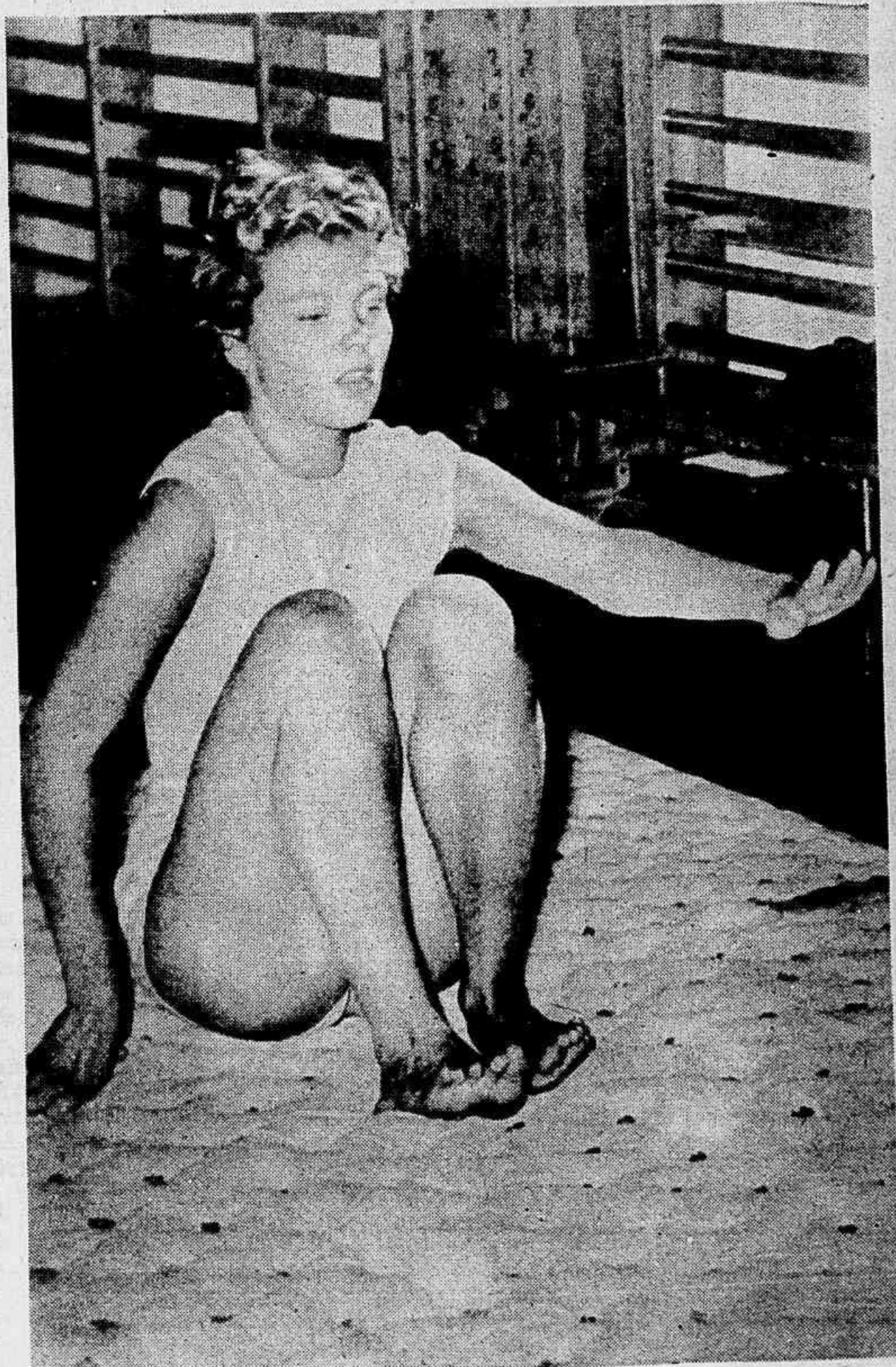


NUM CANTINHO dos estúdios de Boulogne, Audrey Hepburn e Gary Cooper, juntos pela 1ª vez no filme «Ariane, jovem russa», recebem as últimas recomendações do diretor Billy Wilder. Audrey está inquieta por causa do seu recalcitrante coadjuvante: um violoncelo. Gary, muito gentil, ajuda-a.



JAMES JAGGER, cozinheiro em um «night-club» de Detroit, passeava pelo Jardim Zoológico local quando seus olhos incidiram sobre uma jibóia. Foi praticamente amor à primeira vista, pois Jagger imediatamente furtou a bichinha, colocou-a sob o paletó e partiu para casa. Jagger, que na mocidade foi domador de serpentes, foi preso em seguida.

TODOS OS dias, em um belo ginásio, em Estocolmo, uma jovem loura e de formas esculturais entrega-se aos exercícios físicos com o maior dos entusiasmos. É a princesa Brigitte, filha mais jovem do rei da Suécia, Gustavo V — o qual, na mocidade, foi um famoso tenista, tendo aliás competido até que sua avançada idade o impedisse de pisar as quadras. Brigitte fala sueco, norueguês, inglês, francês e alemão, tem 20 anos e grande queda pela ginástica.



REVOLTA CONTRA A FOME

EDUARDO TOURINHO

PARA o europeu que ao Brasil chegava nos dois primeiros séculos da Colonização, o braço para os duros trabalhos de Engenhos e Fazendas tinha maior importância do que a descoberta de ouro e pedrarias. As minas constituíam, em verdade, a obsessão da Metrópole, mas aos núcleos humanos escassamente existentes na orla litorânea e no sertão que começava a devassar-se, constituía o escravo — índio ou africano — a principal riqueza porque era fator de sobrevivência.

A preta do silvícola — que despovoava o Brasil através de «Entradas» e «Bandeiras» — representava para o Civilizado uma cruel inclínvel necessidade. Contra essa guerra sem quartel — embora ao pensamento da criação de um império indígena no gênero do paraguai — lutaram impávida e intimoratamente Nóbrega e seus companheiros de apostolado. Arcaram, abnegadamente, com o ódio de colonos e governantes.

No extremo norte do Brasil, a aplicação da lei que proibia a escravidão dos aborígenes sob pena de «cárcere apertado» e que transferia sua administração à Companhia de Jesus, foi recebida pelos habitantes do Maranhão como iminente ameaça de fome. Em vão protestou a Câmara contra essa legislação que fixava em dois meses, apenas, o trabalho do indígena nas lavouras... Em 1670, um escravo índio valia em S. Luís quatrocentas varas de pano de algodão na base de quatrocentos réis a vara e, em Belém, cento e cinquenta varas. Para Vieira, só a vinda de africanos resolveria o cruciante problema da falta de braços.

Foi sob sua inspiração que — financiada inicialmente por **cristãos novos** — fundou-se, em Lisboa, a Companhia de Comércio. Tinha o privilégio de, por vinte anos, importar para o Maranhão e do Maranhão exportar todas as utilidades. Obrigava-se a trazer anualmente a S. Luís quinhentos escravos para serem vendidos a cem mil réis cada um.

Mas a Companhia — o Estanco — agiu com tal desacerto e tamanha usura, que tudo escasseou e tudo subiu de preço. Malograva-se, dessa forma, o que o grande inaciano vira como adequado remédio aos males do Maranhão. Os exageros do Fisco e as véxações dos administradores ainda mais agravavam a situação. Tudo isso impelia o povo ao desespero.

x x x

Nesse clima propício, pôde Manuel Beckmann — o Bequimão — urdir contra a fome a revolta de que foi o epígono.

De Portugal, viera muito moço para o Maranhão. Inteligente, empreendedor e ousado, dentro em pouco tornou-se dono de Engenho no Meari. Viu-o Handelsmann como «homem de consideráveis qualidades espirituais». Em 1668 foi vereador na Câmara de S. Luís. O movimento em que se empenhou constituiu para Rocha Pombo «a primeira manifestação formal e violenta do espírito da terra contra os processos da Metrópole».

Em 1678 foi, pelas agitações que provocava, mandado recolher preso à fortaleza de Gurupá pelo governador Inácio Coelho da Silva. Mas dois anos depois — com Francisco de Sá de Menezes governando em Belém e com Baltazar Fernandes servindo de capitão-mor em S. Luís — recuperou Beckmann a liberdade. Teria, então, recebido a oferta de quatro mil cruzados e de destacada posição desde que se abstivesse de insuflar o povo à revolta.

Mas ele não se deixou corromper. Ao contrário: redobrou de atividade e, a 24 de fevereiro de 1684, estalava a sedição. Reunindo o povo no cercado do convento de S. Francisco, discorreu Beckmann sobre a finalidade do movimento: destituir o governador e o capitão-mor; abolir os privilégios do Estanco; expulsar os jesuítas... E logo Manuel Serrão de

Castro desembainhou a espada e marchou à frente do povo... Houve assassinios, depredações, casas invadidas. As fortalezas e o Arsenal foram tomados e o capitão-mor Baltazar Fernandes — embora sob protesto em que arriscou a vida, — teve, ante a responsabilidade da esposa, de conservar-se preso na casa em que morava. Detido também foi o juiz de órfãos Manuel de Campelo de Andrade. A luta aderiram moderadamente os moradores de Alcântara.

Improvizou-se uma Junta Governativa com dois representantes da nobreza — Beckman e Eugênio Ribeiro — e dois representantes do clero — o vigário geral e um carmelita — e ainda outros dois por parte do povo. O poeta e advogado Tomás Beckmann — irmão do chefe revolucionário — fez a propaganda do movimento por meio de cartazes afixados por toda a parte.

Logo decretou a Junta a deposição do governador Sá de Menezes e do capitão-mor Baltazar Fernandes; a abolição dos privilégios da Companhia de Comércio; o banimento dos jesuítas. Procuradores do povo, foram aclamados Manuel Beckmann e Eugênio Ribeiro. Na Catedral, realizou-se solene «Te-Deum». Decidiu-se a partida de frei Luís Pestana para o Pará levando cartas esclarecedoras à Câmara de Belém e ao bispo D. Gregório dos Anjos. Quanto a Tomaz Beckmann, teve a incumbência de explicar em Lisboa as causas e razões da rebeldia do povo. Mas, lá, foi preso e para o Brasil reenviado na frota que trouxe Gomes Freire de Andrade. Em Cabo Verde tentou fugir homiziando-se, inutilmente, numa igreja. Da cadeia de S. Luís tentou nova evasão, tal conta frei Domingos Teixeira na «Vida» de Gomes Freire.

x x x

A 25 de março de 1685 — cercado de consideráveis forças — ao Maranhão chega, enfim, Gomes Freire de Andrade.

Apavorados, os prosélitos de Beckmann abandonam-no. A cabeça do herói é posta a prêmio enquanto chefes do movimento desapareciam... Sôzinho e desamparado, aquele que tentara salvar o povo da fome e da opressão recolhe-se ao Engenho do Meari. Lá, teria paz e segurança. Não o prenderiam facilmente...

Mas — como um escárneo à dignidade humana — seu afilhado Lázaro de Melo atraiçoa-o e entrega-o à justiça d'el-rei.

Com o ouvidor Jorge de Sampaio — que tinha mais de setenta anos — foi Beckmann, a 2 de novembro de 1685, enforcado na Praia do Armazém, depois da Trindade. Antes de para sempre cerrar os olhos disse que «pelo Maranhão dava, satisfeito, a vida».

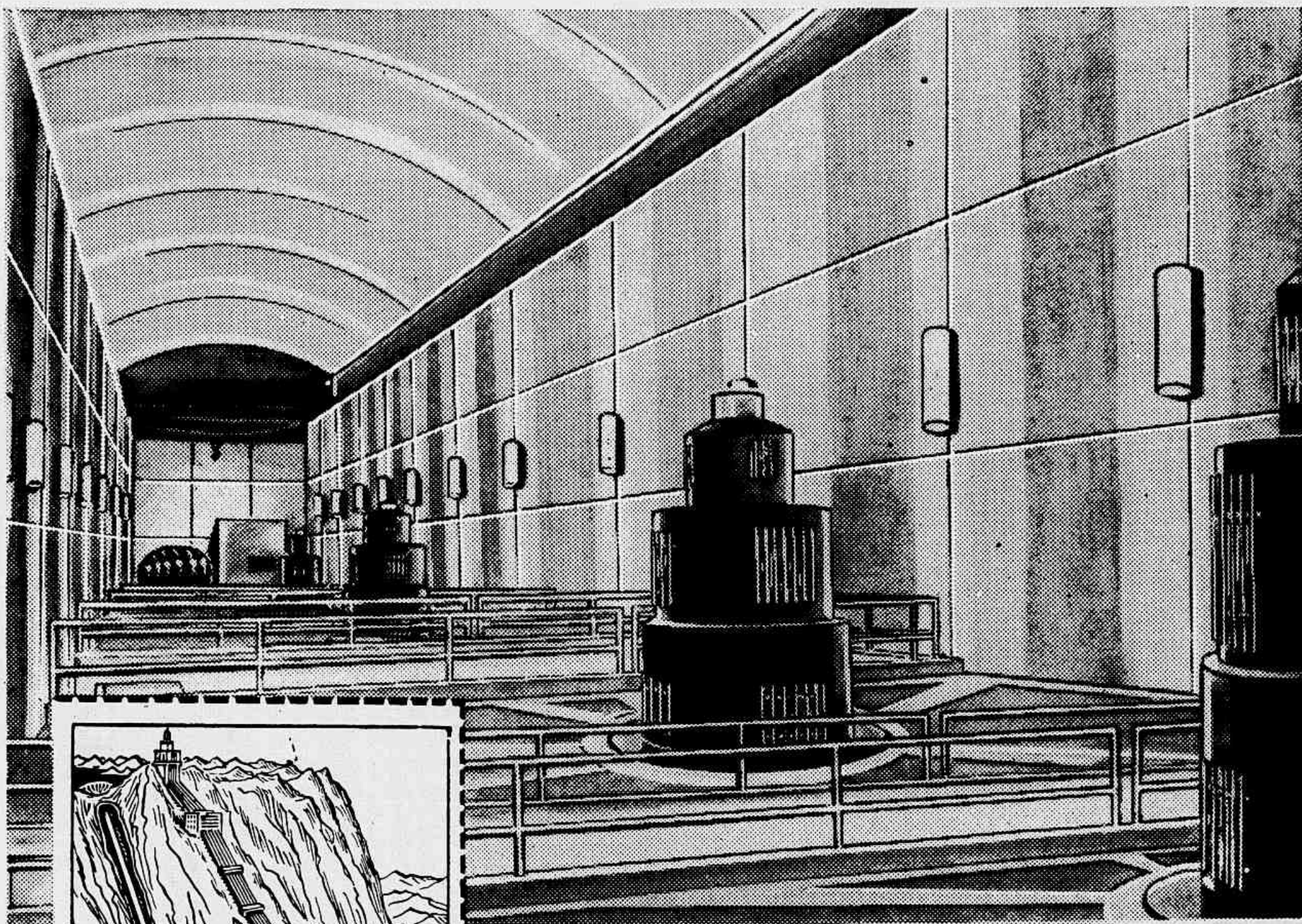
Presos, foram Eugênio Ribeiro e Manuel Serrão. Degredado, foi Tomaz Beckmann. Só vinte anos depois pôde ao Maranhão tornar. Mas em 1716, seu filho Roque serviu como oficial do Senado da Câmara de Belém.

Quanto ao pestilento Lázaro de Melo — tornado capitão da Companhia dos Nobres — esmagou-o o desprezo coletivo. Num Engenho, findou seus negros dias garroteando-se...

Mas o nome de Manuel Beckmann — o Bequimão — purificou-se no tempo e cresceu na admiração dos homens. Um drama — interpretado por João Caetano no Rio de Janeiro de 1848 — inspirou a Carlos Luís de Saules. Outro, ao tenente Domingos Joaquim da Fonseca. Uma tragédia, a Gaudêncio Sales da Costa. Um estudo — «Manuel Beckmann — Um mártir alemão na História do Brasil» — a Friedrich Summer. O notável J.F. Lisboa — no «Jornal de Timon» — e o excelente padre Felipe Betendorf fixaram admiravelmente essa revolução colonial.

Em 1910, finalmente, em S. Luís foi erguido um monumento à memória daquele que perdeu a vida, contente, pelo povo do Maranhão.

PELO PROGRESSO DO BRASIL...



INTERIOR DA USINA SUBTERRÂNEA DE CUBATÃO



A Usina de Cubatão é a mais potente da América latina com a capacidade instalada de 744.000 kW.

...A GRANDE USINA DE CUBATÃO

Esta grande usina brasileira, parte do sistema Rio-São Paulo, conhecida mundialmente como uma notável realização de engenharia, produziu em 1955 mais de 2 bilhões e 300 milhões de kWh para suprir indústrias e populações da área servida pela São Paulo Light. Com a entrada em operação da sua seção subterrânea, a usina registrará novos recordes de produção de energia elétrica, continuando assim a contribuir de maneira apreciável para o desenvolvimento econômico do Brasil.



O BRASIL MARCHA COM A ELETRICIDADE



DESCULPA DE AMARELO...

♦ Eu fui levado à casa do romancista José Américo de Almeida pela mão de outro paraibano — o José Simeão Leal, que queria muito que eu fizesse umas fotos do autor de «A Bagaceira». O romancista paraibano, que nesta ocasião exercia o mandato de senador na Câmara Federal, pelo seu Estado, morava numa bela residência à rua Getúlio das Neves, no Jardim Botânico. E estava deitado numa bela rede de algodão branco, de franjas, com um livro nas mãos, lendo. Acho que não foi avisado, pois quando nos viu entrar, ergueu a vista do livro e mostrou uma carranca daquelas... Assim mesmo nos atendeu com polidez, deitando

o livro de lado; falava baixo, como que constrangido, com a voz mansa, de inconfundível acento nordestino. Eu fiquei desconfiado, sem jeito... A princípio tentei fotografá-lo na rede, mas após várias tentativas, tive que desistir pois vi logo que não dava certo. O homenzinho, por mais que eu fizesse, não havia maneira de se sentir à vontade! Assim mesmo consegui levá-lo para o jardim, onde fiz uma meia dúzia de chapas, sentado num banco, debaixo das samambaias. Mais tarde, contou-me o Simeão Leal, que o romancista mostrara-se arrependido, admitindo inclusive que não me tratara com a devida atenção, como eu merecia.

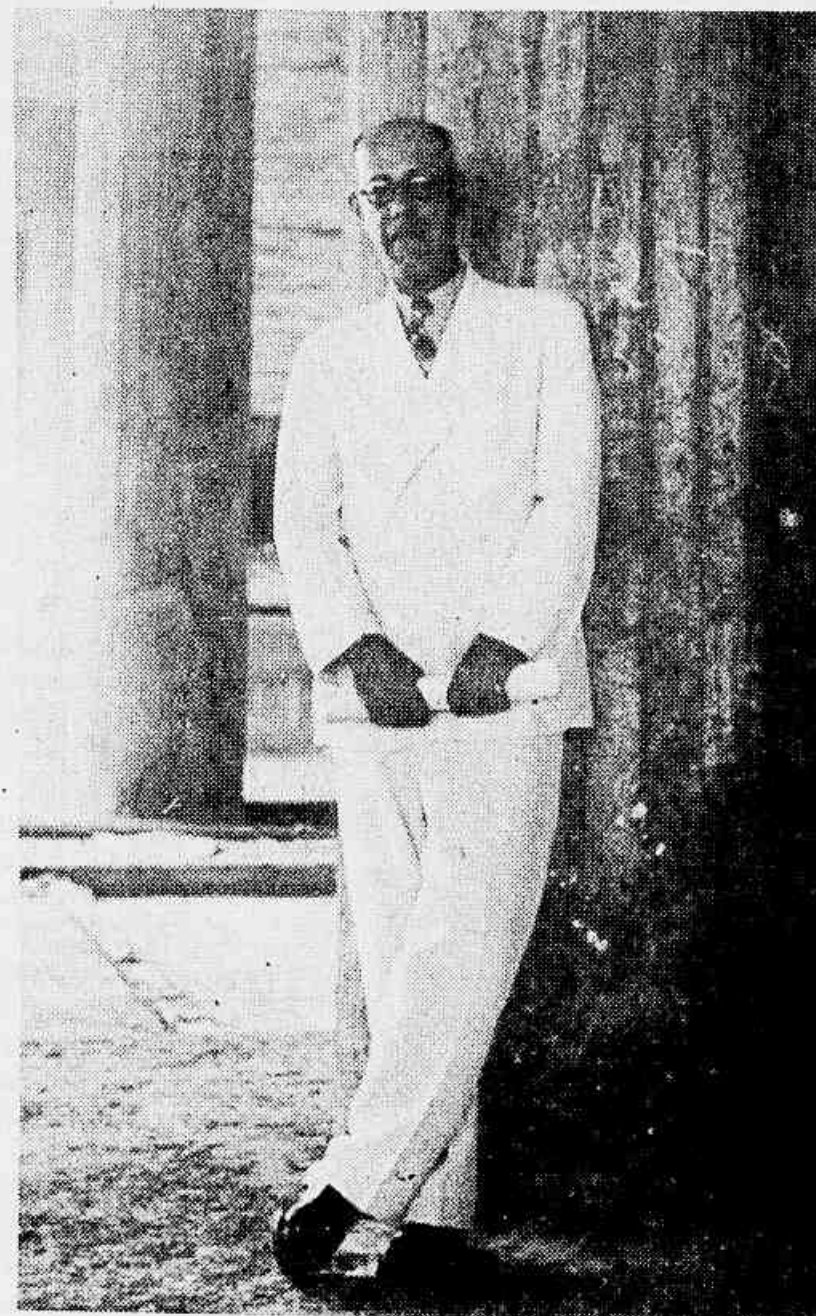
MÁRIO DE ANDRADE

♦ Eu que não sei o que hoje se pensa de Mário de Andrade; porém de minha parte não hesito em afirmar que ele foi — principalmente para a sua época, um dos homens mais inteligentes e cultos que o Brasil já produziu. E comigo, aposte, que está muita gente, que assim também pensa muita gente. Um dia fui ao atelier de Portinari, na Teotônio Regadas, e encontrei-o de saída, com o Mário de Andrade. Iam a uma exposição de um senhor chamado Fujita, no salão de visita (o pintor devia ser importante, pois os nacionais só expunham no salão dos fundos) do Hotel Palace. A companhei-os. Ao chegarmos lá, encontramos todo mundo olhando sem coragem de emitir opinião, sem saber se a coisa prestava ou não... Eu gostei de um desenho — uma mulher nua. Olhei para o Mário de Andrade, que parecia impressionado com o desenho; trocamos um rápido olhar... e comprei-o. O pintor

japonês, que era uma figura estranha, impressionante, pediu-me então o cartão, mas eu estava tão excitado (afinal fôra a primeira pessoa a adquirir um dos seus trabalhos!) que puxei a carteira e paguei ao homenzinho na hora. O japonês, muito educado, ficou espantado... sorriu... desculpei-me... O pior é que, quando levei o desenho para casa, foi um escândalo. E como comprara o desenho com o dinheiro da mesada, tive que mentir, dizer que o recebera de presente... do Mário de Andrade! Este dito desenho, vendi-o, dias mais tarde, apertado por dinheiro, a Kosmos, que ficava naquela época na rua da Quintanda. Aliás, no tocante a quadros e desenhos, adquiridos a determinados pintores, para os desapertar na hora, porém comprados a um bom preço, o dinheiro a vista... eu teria muito o que contar... Uma das coisas, neste gênero, que mais me causaram

As reminiscências do *fotógrafo
JORGE DE CASTRO, narradas por
GASPARINO DAMATA.

aborrecimento e decepção, sucedeu exatamente comigo, o Mário de Andrade e o senhor Portinari. O Mário estava dando aquele célebre curso sobre a História da Arte, do qual fui como quase toda gente aluno-ouvinte, quando um dia o chamei à parte; disse: «Escuta aqui, Mário, estou precisando de dinheiro... Você quer ficar com aqueles quadros do Portinari?» O poeta, que já cobiçava os ditos quadros, abriu-se num sorriso e perguntou-me: «Você quanto quer pelos quadros ó Jorge?» A resposta que dei foi esta: «Ó Mário, você fica com os quadros e me dá quanto você achar que é justo». Ora, o que fez o senhor Candinho Portinari, quando soube da transação... Foi correndo à Casa do Mário de Andrade, feito uma fúria. E disse que aquilo não estava direito, que mais isso, que mais aquilo. O Mário de Andrade limitou-se a responder que a transação fôra legal, que afinal de contas os quadros eram meus... E sabem vocês qual foi o resultado? O senhor Portinari pagou ao Mário de Andrade o preço que eu havia pago pelos quadros e os revendeu ao poeta paulista por quanto bem entendeu e quis!... Ainda por cima me chamou de safado! O que sempre achei imperdoável no «seu» Candinho era tais coisas, principalmente sabendo ele que eu fizera um negócio limpo; que só me desfizera das telas porque estava necessitado de dinheiro. E logo eu, que costumava pagar adiantado a ele para fazer retratos meus, que nunca faltei a ele quando o pintor estava necessitado! O que fez comigo, em bom português, foi uma grande sujeira. O que nunca pude compreender é como as pessoas que o cercavam, que lhe freqüentavam a casa, tudo faziam para ocultar esse lado mau, esse grave defeito do senhor Portinari.





ATIVIDADES SUBVERSIVAS

♦ A fotografia que vocês estão vendo, de Gilberto Freyre, com esse bigode assim meio «staliniano», data de muitos anos, quando fiz a minha primeira visita ao Recife. Pois só foi na segunda vez que fui à capital pernambucana, que fiz aquele célebre retrato «ecológico» do iminente sociólogo brasileiro, publicado na série de parceria com o Rubem Braga. A foto, como é natural, foi tirada em Apicucos, na bela residência de Gilberto, numa tarde muito agradável que passamos juntos, recordando coisas da Inglaterra, onde estudamos. E como falei que pela manhã havia feito umas fotos do Ascenço Ferreira, o Gilberto contou-me então esta, do autor de «Cana Caiana», muito engraçada. O Ascenço, com um amigo, o poeta MacDowall, haviam tomado um pileque homérico. E às tantas, resolveram ir terminar a farra na casa de umas mulheres, no Pina. Antes de tomar o carro que os levaria àquele famoso bairro, o poeta entrou numa casa e comprou um queijo do reino. Ora, acontece que ele, por questões políticas, estava sendo perseguido naquela época: tinha, ao que parece, por ordem do Chefe de Polícia, um detetive constantemente no seu encalço. Pois bem, assim que os dois entraram no carro, com aquela coisa redonda embrulhada, o homenzinho saiu correndo alarmado, para dizer ao delegado que o Ascenço vinha jogar uma bomba na Delegacia. E foi uma correria desabalada!



ALTA SOCIEDADE

♦ Aí por volta de quarenta recebi um convite para ser secretário de uma nova revista que surgia, para o pessoal da alta-sociedade carioca e paulista. O mais curioso, soube por um amigo meu, é que os donos inventaram de fazer a revista, porque um dos sócios havia recebido uma grande dívida em papel e precisava usar o mesmo. Os dois primeiros números, embora muito parados, saíram bonitos, porém foram quase que feitos à base de velhas fotos minhas. O diabo foi quando fui fazer as primeiras fotos de senhoras de sociedade... As burras nunca estavam na hora certa, nunca punham o vestido que deviam, só queriam poses glamorosas, como os manequins de Baizer e Vogue. Ah!

as dores de cabeça e os aborrecimentos que tive por causa dessas malditas senhoras... Alguns dias depois veio trabalhar conosco um rapaz magro, meio pálido, muito sossegado, de fala arrastada, que atendia pelo nome de José Condé. O sossegado rapaz — que mais tarde viria a se tornar um nome respeitado no cenário literário nacional, dizem que escrevia uns contos... E que pretendia publicar alguns livros. E quando mais tarde deixei a revista, convidei-o a ir um dia ao meu apartamento na Lapa, para fazer-lhe umas fotografias, que publiquei numa seção que iniciara para o suplemento «Letras e Artes», do Jorge Lacerda.

ARRUMANDO AS IDÉIAS

♦ Adalgiza Neri, como vocês todos sabem, sempre foi uma mulher bonita; além do mais, sabia vestir-se. E ninguém podia dizer que era vaidosa. A sua «toilette», ela sabia escolhê-la com raro bom-gosto e felicidade. Assim, tudo que punha em cima lhe caía bem. A poetisa morava no Leme, quando começou a posar para o Portinari, que também morava nesta época, naquele bairro. E o que mais causava admiração a todos, era a sua paciência, pois o trabalho além de cansativo, era deveras demorado. Adalgiza ficava às vezes quase uma hora

parada, numa posição, sem demonstrar porém o menor sinal de fadiga. E confesso que fazia gosto vê-la sentada, diante do cavalete, com o porte muito altivo, o pescoço bonito, de cisne, o pensamento longe... Um dia não me contive e perguntei-lhe: «Escuta aqui, Adalgiza, será que você não se cansa, não se aborrece de ficar assim parada, quase imóvel, mais de uma hora?» Então ela me respondeu muito calmamente, fumando seu cigarro: «Não, não me canso... Ao contrário, acho até muito bom, pois aproveito para arrumar as idéias.»

A qualquer hora
do dia
ou da noite
a
RÁDIO RECORD
de São Paulo
tem um PROGRAMA
que VOCÊ ouvirá
perfeitamente
em qualquer
ponto do país
EXPERIMENTE!

ondas médias: 1.000 kcs. 50.000 watts

ondas curtas: 19, 25, 31 e 49 metros

Record

SEMANA ASTROLÓGICA

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 17 E 23 DE NOVEMBRO DE 1956
(HEMISFÉRIO SUL)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

- ★ **CARNEIRO** (21/9 — 20/10) — Os influxos planetários da semana ainda favorecerão sua posição em face do Céu. Não haverá grande movimentação. Os resultados, porém, das atividades que exercer, serão compensadores. Os dias 17, 19 e 21 serão os melhores.
- ★ **TOURO** (21/10 — 20/11) — Toda a sua natureza instintiva virá à tona, nos próximos sete dias, podendo levar o leitor à prática de atos irrefletidos altamente prejudiciais à reputação, ao seu nome e até mesmo aos seus interesses materiais.
- ★ **GÊMEOS** (21/11 — 22/12) — O combate será ferido, nos próximos sete dias, entre sua vontade e o sentimento do dever. Haverá duros desentendimentos na vida doméstica ou sentimental, originando um forte descontrole nas suas ações.
- ★ **CÂNCER** (23/12 — 20/1) — Não tome nenhuma atitude precipitada nem resolva, de plano, qualquer negócio, aceitando propostas sem maior exame. O leitor estará sujeito, nos próximos dias, a perigosos enganos. Cuidado com os dias 18 e 20.
- ★ **LEÃO** (21/1 — 20/2) — A semana valerá, no seu caso, uma verdadeira marcha a ré. As coisas andarão para trás, anulando-lhe os esforços. Em tais circunstâncias, o melhor é o adiamento das iniciativas e da solução dos casos em pauta, visto a desfavorabilidade reinante.
- ★ **VIRGEM** (21/2 — 22/3) — Haverá grandes possibilidades na vida profissional e nas atividades sociais, no curso da semana em causa. Suas iniciativas, em qualquer dos dois campos, serão coroadas de êxito. Movimente-se, não fique na sombra.
- ★ **LIBRA** (23/3 — 20/4) — O gosto pelos detalhes, o espírito de análise de que se sentirá animado, provocará a perda de oportunidades. Reaja como puder no sentido objetivo da ação. Vá direto ao alvo. Os arroubos serão altamente prejudiciais.
- ★ **ESCORPIÃO** (21/4 — 20/5) — Seja tão discreto quanto puder. Discreto e prevenido, pois os inimigos, os adversários e os despeitados estarão em ação conjunta, articulando algo em seu desfavor. Os piores dias da semana serão 18, 20 e 22.
- ★ **SAGITÁRIO** (21/5 — 23/6) — Uma boa orientação, durante a semana, será a que o leitor tomar obedecendo às suas próprias intuições. Sua vida subconsciente estará em grande atividade. Observando as mensagens subliminais, o leitor não se enganará.
- ★ **CAPRICÓRNIO** (24/6 — 22/7) — Os assuntos financeiros, as questões econômicas estarão bem astralizados, na vigência da semana entrante. Não haverá problema, na espécie. Os melhores dias para as operações de crédito serão 17, 19 e 21.
- ★ **AQUÁRIO** (23/7 — 21/8) — A semana não lhe propiciará melhores possibilidades para as recuperações que desejar fazer, a da saúde inclusive. Pelo contrário, ela tenderá para prejuízos maiores, em todos os terrenos. Precavenha-se.
- ★ **PEIXES** (22/8 — 20/9) — A semana não será boa para mudanças e para viagens, as aéreas principalmente. Possibilitará, não obstante, bons negócios e amizades valiosas. Seu círculo de relações será aumentado.

OS NOMES DA SEMANA

Novembro, 17	—	Euvaldo	—	Djanira
" 18	—	Janúrio	—	Luíza
" 19	—	Clóvis	—	Felícia
" 20	—	Albano	—	Astride
" 21	—	Silvio	—	Sílvia
" 22	—	Pedro	—	Olívia
" 23	—	Orlando	—	Amantina

EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio dia de Greenwich				
Novembro, 17	25°	7'	41"	(Signo do Escorpião)
" 18	26°	8'	12"	" " "
" 19	27°	8'	44"	" " "
" 20	28°	9'	17"	" " "
" 21	29°	9'	53"	" " "
" 22	0°	10'	30"	(Signo do Sagitário)
" 23	1°	11'	8"	" " "

NOTA — As efemérides e as tábuas astrológicas de que nos servimos são preparadas para o hemisfério norte. Nas previsões para o hemisfério sul, temos de invertê-las para que os prognósticos correspondam à realidade, como acontece em relação aos fenômenos cósmicos. Observamos, neste particular, a doutrina e a técnica do Colégio Astrológico de França, único centro, em todo o mundo, de astrologia verdadeiramente RACIONAL E CIENTÍFICA.

**Enquanto seu Town-
send não vem...**



EM CONFERENCIA
com um pintoso
chefe de tribo, na
África Ocidental In-
glêsa, Margaret
aqui aparece usan-
do um vistoso cos-
tume, especialmen-
te confeccionado
para a sua excu-
são africana.

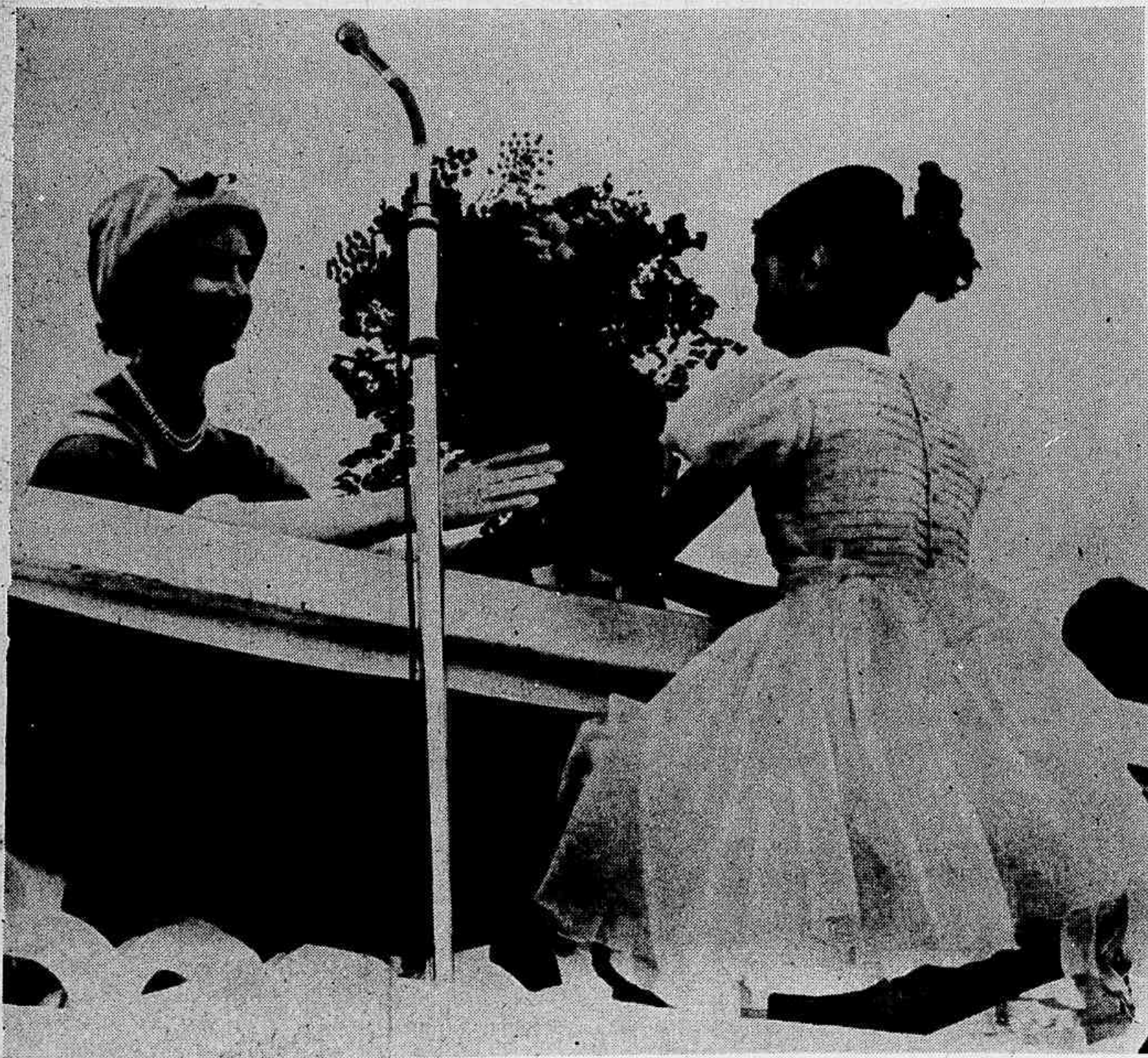
MARGARET PERTURBA A ÁFRICA

**OS NATIVOS DE TANGANICA FICARAM TOTALMENTE TARADOS COM A FILHA
MAIS JOVEM DO FINADO JORGE VI — TRAJES ESPECIAIS PARA AS MULHE-
RES DE DAR ES SALAM, POR OCASIÃO DA CHEGADA DA PRINCESA À CIDADE.**

ENQUANTO SEU TOWNSEND NÃO VEM...

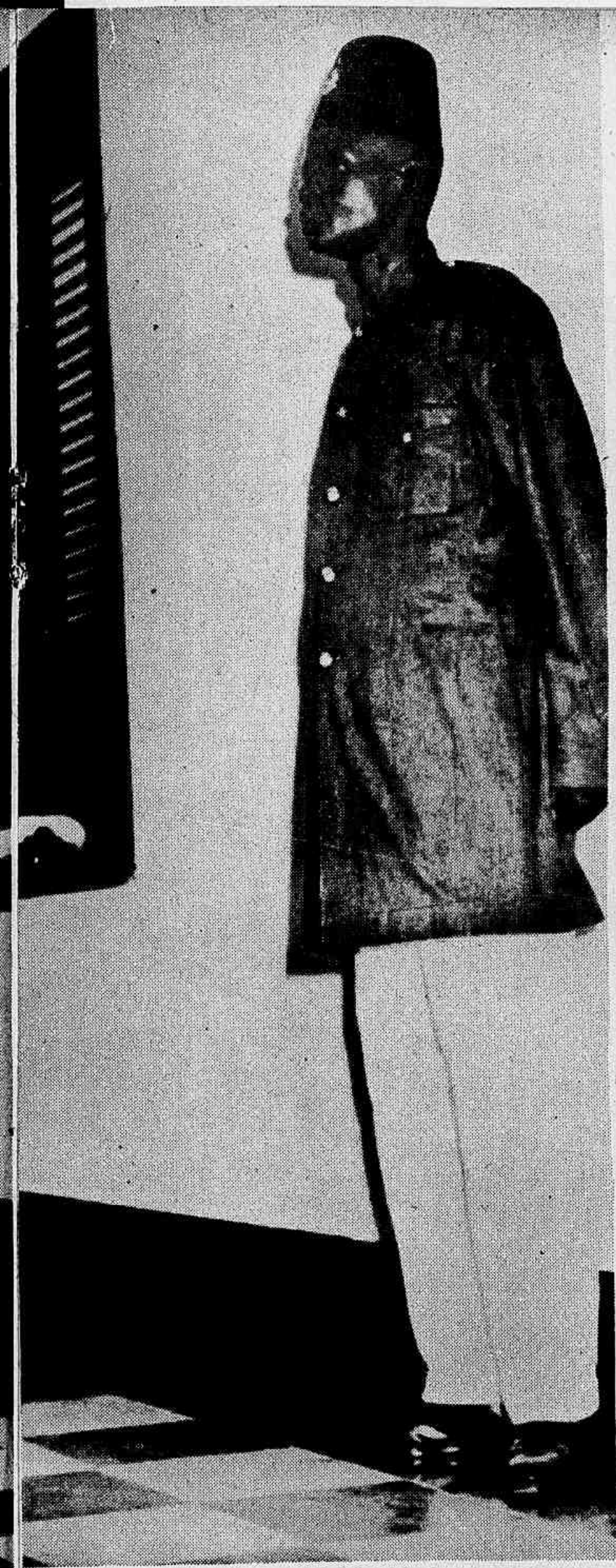


PODE COMER, que é doce. E Margaret provou o tablete de açúcar, que um industrial das ilhas Maurícius lhe estendia. As coisas doces são invariavelmente bem recebidas. As amargas, não. Em baixo, em Zanzibar, Margaret recebeu, de mãos de uma menina, um bonito buquê de rosas.



O GUARDA pessoal da princesa, em Mombasa, no Kenia, era esse empertigado africano.

MARGARET, a irrequieta princesa da Grã-Bretanha, cujo romance sensacional com o capitão Peter Townsend atraiu a atenção do mundo inteiro, para afinal terminar de maneira a mais melancólica possível, com a desistência da princesa e a partida do aviador para o seu pôsto, em Bruxelas (pôsto que logo em seguida abandonou, para começar uma volta inacreditável, ao mundo, de jipe), visitou recentemente as possessões inglesas da África, demorando-se por alguns dias no Tanganika, em Rodésia do Norte, nas ilhas Maurícius, no Kenia, etc. etc. Sua viagem foi mais política do que mesmo turística. Porque uma princesa inglesa, embora se chame Margaret e possua um temperamento semelhante ao dela, não pode livrar-se de certas regras gerais, que devem ser seguidas por todas as pessoas de sua estirpe. O caso



imperturbável em suas atitudes. Note-se o luxo da vestimenta, sem dúvida elegante de Margaret



NADA DE SIMBOLISMO tolo : é somente uma criancinha de cinco anos ofertando algumas flores à Margaret, na entrada de um hospital em Tanga. A viagem foi um êxito social e diplomático.

com Townsend foi disso prova. Margaret, a despeito da paixão, preferiu sacrificar o coração, ao trono, arriscando-se a um modesto e pouco confortável lugar de tia, agora que já ultrapassou a casa das vinte e seis primaveras... Por falar em tia, ela visitou com os sobrinhos a África. Com os sobrinhos, e com o príncipe consorte Philippe. Sendo que Philippe deve ter recebido a incumbência de vigiar Margaret, e Margaret, de fiscalizar Philippe. Isso porque ambos são um pouco avoados, em matéria sentimental, e é bem melhor prevenir do que remediar — mesmo quando o destino de viagem é a África, onde os homens e mulheres de raça branca são pouco numerosos.

Na África, Margaret teve a oportunidade de avistar-se com vários chefes de tribo, que hipotecaram sua irrestrita solidariedade ao Império Britânico, no atual

caso com o Egito. Porém, o grande êxito por ela alcançado foi mesmo junto aos selvagens dançarinos de Dar es Salam, que em sua homenagem executaram as mais frenéticas danças de seu repertório, num ritmo capaz de matar de taquicardia qualquer dançarino profissional de "Rock and roll". Por ocasião de uma dessas demonstrações, aliás, tão grande foi o entusiasmo dos nativos, que Margaret quase foi por eles esmagada, tal a avidez com que se lançaram para ela, a fim de apertar-lhe a mão.

Quanto às mulheres africanas, algumas das quais têm o hábito, de resto delicioso, de escrever em suas vestes já de natureza escassas frases como "Passa lá em casa hoje de madrugada", "Eu te amo a despeito de tua mulher", e outras menos inocentes ainda, tiveram de, por alguns dias, submeter suas vestimentas

a uma censura sui-generis, destinada a coibir os abusos facilmente origináveis em tais momentos, não admitida, é claro, a exceção da verdade. Muitas delas não devem ter gostado da portaria afrontosa, mas como não podiam deixar de cumpri-la, a solução que encontraram foi escrever em suas roupas frases mais cândidas, menos tropicais. No fim tudo deu certo: as lojas venderam novas vestimentas, e Margaret deixou a África com a melhor das impressões sobre as mulheres africanas. Agora, que Peter Townsend e seu jipe especial já devem estar a caminho da África, porém, era preciso partir a todo vapor, de volta ao lar britânico. E Margaret voltou ao "sweet home", enquanto o pobre Townsend se mata nas selvas insuportáveis do Congo Belga.

(Foto International News Service)

"Rock and roll"

Fernando LÔBO

♦ As ruas do Rio de Janeiro vão ganhando feições novas de acordo com certas coisas que acontecem. A rua Senador Dantas, por exemplo, era uma pacata rua-de grandes sobradões ainda bem ontem. Existiram nela, algumas pensões de boa comida, onde os estudantes pagaram pouco e comeram sem perigo. Isso não foi naquele «Rio Antigo» que Luís Edmundo descreve e sim, já um Rio, parecido com esse de hoje, mais sereno e melhor que esse que aí está. De repente surgiu naquela rua a primeira loja de discos; em seguida uma bonita vitrine de artigos para homens, e, como quem obedece a um chamado de chefe igual, novas casas de músicas, novas vitrines coloridas foram entrando em fila e tornando a velha e até tristonha Senador Dantas uma festa de cores e muita música. Domingo há «retreta» ali para os que saem do cinema, para os que esperam as sessões. Curiosos, espiam os preços, fazem planos domésticos, embalados pela música de graça que vem em fundo. Uma rua sem perigo. Falei em perigo e lembrei-me de outras ruas, principalmente as de Copacabana. Aquela Prado Júnior, fez nascer cabarês perigosos e sem policiamento. Crimes, vícios, gritos dentro da noite é o presente que podem ganhar os habitantes pacatos dos inúmeros apartamentos fincados nas suas bases. Mas, disso a imprensa muito se ocupou e nada conseguiu. Uma filial daquela rua é agora a Rodolfo Dantas. Tendo Carvalho de Mendonça o seu melhor afluente a margem direita, ela está germinando um mundo de cafés em pé, botequins também em pé cujas luzes estão chamando uma nova casta de vagabundos. Antigamente esta denominação era dada aos escurinhos do morro, chamados malandros a quem a polícia perseguia sem piedade. Hoje não! O que está acontecendo na rua, dentro das madrugadas é a algazarra perigosa de rapazes de boa cor, com documentos de boas famílias e comportamento de malandros. Talvez seja a influência de «Sementes da Violência», a notícia da de Elvis Presley ou a morte de James Dean. Tudo isso tem acontecido nos Estados Unidos por conta de uma infinidade de fatores psicológicos, e aqui, mais e tristemente, por força de imitação ridícula. Estamos também — embora pareça incrível — adotando o «Rock and Roll». De acordo com o famoso psicólogo francês Jean Rousselet, tudo isso decorre «da falta de iniciação que nas sociedades antigas marcava em cerimônias e provas de afirmação psicológica, a puberdade». E é uma pena que os nossos jovens dêem em plena rua a prova de ausência de uma das mais belas coisas que um homem pode ganhar em hora certa e em idade exata...



♦ LINO CARENZIO — Quando morreu Mistinguette muita reportagem no Brasil foi feita em torno dos grandes amores da grande artista francesa. Algumas insinuações até se fez de um romance entre ela e um conhecido empresário. Nada disso. O «Paris Match» traz a lista dos verdadeiros amores de «Mis» e nela consta apenas o nome de um diplomata brasileiro — não empresário. E é naquela mesma reportagem que está presente Lino Carenzio como seu derradeiro amor. Ele aqui esteve há ano e meio atrás estrelando «Satã Dirige o Espetáculo» quando o Casablanca estava ainda aceso.



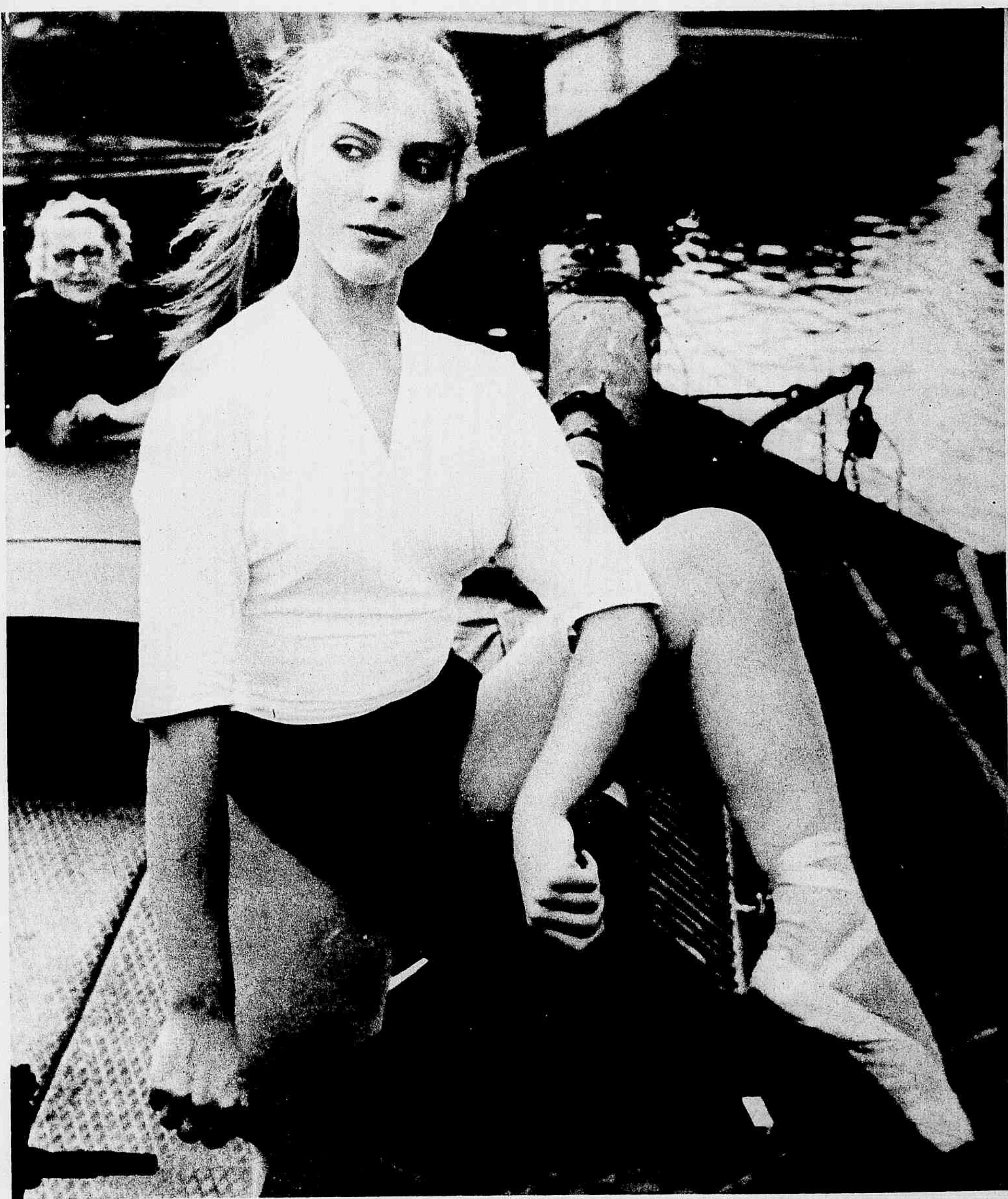
♦ CATULO DE PAULA — O moço cearense teve a sua oportunidade cantando no «Vogue». Depois lançou seus «baiões» em disco e foi tomando pé e ficando neste Rio que é bom. Silveira Sampaio deu-lhe a grande oportunidade de aparecer em «No País dos Cadillacs» e agora Catulo de Paula além de fazer aquela peça no Teatro Dulcina, grava seus discos, faz suas músicas, canta na Nacional e está todas as noites no «La Cremailère».



♦ NILSA BENES — Nilsa Benes surgiu no conjunto de Solano Trindade. Este grupo andou em luta viva por aí até que teve a grande oportunidade de aparecer num «show» do «Beguine». Essa moça queimada de muitos sóis, estava no elenco e dele jamais saiu. Quando Vinícius de Moraes procurava elementos para o seu «Orfeu da Conceição» viu em Nilsa muito do que ele procurava. Mas ela estava escrava de contrato com Silveira Sampaio, contrato que tão cedo não acabará.

♦ UM ANO — Quem passa agora pela Avenida Princesa Isabel não olha mais o «Vogue». É um túmulo negro que ali está. Queimado e agora empoeirado, lembra uma velha ruína alemã ou inglesa, desta última guerra. Já flores e ervas vadias vão começando a nascer das suas cinzas, do seu chão sem pés. E o mesmo silêncio que ele guarda é o mesmo silêncio que paira sobre o processo do incêndio. Incendiado ou incendiado foi coisa que as autoridades não quiseram saber. O Barão Von Stucker foi morar em Nova York e sabe-se que organizará a festa brasileira do Waldorf Astória. O resto é silêncio o mesmo silêncio dos cemitérios e o «Vogue» depois de um ano lembra um enorme túmulo, grave, silencioso e sem flores.

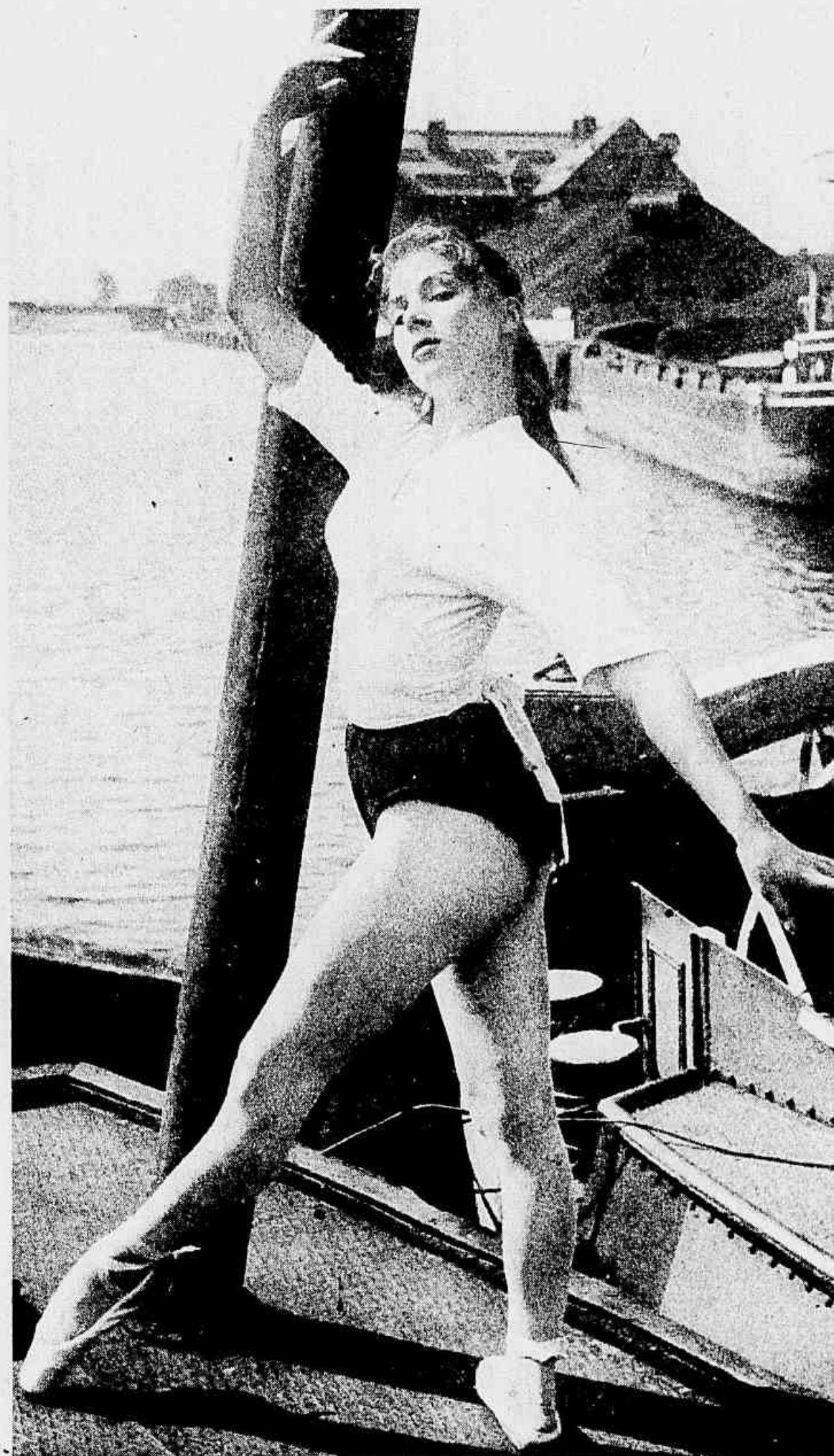
ROTEIRINHO — Um restaurante de russos brancos nasce em Copacabana — Catulo de Paula está no «La Cremailère». — Amália Rodrigues é a atração do Copacabana — «Rio de Janeiro a Janeiro», no «Night and Day». — Siris e galinhas no «Petit Club». — O «Bobs» é o melhor «hot dog» da noite. — O «Beguine» com dois «shows» em reprise: «Houmouresque» e «E o Espetáculo Continua».



URSULA HEYER tem uma direção: o sucesso artístico, no mundo da dança, e para isso estuda com a famosa Tatiana Gsovsky.

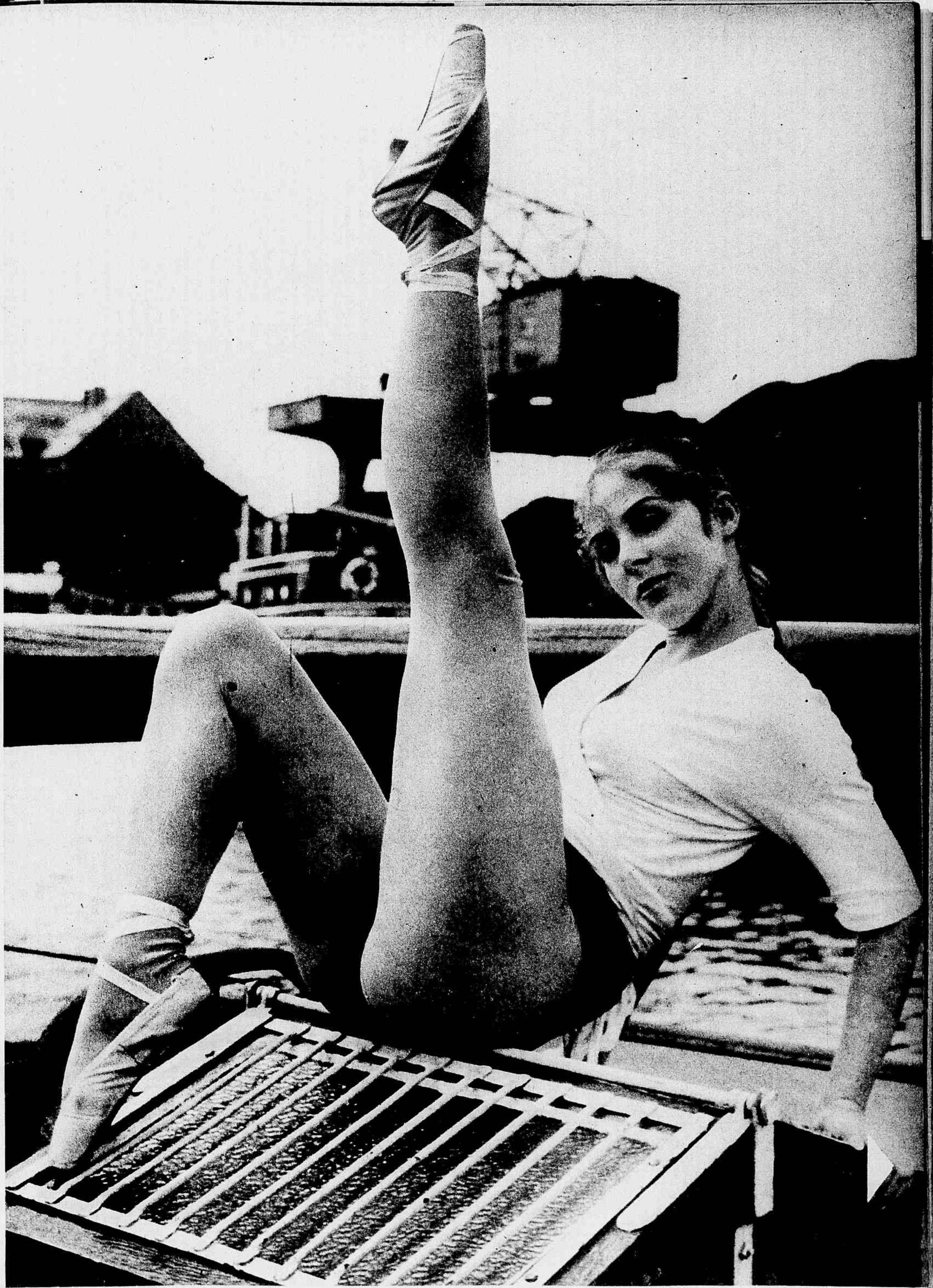
PARA ESSA "COISINHA"

UM PALCO É MUITO POUCO

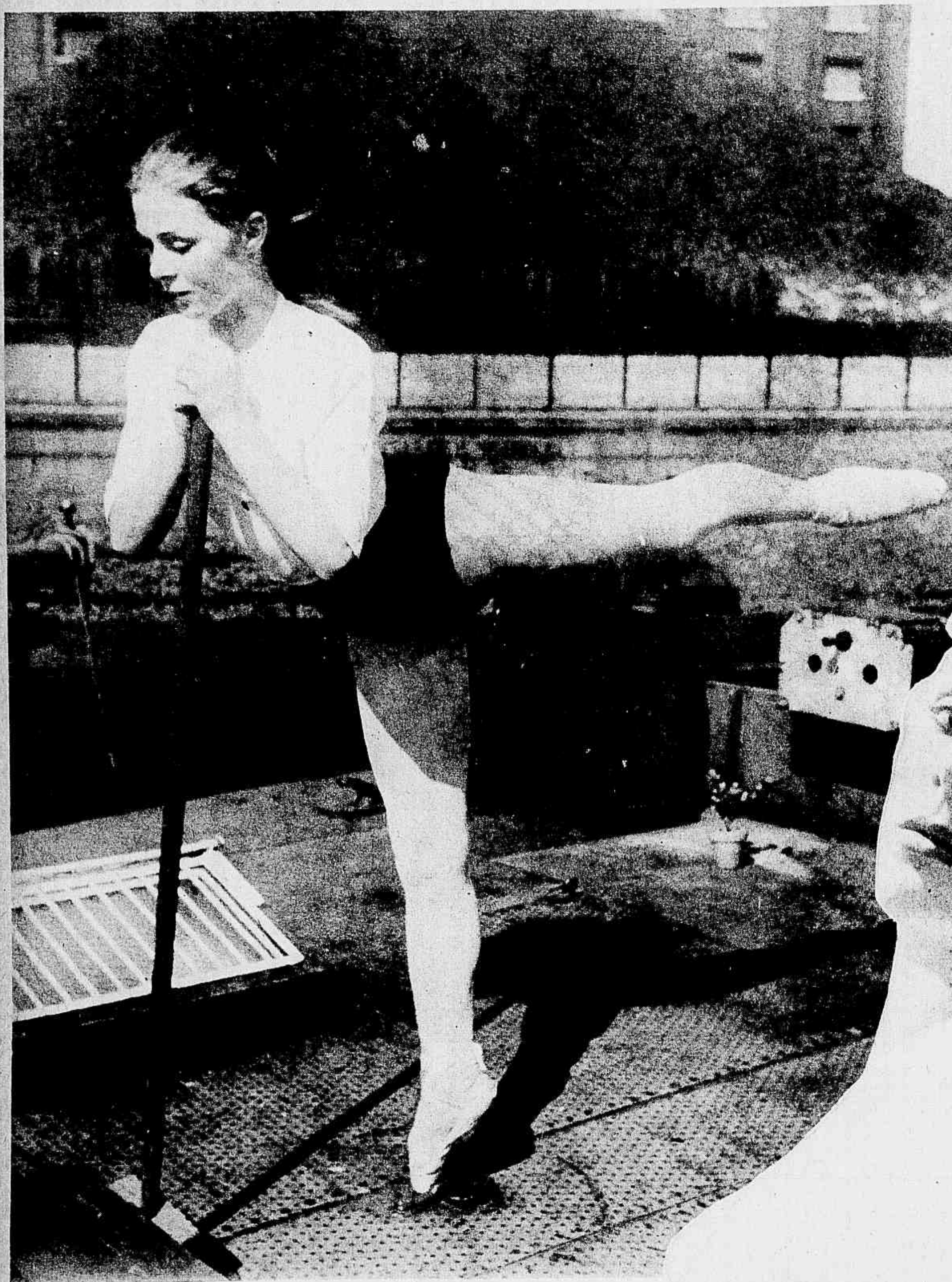


URSULA HEYER, JOVEM BAILARINA ALEMÃ, AMA EXERCITAR-SE JUNTO ÀS DOCAS DE BERLIM, PARA UMA PLATÉIA DE HOMENS RÚSTICOS, PORÉM CHEIOS DE SENSIBILIDADE.

ÊSSE NEGÓCIO de dançar ballet num palco, especialmente construído para semelhantes performances, já está ficando monótono. Foi por isso que essa menina — cuja admirável plástica, para usar a frase nietzscheana, está além do Bem e do Mal — resolveu abandonar o ambiente sofisticado dos teatros, para exhibir-se á luz do dia, em pleno cais, nas docas imensas de Berlim. Chama-se Ursula Heyer, e desde bem novinha aprende ballet. Em sua malha negra, contrastando impressionantemente com a tonalidade clara de sua epiderme germânica, Ursula executou, para um público atônito de estivadores e embarcadiços, todo o seu gracioso repertório de passos cheios de virtuosidade e de leveza. Ursula, que estuda com a famosa mestra russa Tatiana Gsovsky, faz parte do «Berlin Ballet», que ainda ano passado excursionou pelos Estados Unidos, com êxito surpreendente. Mas quando lhe permitem os ensaios, ela gosta de exhibir-se para o público simples que se acumula à beira do cais. Sempre que sua figurinha se aproxima do palco, cada cargueiro é um camarote, e em cada guindaste, há um espectador. — (Fotos I.N.S.)



UM PALCO
É MUITO
POUCO



COM ESSA plástica, êsse rosto, e mais ainda, com sua arte que já começa a interessar os grandes meios do Ballet internacional, a jovem Ursula Heyer certamente irá bastante longe, nos caminhos da fama.



Policia! da G.C.F. atende a uma senhora.



Comte. da Guarda Civil Ferroviária, capitão Thiers Marinho.

UM AUTÊNTICO SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL

♦ A Guarda Civil Ferroviária, criada em 27 de julho de 1945, veio solucionar um dos graves problemas oriundos da incompreensão de certa classe de passageiros que se servem dos trens da Central do Brasil, os quais, no momento de «rusch», por maldade nata ou indisciplina transformavam a gare daquela estação num verdadeiro inferno, constituindo o pavor de elementos pacatos e honestos. E a Guarda Civil Ferroviária, superiormente comandada pelo capitão Thiers Marinho Coelho, da Polícia Militar do Rio de Janeiro vem cumprindo de maneira louvável a missão a que se propôs, não somente evitando a repetição de atos criminosos praticados por indivíduos sem escrúpulos, como ainda empregando o melhor do seu esforço e boa vontade no atendimento às pessoas que desejam informações ou por motivos imediatos necessitam de assistência. Os policiais da Guarda Ferroviária, que tão relevantes serviços vêm prestando à população dos subúrbios cariocas, graças à inteligente orientação do capitão Thiers Marinho, estão elaborando uma obra admirável, de educação, ordem e respeito mútuo. Conta a Guarda Civil Ferroviária com o efetivo de 329 homens, distribuídos da seguinte maneira: 30 em São Paulo, 30 em Belo Horizonte, 50 em Deodoro, 16 em Parque Arará (Cais do Pôrto), 25 em Barra do Pirai e o restante em D. Pedro II. Passam pela gare D. Pedro II, diariamente, 500.000 pessoas. Os serviços de embarques e desembarques são assistidos e orientados por dezenas de guardas, a serviço dos passageiros.

E' um autêntico serviço de assistência social o que vem realizando ao povo carioca a Guarda Civil Ferroviária da Central do Brasil.



Guardas atenciosos e diligentes mantêm a ordem na gare da estação Central do Brasil.



Conforto e segurança à população suburbana.



Um Guarda Civil Ferroviário, em atividade.

Literatura e arte

JOSÉ ROBERTO TEIXEIRA LEITE

POESIA

1940

*Pergunta-me meu filho: Devo aprender matemática?
Para que? — deveria eu dizer-lhe; tu também saberás:
dois pedaços de pão valem mais do que um só.*

*Pergunta-me meu filho: Devo aprender francês?
Para que? — deveria eu dizer-lhe; essa terra agoniza.
Se pões a mão sobre o ventre e gemes,
Todos te entenderão.*

*Pergunta-me meu filho: Devo aprender história?
Para que? — deveria eu dizer-lhe; aprende a dobrar
[a cabeça,
Talvez assim te poupem.*

*Sim, aprende matemática, digo,
Aprende francês, aprende história!*

BERTOLT BRECHT
(tradução J.R.T.L.)

ARTES

NOTINHAS

A EMBAIXADA norte-americana apresentou interessantíssima exposição sobre a moderna Xilogravura dos Estados Unidos. Bem apresentada e contendo numerosas peças dos mais representativos gravadores ianques da atualidade, a mostra atraiu bom número de visitantes.

★
ROBERTO BURLE-MARX, a 6 de novembro, no Pen-Club, e por iniciativa do Grupo de Estudos Mário de Andrade, apresentou uma exposição relâmpago de seus mais recentes desenhos. Seguiu-se debate sobre tendências modernas do desenho e outros temas, havendo participado o próprio Burle-Marx, os críticos Mário Barata e Flávio de Aquino, os pintores Frank Schaeffer e Eduardo Alvim Corrêa, etc., etc.

★
JORDÃO DE OLIVEIRA pronunciou no dia 8 uma palestra subordinada ao tema «A Importância da Pintura Figurativa», no auditório da Escola do Povo.

★
DAREL MINISTRARÁ um curso de litografia na Escola Nacional de Belas Artes. Duas aulas se-

manais serão ministradas, durante um ano. Uma mensalidade de duzentos cruzeiros será cobrada, aos alunos da ENBA, e de 350 aos não-alunos.

★
PAULO BERGER, o médico que não faz muito respondeu certo em «O céu é o limite», a inúmeras perguntas sobre o Rio antigo, pronunciará brevemente uma conferência, no Museu Nacional da Quinta da Boa Vista, sobre «O Palácio da Quinta». Esse edifício se reveste de grande importância artística e histórica.

★
EM PARIS está sendo organizada uma fabulosa Exposição Leonardo da Vinci, no Museu Jacquemart-André. A mostra passa por ser a mais importante jamais consagrada a esse artista genial.

★
FERREIRA GULLAR e Oliveira Bastos estão agora assinando, no suplemento literário do «Jornal do Brasil», uma página dedicada às Artes Visuais. Comentários às exposições, considerações sobre o fenômeno estético, etc., etc., são nela debatidos, com a capacidade que todos reconhecem nesses dois sérios (e jovens) intelectuais.

UM FATO LITERÁRIO

MORREU PIO BAROJA



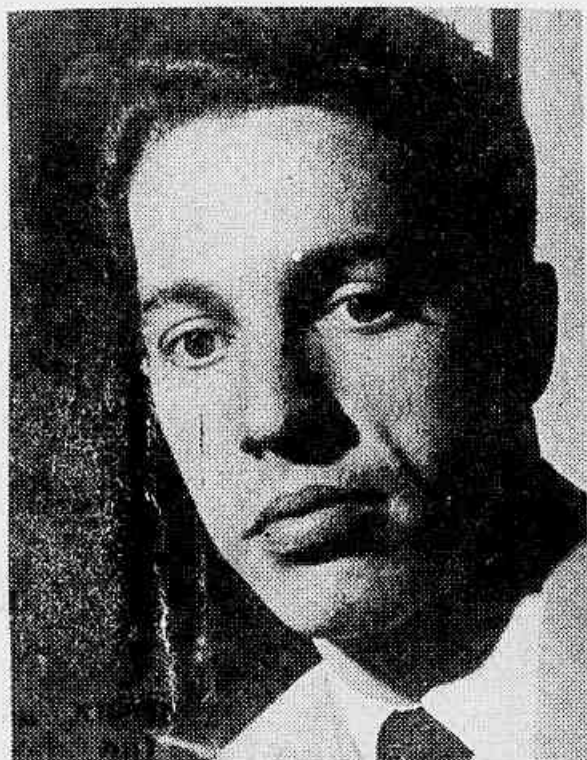
◆ ENQUANTO o espanhol Juan Ramón Jiménez conquista o Prêmio Nobel de 1956, outro escritor espanhol, por várias vezes candidato ao mesmo prêmio, sem contudo tê-lo merecido em tempo algum, acaba de falecer: Pío Baroja, o excelente prosador de «Mala Hierba» e tantos outros livros cheios de vigor.

Nascido em San Sebastian, a 28 de dezembro de 1872, Baroja pertenceu àquela geração gloriosa que viu desabrochar os talentos de Menéndez y Pelayo, Antônio Machado e tantos mais. Criou para si mesmo uma prosa rústica, realista, rica de conteúdo expressivo, e já em princípios do século era reconhecido como um dos líderes da nova literatura espanhola. Seu talento, por outro lado, começava a ser notado em outras terras, e muitos jovens escritores, entre os quais o Prêmio Nobel de Literatura de 1955, Ernest Hemingway, por ele se deixaram seduzir.

Por falar em Hemingway, o autor de «O Velho e o Mar», que visitou Madrid não faz muito tempo, esteve à cabeceira do leito de enfermo de Baroja, a fim de levar-lhe um pouco de conforto, nos momentos difíceis que foram os seus últimos. O velho Pio não o reconheceu, porém, a despeito de seus olhos conservarem ainda a mesma vivacidade de quando eram moços, e buscavam penetrar, até à essência, as coisas e os homens. A dedicatória que Hemingway após ao livro que levou a Baroja — uma edição magnífica de «The Old Man and the Sea» —, mais do que um simples ato de cordialidade, é bem um valioso depoimento de quanto a geração a que pertence o norte-americano deveu à prosa nervosa e máscula de Pio: «Ao senhor, don Pio, que tanto nos ensinou quando éramos jovens e desejávamos ser escritores».

Com Pio Baroja, enfim, a Espanha perde um de seus maiores escritores, e o mundo, um espírito inquieto e criador, que somente 83 anos de vida atribulada conseguiram embetar.

SALDANHA COELHO, ROMANCISTA



◆ DESDE 1951, ano em que estreou com um volume de contos — «Mural» —, até aos dias que correm, o prestígio intelectual de Saldanha Coelho só tem feito crescer. Diretor da excelente REVISTA BRANCA, colaborador permanente de suplementos e revistas, seu nome sempre esteve em evidência, e escritores como Sérgio Milliet, Otto-Maria Carpeaux e Temístocles Linhares jamais lhe regatearam elogios, quer quando da publicação do já citado «Mural», quer por ocasião do lançamento de «O Pátio», seu segundo livro de contos. Também ao dinamismo de Saldanha Coelho é devida a edição de três antologias, «Contos de Escritores Novos do Brasil», «Proustiana Brasileira» e «Modernismo — Estudos Críticos», que alcançaram larga repercussão. Agora, vem de ser publicado o primeiro romance do jovem escritor e editor (1). Chama-se «Memória de Inverno», e vem sendo bem recebido pela crítica especializada, com uma ou outra voz discordante — como a nossa, por exemplo. Pois, a nosso ver, esse livro — que certamente é o ponto mais depurado a que chegou a arte de escrever do moço ficcionista —, ainda carece de forças, apresenta inclusive erros primários de gramática (... «e na necessidade DO governo amparar os avicultores»; «para controlar-se, não expor-se sozinho...»; «logo

cedo se levantou e vestiu-se»; «um grande perigo DELE repentinamente abandoná-la», etc., etc.), e, aqui e ali, excesso de LITERATICE («os pirilampos acendiam de todo lado, como homens tontos que houvessem perdido o guia», página 22; «desejos de carinho insinuados em gestos feitos discretamente — de que só fôra testemunha, o mar...», página 56; «que do meu sangue não farei nascer outras memórias para recordar o que fui. Sim, minha existência está limitada à minha última pulsação, etc., etc.», página 81; «quando ficar tão sozinho e triste que nem mesmo as sonatas puderem restituir-me a calma», página 87) que muito o comprometem, do ponto de vista estilístico.

De resto, pareceu-nos profundamente falsa a figura do personagem central André, incapaz de se decidir entre a esposa Gabriela e a amante Eugênia — sem contar seus encontros costumeiros com prostitutas, como aquela Raquel, que o autor faz viver e morrer bisonhamente, e que não encontra justificativa para figurar no enredo. A vagotonia de André — tantas vezes citada, no decorrer da história, como se o próprio Saldanha Coelho estivesse a duvidar dela, e assim buscasse convencer-se — não persuade ninguém. O autor desejou fazer o perfil de um neurótico, e o que conseguiu, foi debuxar um boneco ôco, traduzindo-se em sucessivas incongruências, sem nem um traço que lhe imprimesse consistência. As demais figuras do romance — a chorosa Gabriela, o amigo Luciano, Eugênia, a amante — têm menos relêvo, ainda.

Quanto ao tema, é bastante explorado, porém poderia ter sido melhor desenvolvido. Por que o que se nota, durante todo o transcorrer de «Memória de Inverno», é certa deficiência do autor em expor a ação, em descrever com naturalidade as várias cenas, ligando-as sem esforço. Aliás, em artigo publicado no suplemento literário do «Jornal do Brasil», o jovem escritor Assis Brasil já nos explicou o porquê de tal deficiência: é que «Memória de Inverno» abrange inúmeros trechos de contos anteriores de Saldanha Coelho. Dispondo, assim, de pedaços de ficção, Saldanha resolveu com eles fazer um romance, unindo-os mais ou menos apressadamente. Daí o motivo pelo qual, de quando em quando, notamos verdadeiros abismos no desenrolar da história; daí o episódio, aparentemente sem qualquer ligação com o romance, do padre Avelino, descrito à página 130 e seguintes. Achamos, aliás, esse procedimento reprovável, e não podemos deixar de condená-lo.

«Memória de Inverno», em suma, não é o romance que tantos críticos e colunistas estão apregoando como um dos bons lançamentos do ano. Fosse o seu autor um nome desconhecido, e certamente passaria despercebido o volume. Pertencendo porém a Saldanha Coelho, é natural que aqueles que só lêem as orelhas despejem sobre ele seus caminharões de elogios insinceros.

(1) — «Memória de Inverno» — Saldanha Coelho. Rio de Janeiro, 1956. Edições O Cruzeiro. Coleção Contemporânea. Capa de Arcindo Madeira. 150 páginas.

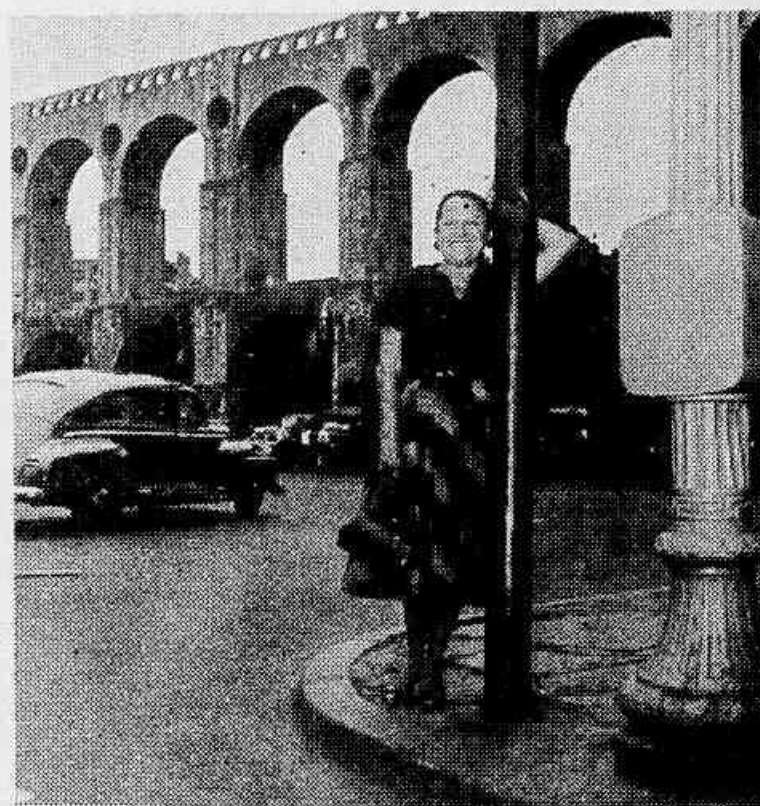
INFINITO SUL

◆ DENTRO DE mais alguns dias, estará publicado o livro de estréia de Sílvia Castro, que vem aparecendo, ultimamente, na **Revista da Semana** e na **Tribuna da Imprensa**, como contista. «Infinito Sul», porém, não é um livro de contos, mas sim, poesia. E em alguns momentos, de boa poesia. É verdade que aqui e ali ainda se percebem aqueles «poemas cheios de ruído» de que falou Kafka, ao se referir aos versos de um jovem amigo; porém, é de esperar que, com o tempo, tais ruídos venham a ser totalmente abolidos, dando lugar à música — que é o ruído pelo avesso.

Professor de filosofia, eternamente às voltas com os problemas filosóficos, conhecedor das doutrinas existenciais, Sílvia Castro imbuíu sua poesia de alguns conceitos cujas origens são justamente os livros dos Pascal e dos Heidegger, dor Kierkegaard e dos Gabriel Marcel. Não significa isso, porém, que Sílvia Castro seja um desses aborrecidos poetas filosóficos, que falam em termos incompreensíveis, quase sempre pa-

ra... pessoa alguma. Sua poesia tem fundo filosófico, mas não pretende ser poesia filosófica — no sentido em que um Sílvia Romero, por exemplo, desejava fazer poesia filosófica. Em Sílvia Castro, o problema primeiro é o da comunicação. Ele busca traduzir-se em termos acessíveis, e por vezes emprega uma linguagem tão clara, tão precisa, que entre o seu pensamento e a expressão desse pensamento a correspondência é perfeita. Sílvia Castro utiliza também, em alguns momentos, a abolição de conjunções entre dois ou mais vocábulos, simplificando ao máximo a escrita. Seu estilo, em tais ocasiões, adquire qualquer tom telegráfico, que certamente há de desgostar a certa espécie de leitor.

O livro, que examinamos já em últimas provas, compõe-se de 30 poemas e está ornado de ótimas ilustrações de Adir Botelho. Será, sem dúvida, um bom livro de estréia, nesse fim de ano melancólico.



ENEIDA, A «nossa» Eneida, já entregou ao editor José Olympio seu novo livro de crônicas, «Aruanda». Todos devem estar lembrados do grande êxito alcançado pelo seu livro anterior, «Cão da Madrugada».

Notas e informações

ESTIVERAM EM S. Paulo, autografando livros, Herberto Sales («Cascalho»), Ligia Fagundes Teles («Ciranda de Pedra») e Saldanha Coelho («Memória de Inverno»).

★

POR FALAR em Saldanha Coelho: esse contista dirigirá um novo caderno literário, que circulará na primeira quinta-feira de cada mês, acompanhando a edição comum de «O Semanário». Chamar-se-á «O Semanário nas Letras e nas Artes», e aparecerá em dezembro.



ALUIZIO MEDEIROS, excelente poeta cearense, fixar-se-á definitivamente no Rio de Janeiro, ao que tudo indica. Aluizio, autor de livros de poesia de rara qualidade, como «Trágico Amanhecer» e «Mundo Evanescente», certamente há de tornar-se, no Rio, figura de relêvo em nossa vida literária.

★

PAULO DANTAS realizou em Bauri uma conferência sobre o poeta Rodrigues de Abreu, por ocasião da III Semana Rodrigues de Abreu, ali realizada. Esse poeta paulista vê sua popularidade a cada dia que passa, aumentada.

★

NO TRIÊNIO 1953-1955, o Brasil importou 5.680 toneladas de livros. De 1937 a 1939, foram importadas apenas 1.386 toneladas. Pelo que se vê, as coisas estão melhorando.

A SEDE internacional das Testemunhas de Jeová, em Nova York. Nela funciona imensa oficina gráfica, que edita duas grandes revistas, «Sentinela» e «Despertai».



A CERIMÔNIA de batismo (na foto abaixo), celebrada pelas Testemunhas de Jeová, é bastante característica. Nela, seguem-se as mesmas formalidades executadas em tempos de Jesus.

A RELIGIÃO QUE MAIS CRESCE NO MUNDO

AS TESTEMUNHAS DE JEOVÁ REUNIDAS EM NITERÓI, EM ASSEMBLÉIA DE DISTRITO, ENVIAM UMA PETIÇÃO AO PRIMEIRO MINISTRO BULGANIN, DA UNIÃO SOVIÉTICA
★ QUEM SÃO, QUANTOS SÃO, E ONDE ESTÃO AS TESTEMUNHAS DE JEOVÁ

FOI REALIZADO, recentemente, no Estádio Caio Martins, em Niterói, a Assembléia Anual de Distrito das Testemunhas de Jeová, ao mesmo tempo em que assembléias idênticas eram realizadas em Rio Grande do Sul e Bahia. As Testemunhas de Jeová pertencem à seita religiosa que, segundo os dados estatísticos, mais cresce, nos dias que correm. Existem atualmente seiscentas e quarenta mil testemunhas de Jeová, espalhadas por cento e sessenta nações diferentes. Sua fé resume-se no culto do cristianismo primitivo, e na estrita observância aos preceitos bíblicos.

As testemunhas de Jeová são pregadores por excelência, e não reconhecem liderança a nenhum homem. Só Cristo, e Jeová Deus são dignos de honra e louvor, para elas.

Segundo o que ensinam, 1914 foi um ano que marcou nova era. A se acreditar no que afirmam as Testemunhas, naquele ano foi Jesus Cristo entronizado no céu. E a crescente angústia mundial, desde 1914, corresponde justamente às predições de todos os escritores bíblicos sobre o Tempo do Fim. Porque as Testemunhas fervorosamente declaram, de público e de casa, através de visitantes, que próximo está um cataclismo desastroso, capaz de destruir todos os elementos ruins da terra, para dar lugar ao advento das condições que existiam no Jardim do Eden. Por isso as Testemunhas de Jeová não desejam amizade com o mundo atual, que consideram regido por um espírito maligno, mas aguardam cheios de esperança o próximo.

Existem no Brasil quase dez mil Testemunhas, e só no Distrito Federal contam-se 15 congregações, semelhantes às congregações das demais seitas religiosas, mas diferindo delas pelo fato de não possuírem templos, porém somente salões.

Em 1884 foi fundada a «Watch Tower Bible

and Tract Society», em Pittsburgh, nos Estados Unidos. Seus fundadores não desejaram fundar uma nova religião, mas tão somente lançar nova luz sobre alguns pontos controversos da Bíblia. Ali, em Isaías, 43, versos 10 a 12, encontraram as bases da doutrina hoje executada pelas Testemunhas de Jeová: «Vós sois as minhas Testemunhas, diz Jeová, e o meu servo a quem escolhi para que o saibais e me entendais que eu sou o mesmo e que antes de mim, deus nenhum se formou e depois de mim nenhum haverá. Eu, sim, sou Jeová, e fora de mim não há salvador. Eu anunciei, pois vós sois as minhas testemunhas, diz Jeová, e eu sou Deus».

A sede internacional da sociedade fica em Nova Iorque, e nela funciona grande oficina impressora. Só em 1955, nessa impressora foram editados, entre Bíblias, livros e folhetos, ... 46.792.097 exemplares, sem contar as revistas «Sentinela» e «Despertai», publicadas em 45 idiomas diferentes, numa tiragem de 4.500.000 exemplares cada. As Testemunhas de Jeová possuem filiais em 78 países, e recebem relatórios dos serviços ministeriais de 160. É uma organização que se destina a servir todos os homens que desejem ser verdadeiras testemunhas de Deus.

As Testemunhas receberam, desde a primeira guerra mundial, as mais severas perseguições. E dez mil delas pereceram sob o jugo de Hitler. Canadá, Inglaterra e outras partes do Império Britânico têm seguido o exemplo do ditador nazista. Assim também os vários países comunistas, como Albânia, Bulgária, Tchecoslováquia, Alemanha Oriental, Rússia, Iugoslávia, e os países não comunistas Congo Belga e República Dominicana, de onde as Testemunhas estão banidas. Na União Soviética existem dez mil Testemunhas de Jeová, nos campos de concentração siberianos. Apesar de tudo, o número delas tem

aumentado continuamente no mundo, a ponto de ser perfeitamente justificável o título que ostentam, de a organização religiosa que mais cresce, no mundo: seus efetivos dobraram, nos Estados Unidos, quintuplicaram, na Ásia, e na América Latina sofreram uma multiplicação de veras admirável: são hoje quinze vezes mais numerosos do que há dez anos.

As Testemunhas de Jeová têm certeza de possuírem a verdade, e de que Jeová Deus está a seu lado. No seu último congresso internacional, realizado em 1953, compareceram 165.829 pessoas, de 96 nacionalidades diferentes — entre elas, 80 brasileiros.

A ASSEMBLÉIA DE CAIO MARTINS

A vinte de outubro do corrente ano, as Testemunhas de Jeová de várias congregações brasileiras, reunidas em Assembléia de Distrito, lançaram uma importante Resolução, uma petição encaminhada ao Primeiro Ministro Nikolai A. Bulganin, da União Soviética. É o texto de tal resolução que a seguir apresentamos:

Ao Primeiro Ministro Nikolai A. Bulganin
 Presidente do Conselho de Ministros
 da União Soviética
 Moscou, U. R. S. S.

Excelentíssimo Senhor:

Nós, os delegados de muitas congregações das testemunhas de Jeová, reunidos em Assembléia de Distrito em Niterói, Estado do Rio de Janeiro, Brasil, neste dia 20 de outubro de 1956, resolvemos, pela declaração que segue, chamar a vossa atenção aos nossos companheiros cristãos, dos quais, como V. Exa. sabe, há muitos milhares em vosso vasto país.

No decorrer dos últimos dois anos, destacados noticiários e pessoas repatriadas trouxeram notícias da Rússia, segundo as quais.

1) há, ou havia, cerca de 2.000 das testemunhas de Jeová no campo penal de Vorkuta;

2) em princípios de abril do ano de 1951, cerca de 7.000 das testemunhas de Jeová foram presas, desde os estados bálticos até a Bessarábia, e daí foram transportados em trens de carga à região distante entre Tomsk e Irkutsk, e perto do Lago Baical, na Sibéria.

3) há testemunhas de Jeová presas em mais de cinquenta campos, desde a Rússia Européia até a Sibéria e, para o norte, até o Oceano Ártico, até mesmo na ilha ártica de Novaya Zemlya; e

4) que certo número destas, especialmente das 7.000 mencionadas acima, morreram de subnutrição durante os primeiros dois anos da sua estada na Sibéria.

PETIÇÃO

Uma investigação objetiva das testemunhas de Jeová revelará que nunca mereceram ser encarceradas, deportadas e enviadas a campos penais, e, consideramos agora mui oportuno enviar esta PETIÇÃO ao vosso Governo, pedindo que estes cristãos sinceros, que se distinguem pelo seu ardente amor à justiça, à verdade e à paz.

a) sejam libertos e

b) autorizados a se organizarem em congregações cristãs, bem como em circuitos e distritos abrangendo todas estas congregações através da nação, com ministros e servos responsáveis, segundo o mesmo padrão seguido em todos os outros países;

c) que sejam autorizados a estabelecer relações regulares com o corpo governante cristão

das testemunhas de Jeová em Brooklyn, Nova Iorque, Estados Unidos da América; e, que

d) sejam autorizados a receber e a publicar a revista «A Sentinela» em russo, ucraniano e em outros idiomas, conforme necessário, bem como outras publicações bíblicas usadas pelas testemunhas de Jeová mundialmente.

DECLARAÇÃO DE FATOS

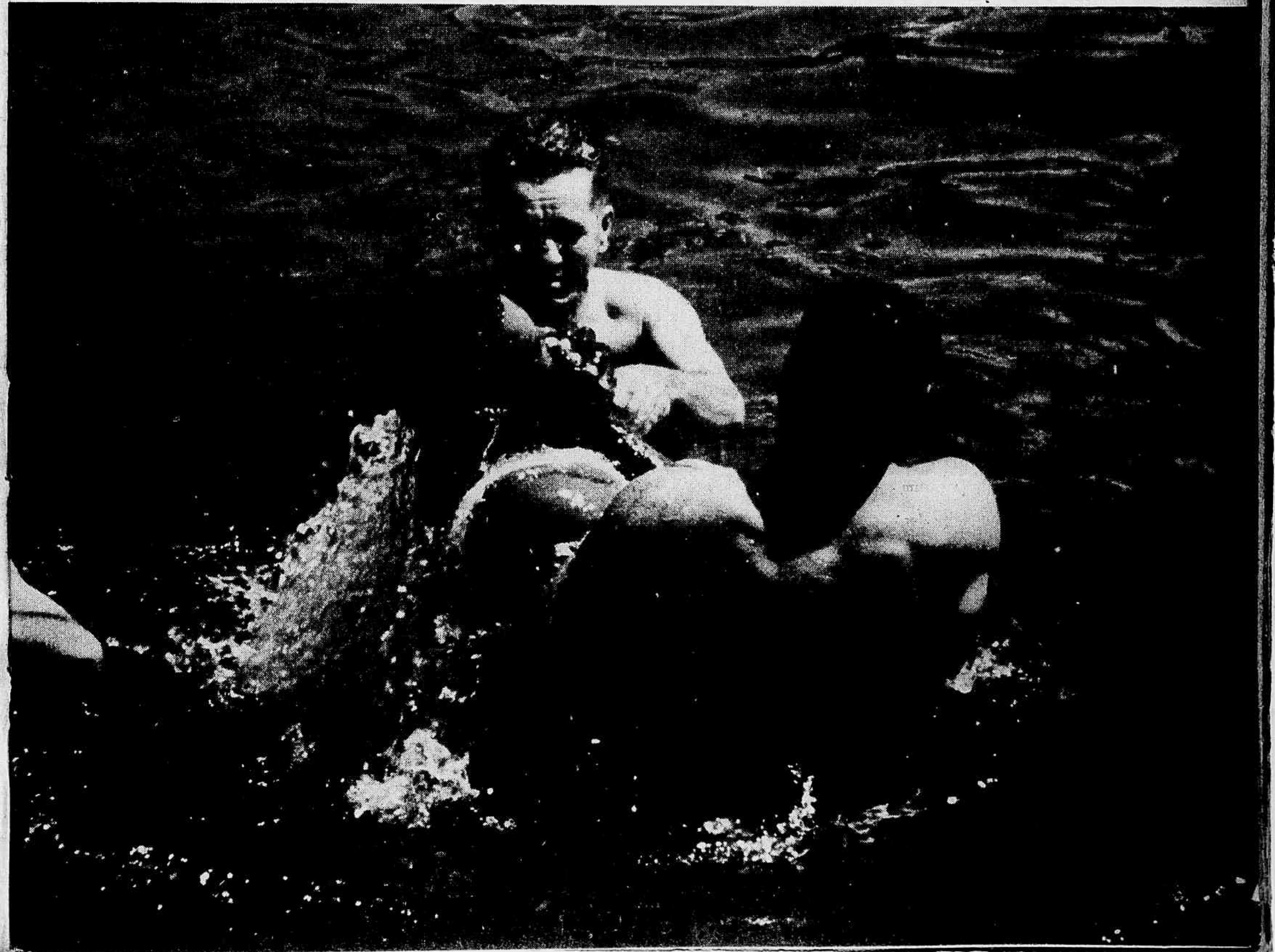
As testemunhas de Jeová são uma comunidade cristã que se compõe atualmente de mais de 640.000 ministros que se empenham na sua atividade em cerca de 160 países, em praticamente todo país na terra. Suas revistas quinzenais, «A Sentinela» e «Despertai!», têm uma tiragem conjunta de mais de 4.000.000 de exemplares cada quinzena, e são publicadas em quarenta e seis idiomas.

As testemunhas de Jeová, portanto, vêm de todas as nações, mas, no que se refere a elas, têm completamente resolvido o problema de coexistência pacífica, universal e duradoura. Nas suas fileiras, venceram todas as barreiras e preconceitos raciais, nacionais e religiosos, e se tornaram uma associação de irmãos, seguidores de Cristo, todos governados pelos dois maiores mandamentos, os do amor a Deus, e do amor ao seu próximo. Em vista disto, não podem matar, nem se matam mutuamente, periodicamente, nos campos de batalha, como fazem os católicos, os protestantes e os membros de outros sistemas religiosos.

Jesus Cristo disse ao Governador Romano Pôncio Pilatos: «O meu reino não é deste mundo», indicando assim que o Império Romano, do qual Pilatos era representante na Palestina, não precisava ficar preocupado com a sua atividade religiosa. Ele não lutava contra o governo político em poder, não tinha interesses nem ambições políticas, não era líder de partido político,

não lutava a favor dos judeus e contra os romanos, ou vice-versa. Não, mas indicou a raiz de todo o mal e realizou um programa de cura espiritual que continua até hoje em dia e abrange todas as nações do globo, pelo ministério dos seus verdadeiros seguidores. Jesus disse também a Pilatos: «Para isso vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade.» Depois disso, Pilatos disse aos clérigos religiosos que acusaram falsa e hipocritamente a Jesus: «Eu não acho nele crime algum». — João 18: 36-38.

Não se pode achar crime algum, atualmente, nas testemunhas de Jeová. Obedecem aos mandamentos de Deus: «Vós sois as minhas testemunhas, diz Jeová.» (Isaías 43: 10,12). Dão primeiro a Deus as coisas que pertencem a Deus, e depois ao governador político na terra as coisas que pertencem a ele. (Mateus 22: 21). Segundo o ensino de Cristo, formam uma fraternidade universal constituída de russos, chineses, brasileiros e de membros de muitas outras nações, e sua fraternidade está crescendo rapidamente em toda a terra. As testemunhas de Jeová não causam dano a ninguém. Permanecem neutras para com as controvérsias deste mundo. De modo que não se empenham em nenhuma atividade subversiva ou espionagem. Não são nacionalistas, nem capitalistas egoístas, nem imperialistas. Como verdadeiros cristãos, nunca poderiam ser tais, nem poderiam lutar em prol de qualquer doutrina ou ideologia política, seja ela comunista, democrática ou capitalista. Na América e em outros países ocidentais, as testemunhas de Jeová têm sido chamadas de «comunistas», e, em países sob domínio comunista, de «imperialistas», porque mantêm uma posição de neutralidade para com os assuntos mundiais. Os governos comunistas as têm acusado como «espiões imperialistas», e as têm sentenciado a tantos quantos vinte anos de prisão. Mas, elas



FATOS SOBRE AS TESTEMUNHAS DE JEOVÁ

◆ **CONGRESSOS:** De seis em seis meses as testemunhas de Jeová se reúnem em assembleia, chamada «de circuitos», uma vez que dela participam cerca de 20 congregações, que compreendem um «circuito», tendo um ministro que visita a cada uma delas. Uma vez por ano, diversos «circuitos» se reúnem naquilo que é chamado «assembleia de distrito», como a atual, realizada no Ginásio Caio Martins. De vez em quando as testemunhas de Jeová se reúnem em «assembleia nacional», compreendendo todos os circuitos do país. Além disso, há as «assembleias internacionais», como as realizadas nos Estados Unidos, em 1953, no Estádio Iaque, com a maior assistência a um conclave religioso: 165.829 pessoas. Em 1955, em Nuremberg, na Alemanha, também em congresso internacional, havia 107.000 testemunhas de Jeová.

PRIMEIRO CONGRESSO: Foi realizado em 1893 de 4 a 20 de agosto, com um total de 360 pessoas, tendo sido batizadas 20 almas. Isto em Chicago, Illinois, E. U. A. Veja-se o progresso, que levou o «Courier Journal» de Louisville, E. U. A., a chamar as «Testemunhas de Jeová» de «a religião de mais rápido crescimento no mundo»:

Em 1904 havia	2.000	pessoas em	São Luís, Missouri
Em 1919	8.000	"	Cedar Point, Ohio
Em 1922	20.000	"	Cedar Point, Ohio
Em 1950	123.000	"	no Estádio Iaque, Nova Iorque
Em 1953	165.000	"	Estádio Iaque, Nova Iorque

AUMENTO DAS TESTEMUNHAS NO BRASIL

INÍCIO: Alguns marinheiros, na década de 1920 a 1930, ouviram a mensagem das testemunhas de Jeová, na Europa e na América do Norte. Ao voltarem para o Brasil, se reuniram em classes de estudo que foram aumentando surpreendentemente. Senão, vejamos:

Em 1923 havia	8	ministros
Em 1928	18	"
Em 1938	103	ministros
Em 1943	252	"
Em 1948	911	ministros
Em 1952	5.103	ministros
Em 1953	5.774	ministros
Em 1954	6.662	ministros
Em 1955	7.931	ministros
Em 1956	há	8.953 ministros

ATIVIDADES DAS TESTEMUNHAS DE JEOVA E IDEIA DO AUMENTO

	1955	1956
Livros colocados (como «Seja Deus Verdadeiro», etc.)	92.180	87.802
Folhetos (como «O Caminho de Deus é Amor», etc.)	434.706	332.964
Revistas avulsas colocadas	414.892	928.951
Novas assinaturas de «A Sentinela» e «Despertai!»	19.676	
Média do número de ministros (para cada mês do ano)	7.931	8.953
Auge de ministros (o mês que mais estiveram na ativa)	9.391	9.596
(O auge de 10 anos atrás foi de 612 ministros)		
Horas gastas no serviço de pregação	1.080.086	1.195.668
Revistas (quando o ministro retorna à casa em que deixou publicações, etc.)	385.250	451.072
Média de estudos bíblicos domiciliares (curso gratuito feito a domicílio por qualquer ministro com pessoas que não são testemunhas de Jeová)	4.146	4.617
Número de ministros ordenados (pela cerimônia do batismo em água, por imersão)	1.097	1.119
Congregações	163	
Discursos públicos (nas praças, em clubes, etc.)	4.247	4.637
Porcentagem de aumento	19%	13%
Porcentagem de auge	41%	21%
Assistência na Celebração da Morte de Cristo (Memorial)	14.946	17.255
Número de pessoas que assistiram ao filme «A Sociedade do Novo Mundo em Ação»	32.036	46.017

Assistências às conferências públicas das assembleias de Distrito em 1955:

Salvador	2.512
Rio de Janeiro	3.306
São Paulo	5.995
TOTAL	11.813

nunca se empenharam em qualquer atividade subversiva ou em qualquer espionagem.

Portanto, é absolutamente errado e em violação da justiça mais elementar, encarcerar, internar e deportá-las, seja por um dia ou por vinte e cinco anos.

Não somente em países ocidentais, mas também nos dominados pelos comunistas, as testemunhas de Jeová são reconhecidas como trabalhadores fidedignos, dignos de confiança, conscienciosos. Assim, cumprem com seus respectivos deveres de cidadãos do país em que vivem. São um povo inteligente que não acredita em toda a opressão e instrução errônea da parte das religiões falsas. Não roubam, não se entregam a bebedeiras, que reduzem a produção, e nunca se empenham em qualquer obra de sabotagem. Seguem os ensinamentos da Bíblia Sagrada, cuja impressão e distribuição na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas o Governo da URSS tem recentemente autorizado.

Um ponto notável em que as testemunhas de Jeová, como seguidores de Cristo, diferem dos seus próximos é que insistem obedientemente em fazer aquilo que Cristo ordenou quando disse: «Estas boas novas do reino serão pregadas em toda a terra habitada, com o propósito de dar testemunho a todas as nações, e então virá o fim consumado.» Mateus 24: 14, NM). Consequentemente as testemunhas de Jeová estão fazendo isso, hoje em dia, entre todas as nações, e continuarão a fazer isso, mesmo sob perigo de vida, sob perseguição e oposição, assim como Jesus disse: «Sereis odiados por todas as nações por causa do meu nome», e, «eu vos envio como ovelhas no meio de lobos». — Mateus 24: 9; 10: 16.

Deseja vosso Governo participar na responsabilidade do cumprimento destas palavras do Fundador do verdadeiro cristianismo?

CONVERSÇÕES PROPOSTAS

Teremos muito prazer em enviar representantes de nosso corpo governante, «Watch Tower Bible and Tract Society», a fim de manterem palestras adicionais sobre este assunto com V. Exa., quer com vosso principal representante nos Estados Unidos da América, quer diretamente com vosso Governo em Moscou.

V. Exa. tem permitido que muitas delegações de países ocidentais visitassem vossa capital e país. Gostaríamos, portanto, de sugerir também que V. Exa. examine a possibilidade de permitir que uma delegação das testemunhas de Jeová siga para Moscou, a fim de dar a V. Exa. qualquer informação adicional que possa requerer, e para pedir que V. Exa. conceda permissão para uma visita a nossos irmãos cristãos nos diversos campos, irmãos que, confiamos, serão libertos em breve, por ordem de V. Exa.

No ínterim, não podemos fazer outra coisa senão informar o mundo sobre as testemunhas de Jeová em prisões, campos penais e centros de deportação russos, visto que lhes devemos, como nossos amigos e irmãos na fé, informar o mundo sobre a sua situação. No entanto, preferiríamos poder dizer ao mundo que V. Exa., o Governo da Rússia, ordenou que as testemunhas de Jeová fossem libertas de todos estes lugares, a fim de poderem trabalhar como cidadãos livres de vosso país e levar uma vida calma e tranqüila, o que creem ser em harmonia com o exemplo dado por Jesus Cristo. — 1 Timoteo 2: 1-6.

Confiantes de que V. Exa. estudará esta petição e dará consideração aos méritos deste caso e que possamos receber uma resposta favorável à mesma subscrevemo-nos,

De Vossa Excelência,
Mui atentamente,

α) R. C. Mucha.

Moção da adoção desta Resolução proposta por W. Bisinella, Administrador da Assembleia. Apoiada por A. S. Araújo, Presidente da Assembleia. Aprovada unanimemente pela Assembleia de Distrito em Niterói, R. J. conforme atestado por A. Machado Filho, Funcionário de Relações Públicas, neste dia 20 de outubro de 1956, na cidade de Niterói, Estado do Rio de Janeiro, Brasil.



DURANTE A última assembleia de distrito, realizada em Niterói, no Estádio Caio Martins, foi apresentada pela primeira vez a Orquestra das Testemunhas de Jeová, composta de elementos de todas as idades e classes.

PARTICIPAÇÃO DO PÚBLICO

SPECTATOR

♦ A participação que o público tem em muitos dos programas radiofônicos, não só nos que são feitos na presença do auditório como nos concursos, quando os ouvintes respondem às questões que lhe são feitas, através do telefone, e o sucesso que alcançam essas apresentações, levou os produtores de TV a tentarem que os telespectadores tivessem igual atuação.

O sucesso da idéia já está comprovado através da boa aceitação que têm as audições como «Boliche Royal», «Cestinha Marilu» e até mesmo a adaptação por que passou recentemente «Sega-daes Pergunta», que agora, além dos candidatos previamente inscritos para responder às perguntas, contam também com a participação daqueles que se encontram nos estúdios da emissora assistindo ao programa.

Nada é mais interessante para o espectador do que assistir a audições em que tenha oportunidade de acompanhar as dificuldades por que passam os candidatos às provas previstas por programas como «Agüente as conseqüências» ou vibrar com o sucesso dos concorrentes após cada nova etapa vencida em «O céu é o limite». Todas as estatísticas comprovam serem essas apresentações que detêm o maior número de espectadores em seus horários.

Acabamos de mencionar «Agüente as conseqüências» e o sucesso de suas apresentações, no entanto deve-se ressaltar a dificuldade que programas como esse oferecem aos seus autores, uma vez que as brincadeiras às quais se sujeitarão os candidatos devem ser realmente divertidas, sem que no entanto caiam eles no ridículo ou sofram conseqüências demasiado desastrosas, como aconteceu em um dos últimos sábados quando uma das «vítimas», um rapaz, caminhou sobre uma estreita tábua, equilibrando-se como bailarina de circo e sofreu grande queda, acabando por ferir o lábio. Tal situação, como é fácil prever, deixou o animador bastante constrangido. Têm também alcançado grande sucesso as apresentações televisionadas onde há associação de bonecos e artistas. Os telespectadores infantis acompanham com grande interesse as conversas animadas e repletas de humor de Madelaine Rosay com o Perereca, bem como as aventuras maravilhosas que os personagens do teatro de fantoches do Canal 6 vivem ao lado de Neide Aparecida, que com sua graça e candura já se tornou uma das principais animadoras dos programas infantis dessa emissora. Como se vê, são muitas e bastante variadas as formas dos programas que contam diretamente com a participação do espectador de casa ou daquele que comparece ao auditório. Constantemente novos temas são exibidos ao público e algumas das principais atrações desse estilo, lançadas nos Estados Unidos, são produzidas entre nós com igual sucesso.



O professor José Bernardo, semanalmente apresenta através do Canal 13 um interessante programa sobre defesa pessoal.

PROGRAMAS INFANTIS

Semanas atrás apresentamos algumas regras seguidas nos Estados Unidos e que regulam os mais variados programas exibidos através do vídeo das diversas emissoras do país. Hoje destacaremos alguns dos itens especialmente observados na confecção de programas infantis.

O principal fim que deve ter em vista o autor do «script» é que os programas especialmente destinados às crianças precisem conter sempre uma mensagem social. Requerem, portanto, cuidadosa seleção do material que será utilizado, bem como dos temas a serem abordados. Isso não quer dizer que o vigor e a vitalidade comuns à imaginação infantil e amor à aventura, sejam evitados. Quer dizer que os programas devem ser baseados em conceitos sociais, refletindo o respeito devido aos pais, às autoridades, à lei, à ordem, à limpeza e aos preceitos morais.

Infelizmente não é a observância desses princípios o que geralmente vimos através das exibições que entre nós se destinam à infância, principalmente quando da apresentação de «shows» variados onde se exibem meninas cantando com gestos e rebolados em completo desacordo com a sua idade ou então representando cenas que tratam de assuntos bastante fora da sua compreensão.

Os programas infantis também não devem conter cenas de terror ou tortura, sobrenatural ou superstições ou qualquer outro elemento que possa prejudicar o desenvolvimento normal das crianças. Nenhum apelo que encoraje atividades que representem perigo social é permitido. Tais preceitos, embora por vezes possam parecer demasiado rigorosos, ainda assim devem ser observados com rigor pelos autores de programas infantis pois, qualquer que seja o tipo desses programas, levam sempre uma mensagem e há constantemente o perigo de dar-se através da divulgação feita pela TV o que acontece como as produções cinematográficas. Filmes como «Sementes de violência» e «Juventude transviada», confeccionados para servirem de alerta aos perigos que pode apresentar uma educação mal orientada, são assistidos por jovens de todas as idades que, em vez de perceberem a mensagem que os filmes encerram, entusiasmam-se com as aventuras apresentadas e imediatamente procuram imitá-las, sem medir-lhes as conseqüências.

NOTÍCIAS

Gladys, aquela esplêndida desenhista que trabalhou na TV-Rio contando histórias infantis e simultaneamente desenhando com muita agilidade os principais personagens das mesmas, tem alcançado em Belo Horizonte o mesmo sucesso conseguido no Rio, pois agora é contratada da TV-Itacolomi.

— :: —

Durante as cinco primeiras transmissões de «Festival de emoções», Lamartine Babo já havia recebido cerca de 380 músicas para o seu concurso em busca de novos compositores.

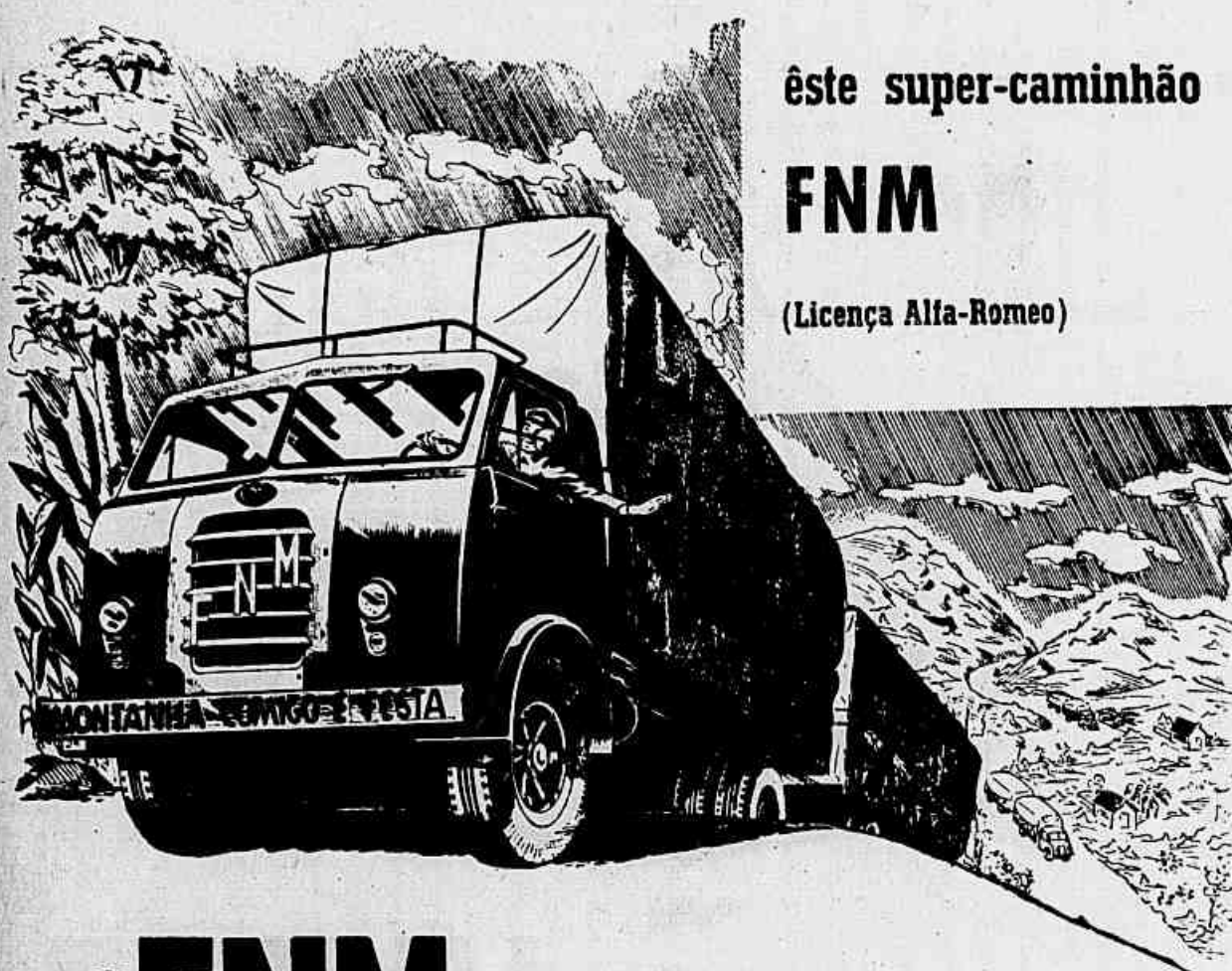
É das mais interessantes essa iniciativa de Lamartine, uma vez que existe bom número de compositores que aguardam apenas oportunidade para tornarem conhecidas as suas composições. Eis a ocasião para o aparecimento de novos valores no setor musical brasileiro



Marcelo Araújo, pequeno acordeonista do «Clube do Guri».

Montanha comigo é festa!

Para as estradas do Brasil... só o "BRASILEIRO"



êste super-caminhão

FNM

(Licença Alfa-Romeo)

FNM

FÁBRICA NACIONAL DE MOTORES S. A.

Officinas: Km 26 da Estrada Rio-Petrópolis * Sede: Rua México, 3 - 6.º andar - Tel. 32-8686

CORRETORES (AS)

Predial Cruzeiro do Sul S.A. para lançamento do sensacional Plano Novidade, convida os snrs. e sras. que tenham vendido loteamentos, para venda externa, sem horário, de formidável mercadoria imobiliária, que virá revolucionar o mercado de imóveis.

Tratar diariamente das 9 às 18 horas, em sua sede, à Rua da Assembléia, 36 — 11.º andar

N.B. — Não se trata de loteamento, nem capitalização.

MÚSICA

BOLIVAR COSTA

A TEMPORADA DE "BALLET"

♦ A segunda récita da assinatura de gala da presente temporada de «ballet» do Teatro Municipal não correspondeu à expectativa. Foi falha sob vários aspectos, não obstante a participação de grandes expoentes do mundo da dança, como Leonide Massine, Yvette Chauviré e Milorad Miskovitch.

O bollet «Copélia» de Leo Delibes, com coreografia de St. Leon e Nutter, reconstruída por Tatiana Leskova, não encontrou em Tamara Capeller uma intérprete à altura. Certamente que não cabem aqui restrições de ordem essencialmente técnica. Mas os movimentos da jovem bailarina do nosso corpo de bailados aparecem eventualmente desvirtuados pelo excessivo peso do seu corpo. Dennis Gray teve um desempenho satisfatório, ainda que um tanto caricatural. Johnny Franklin foi a melhor «performance» no papel de Frantz.

Em seguida, tivemos o «Grand Pas-de-Deux Classique», com música de Auber e coreografia de Victor Gsovsky. Yvette Chauviré demonstrou boa forma: perfeição técnica, porém ausência de expressão. Milorad Miskovitch decepcionou pelo estilo demasiado efeminado. Sua agilidade e capacidade expressiva se vêem deturpadas pela languidez do comportamento, fato tanto mais reprovável porquanto se sabe que tal defeito é perfeitamente evitável. Entretanto, em «L'Après-Midi D'Un Faune» de Debussy, Miskovitch se refez, dançando com maior discrição e atingindo momentos de grande poesia. Demonstrou compreender a belíssima coreografia de Nijinsky, a par de uma relativa capacidade de inovação.

«A Morte do Cisne» — êsse indefectível «ballet» de Camille Saint-Saens — foi o que se seguiu, com a reaparição sensivelmente melhorada de Yvette Chauviré. Houve algumas inovações de ordem coreográfica que, entretanto, não representaram um progresso nem tão pouco acrescentaram qualquer valor estético ao conhecido «ballet». Concorreu para o sucesso da «performance» o excelente solo do violoncelista Renzo Brancaloni.

Por fim, vimos o «Capricho Espanhol» de Korsakov, coreografia de Leonide Massine e cenário de Mário Andreu. No papel do cigano Leonide Massine salientou seu exuberante estilo, não obstante a idade que o sobrecarrega (62 anos!). A nossa Berta Rosanova saiu-se bem ao lado do grande coreógrafo e bailarino russo. Quanto aos conjuntos, sérias são as restrições que devem ser feitas. Em primeiro lugar, falta de unidade. Majos, Majas, Camponeses e Camponesas; todos desarticulados e perdidos, dando a impressão de pouco ensaio.

A orquestra correspondeu, sob a regência dos Maestros Henrique Nimmer e Nino Stinco.

NOTAS

Prossegue a Temporada de Concertos do Teatro Copacabana com um recital da jovem e festejada pianista Ivy Improta, que executou obras de Beethoven, Schumann, Chopin, Villa-Lobos, Granados e Albeniz.

Por ocasião do dia de Finados, a Rádio Ministério da Educação e Cultura apresentou uma programação especial, na qual incluiu a «Missa de Defuntos», em gravação realizada nessa emissora, no ano de 1948. Em prosseguimento, lêz ouvir, em audições especiais, o «Requiem» de Verdi, o «Requiem» de Gabriel Fauré e «Requiem» de Mozart.

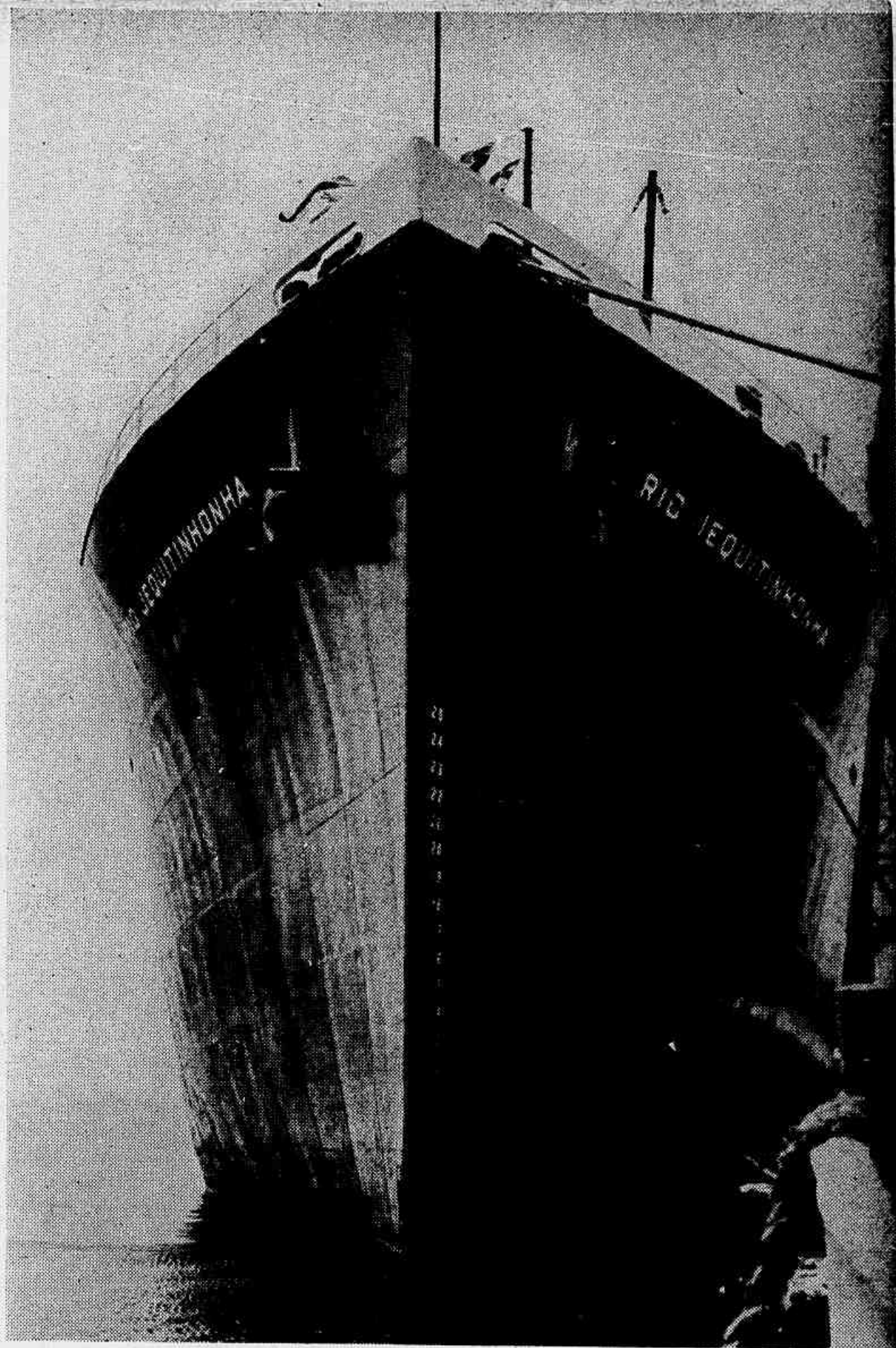
Sob o nome de «Primeiro Concurso Magdalena Tagliaferro», o Ministério da Educação e Cultura realizará, no período que vai de 4 a 9

de fevereiro de 1957, um concurso entre jovens pianistas brasileiros, de 15 a 28 anos de idade, sendo que os três primeiros colocados receberão bolsas de estudos em Paris, onde estudarão sob a orientação pessoal de Magdalena Tagliaferro. As inscrições estarão abertas a partir do próximo dia 10 de dezembro, na Rádio Ministério da Educação, Praça da República 141, onde poderão obter informações mais detalhadas. Os candidatos dos Estados poderão fazer suas inscrições por meio de cartas.

A Associação de Canto Coral inaugurou o Festival do Rio de Janeiro, do Teatro Municipal, apresentando a Missa em Dó Maior — «Missa da Coroação» de Mozart, sob a direção do Maestro holandês Van Remoortel.

◆ Na cerimônia da incorporação do «Rio Jequitinhonha» à frota de cabotagem da Companhia Nacional de Navegação Costeira, o Ministro da Viação e Obras Públicas, Comandante Lúcio Meira, pronunciou importante discurso sobre as medidas adotadas ou planejadas pelo Governo para a solução dos problemas dos transportes no país. Divulgou o Ministro da Viação, nessa oportunidade, todo um programa de realizações que vêm sendo empreendidas para corrigir, ainda neste quinquênio, as deficiências de nossas redes de transportes terrestres e marítimas, através de medidas objetivas e do esforço conjugado de seu Ministério e de outros departamentos governamentais.

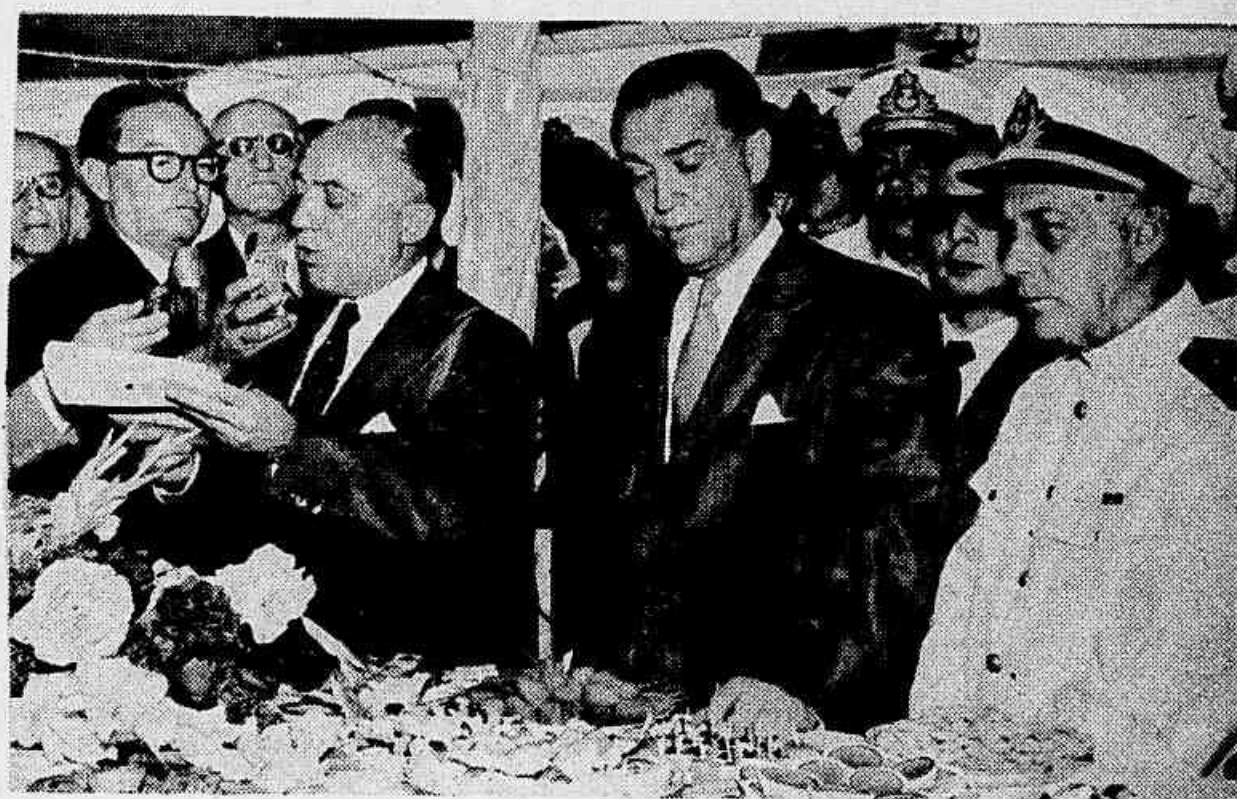
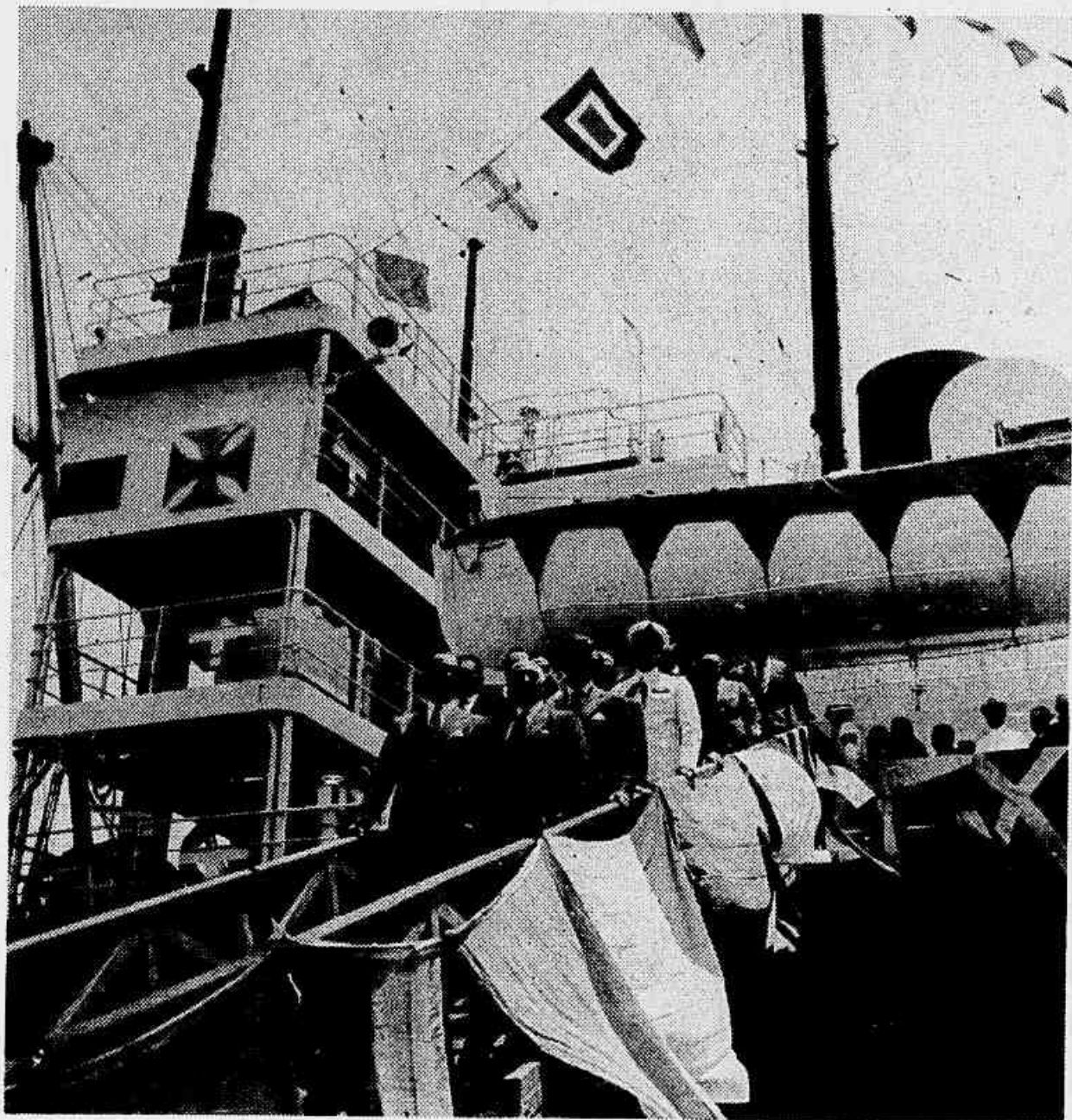
Nas fotos da esquerda, o Presidente Juscelino Kubitschek falando na solenidade e ao retirar-se do navio, acompanhado do Ministro Lúcio Meira, do dr. Armando Redig de Campos, Superintendente da Costeira e outras autoridades. Ao alto, a proa do «Rio Jequitinhonha», e embaixo, o Ministro da Viação, Comandante Lúcio Meira, pronunciando a sua oração.



PLANO EM MARCHA

Para a solução dos nossos problemas de transportes

COMEÇAM A CHEGAR OS NAVIOS ADQUIRIDOS PELA COSTEIRA — IMPORTANTE DISCURSO DO MINISTRO LÚCIO MEIRA



◆ O governo brasileiro viu coroadas de êxito as negociações levadas a cabo pelo Ministério da Viação, em virtude das quais pudemos adquirir, pelo preço mínimo irredutível, fixado em lei pelo Congresso Norte-Americano, doze navios CI-MA-VI que, sobre permitirem a dispensa, com economia de milhões de dólares anualmente, dos navios estrangeiros atualmente empregados no serviço de cabotagem, possibilitarão, através de reparos inadiáveis, a recuperação dos demais navios da Costeira, extremamente desgastados por anos de uso ininterrupto.

Novas perspectivas se abrem, assim, à nossa economia, bem como para a frota mercante nacional que, após mais de um quarto de século, reinicia a renovação de suas unidades.



POR QUE? Tal é a pergunta que se pode fazer a Lawrence Olivier e Vivien Leigh depois que se desfizeram as suas esperanças de terem um filho em dezembro.

Quando Vivien estava grávida, perguntou aos médicos o que devia fazer. Nesta época, ela interpretava diariamente a comédia de Noel Coward «Bulles des Mers du Sud». «Continue até à primeira semana de agosto». Vivien trabalhou até à segunda semana do mês. «Terei passado do limite?» — Pergunta-se desesperadamente a grande atriz.

Em Londres, todos respondiam afirmativamente esta pergunta. Vivien trabalha na peça desde março último. Ela faz o papel da esposa de um governador, bonita, e caprichosa, que namora com um jovem político, com o fim de auxiliar o marido. Numa das cenas da peça, Vivien executa uma dança frenética e luta com o político que quer abraçá-la. Ele consegue lançá-la sobre um divã, enquanto ela quebra-lhe uma garrafa na cabeça.

Desde que se conheça o dinamismo de Vivien Leigh e o peso do seu companheiro de cena (mais de 80 quilos) pode-se facilmente imaginar o esforço que ela despendeu na interpretação de tal papel. Segundo os espectadores que assistiram à comédia de Noel Coward após a saída de Vivien, a substituta da famosa atriz, parece não se movimentar dentro do palco, não obstante ser dez anos mais jovem.

Mas a esposa de Sir Lawrence Olivier não fazia somente interpretar a comédia. Depois de meia-noite, participava de festas de caridade, onde geralmente, cantava, dançava, fazia acrobacias, o que não era aconselhável para a sua saúde. Quando Marilyn Monroe chegou a Londres com o seu marido Arthur Miller, Vivien participou da recepção ao famoso casal norte-americano.

Mas, agora, Vivien repousa em sua propriedade de Notley Abbey, nas margens do Tamisa. Vai ter um prolongado repouso. Depois, ela poderá esperar novamente, pois os médicos afirmam que nada impede que ela tenha um filho. Estas, certamente, serão umas tristes férias, após a terrível decepção que teve e «Larry», seu marido, não estará ao seu lado. Isto porque, em novembro, Sir Lawrence fará, com Marilyn Monroe, o filme «O Príncipe Adormecido», do qual é também diretor.

Na peça da qual é tirado o filme, Vivien é quem interpreta o papel que Marilyn vive na tela. «Estou muito velha — explica ela. No palco ainda passa, porque os espectadores ficam distantes, mas a câmara é impiedosa».

Com efeito, Vivien tem 42 anos de idade, enquanto Marilyn não chega a trinta. Agora em novembro, mês em que espera ter o filho, contará com 43. Sabe-se que o casal já escolheu um nome para a criança: Katherine, pois só concebem que seja uma menina. A governante também já foi escolhida, assim como as côres do berço e a costureira a quem Vivien encomendará o enxoval.

Este deverá ser o primeiro filho, após dezesseis anos de uma perfeita união. Entretanto, os dois têm cada qual um filho de casamento anterior. O filho de Larry é o segundo tenente Tarquin Olivier, que serve na Alemanha. Sua mãe é a atriz Jill Esmond. Vivien tem uma filha, Suzana, que traz o nome de seu primeiro marido, o advogado Leigh Holman. Tarquin tem dezenove anos e Suzana vinte e dois.

«O Príncipe Adormecido» (The Sleeping Prince) foi o seu último grande sucesso, antes de «Les Bulles des Mers du Sud». Esta peça se adapta perfeitamente à sua idade. E durante os cinco atos, ela usa o mesmo vestido, uma vez

O DRAMA ÍNTIMO



Numa de suas mais recentes fotografias, Lady Vivien Leigh arranja um jarro de flores, na suntuosa residência londrina, onde vive ao lado do seu marido, formando um dos casais mais simpáticos do cinema.

Vivien e Lawrence estão juntos na cena e na vida, uma das razões da popularidade do casal. Aqui dançam durante uma recepção no «Hotel Dorchester», em Londres, onde passam grande parte de seu tempo.



DE VIVIEN



O drama íntimo...

que a ação não deixa tempo para mudança da «toilette».

Vendo-a tão feliz, tão dinâmica, parecia inacreditável que seis meses antes, em março de 1953, ela houvesse sido vítima de uma crise nervosa e que aquela que desempenhou o papel de Blanche no filme «Uma Rua Chamada Pecado» não mais se recuperasse.

Estêve no Ceilão durante uma época de calor, e no avião que a conduzia para Nova York, foi presa de uma crise de terror. Mas ela havia sentido a mesma angústia em 1941 quando o aparelho em que viajava ao lado de Lawrence Olivier, por pouco não sofreu um acidente. Desde então, o fantasma da morte começou a perseguir-la e nunca mais Vivien pôde fazer as pazes com o avião.

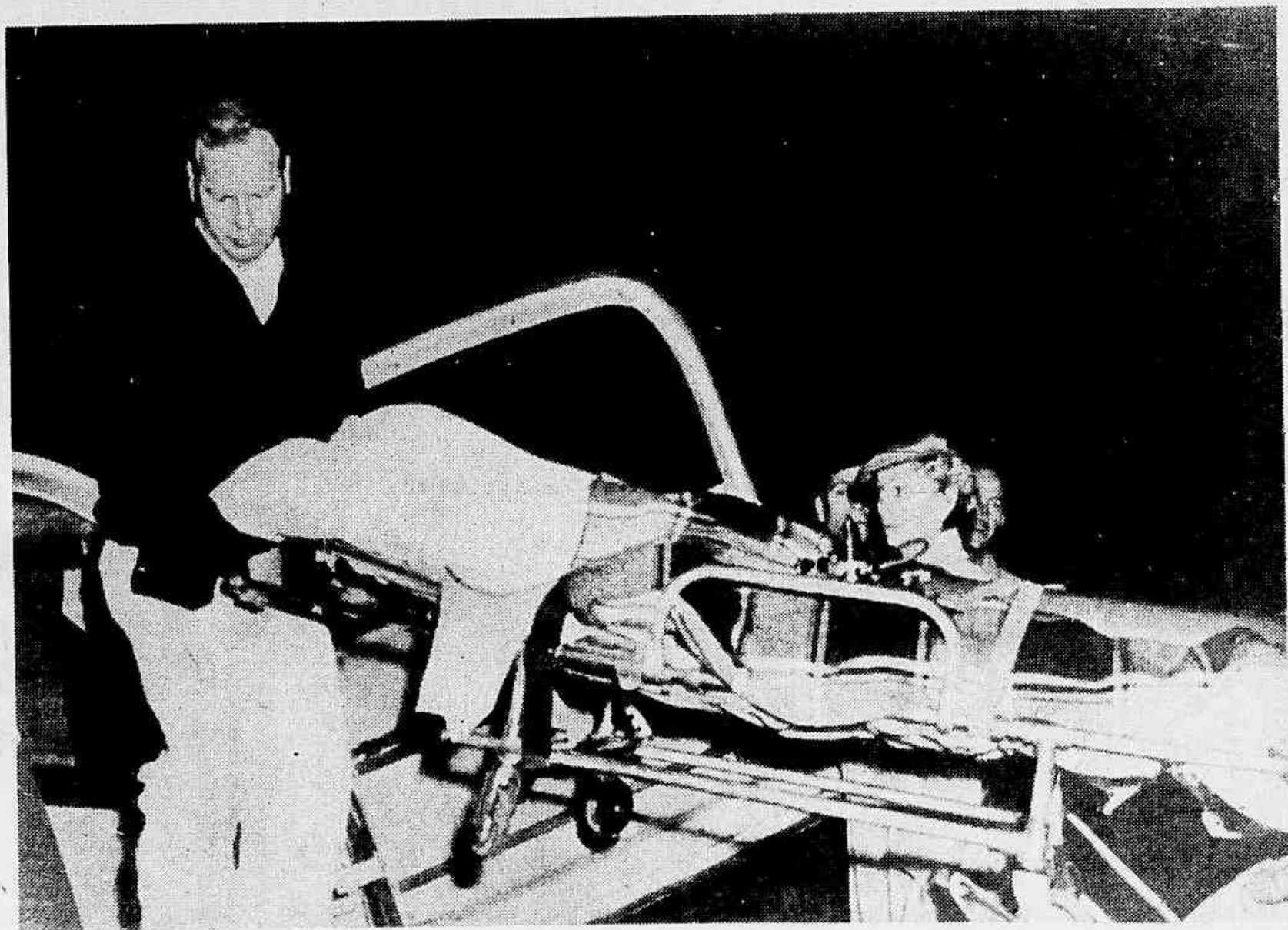
Lawrence, que se encontrava na Itália, acorreu em auxílio da esposa, internada numa clínica de Hollywood. Resolveu, então, trazê-la para Londres. Mas ao chegar à capital inglesa, Vivien recusou-se a descer do avião, tal era o seu estado de nervosismo. E numa casa de saúde de Surrey a atriz readquiriu o gosto pela vida e pelas flores.

Desde então, Vivien Leigh, prosseguindo em seu difícil mister de atriz e de trágica, teve que obedecer uma linha de conduta toda cheia de prescrições médicas tais como calma, repouso, tranqüilidade e paz. Palavras estranhas para uma mulher que sempre viveu apaixonadamente para o palco e para a tela. Aos dezenove anos, quando estreou, sua vida já era um turbilhão e seu trabalho uma verdadeira escravidão. Aos vinte anos já estava casada com Leigh Holman. A sua maior ambição era igualar às grandes atrizes do presente e do passado. Foi o que aconteceu. Não obstante às proibições médicas, Vivien prosseguiu, e não se contentando só com o teatro, entrou para a carreira cinematográfica, ainda mais fatigante.

Quando ganhou o seu «Oscar» pelo filme «... E o Vento Leveu», declarou quase exausta: «Nunca trabalhei tanto em minha vida». Mas em vez de descansar por algum tempo, iniciou uma «tourné» através da Inglaterra, quando interpretou todas as noites, com ilimitada paixão

(Cont. na página 58)

Vivien Leigh, no auge da sua carreira, quando a beleza e o talento juntos fizeram-na a mais perfeita «Ana Karenina» da história do cinema.



Ao deixar Nova York, em 1953, Vivien, num doloroso estado de depressão nervosa, é tomada de pânico no momento de subir no avião que deve conduzi-la a Londres. Ao chegar à capital inglesa, recusa-se a descer do aparelho. Colocada sobre uma padiola, segue para o hospital de Surrey.

ESTRANHO PAIS

(Continuação da página 51)

Depois que se foi, lembrei-me da música de um concerto para piano e orquestra que ouvira há muito. Concerto que me despertou original impressão. Uma encosta pouco inclinada coberta de grama muito verde. Um cachorrinho excepcionalmente branco, peludo, subia celeremente, de través, essa encosta. O animalzinho se destacava nitidamente do fundo esmeraldino. As notas do piano sobressaíam do fundo verdoso da orquestra. Recordando, ouvia perfeitamente a música. Voltava a emoção experimentada. Mas houve uma transformação. Ariana é a música da orquestra, sua voz é o som do piano.

Percebo agora. Enquanto ao lado de Ariana, ouvia as notas desse concerto. Porisso foi que o recordei. Minha impressão de sua pessoa se traduzia em sons. Ouvia música quando via Ariana. Li um dia que certas pessoas enxergam cor quando ouvem sons. Trata-se da audição colorida. Estaria eu sofrendo de visão sonora?

No dia seguinte, mais calmo, deixei-a falar. Embevecido, ouvia extasiado sua voz. O tempo correu, enquanto passeávamos ao longo da praia. Meus sentidos, como sempre, concentraram-se em Ariana. Não que os dirigisse a esse fim. Ela os absolvía irremissivelmente.

Surpreso, subitamente me vi só. O tempo se escoou, ela se despedira, e eu não o percebera! Procurei recordar suas palavras. Não me lembrava de nada! Ouvira Ariana falar tanto e não sabia o que dissera! Em meus sentidos permanecera somente o som de sua voz. Sons de música. Volta ao meu pensamento o concerto para piano e orquestra. Mas era Ariana a orquestra e o som de sua voz o som do piano.

Preciso passar a frequentar as casas de música. Quero descobrir que concerto é esse. Quem é seu autor. Não me lembro mais quando ouvi pela vez primeira, antes de conhecer Ariana. Seria Ariana música? Seria Ariana um concerto? Não estava eu em um país de fantasia?

Continuei a encontrá-la diariamente. Passeávamos na praia, sentávamos à beira de um lago no jardim original. E deixávamos as horas fugirem. Nossos beijos nos uniam cada vez mais.

Aguda pontada me atravessa o cérebro. Cambaleio e por um triz vou ao chão. Ariana seria irreal? Fantasia ou realidade? Aniquilou-me o pavor. Suor frio gotejou de todos meus poros. Minha vista escureceu-se e sentei-me para não cair. Seria Ariana fantasia? Súbito e intenso calafrio percorre-me da cabeça aos pés. Senti a boca secar e minha língua cresceu grandemente na boca.

Fantasia ou realidade? Amanhã perguntaria a Ariana; era real ou imaginária? Precisava perguntar, tinha que perguntar. Não podia mais viver assim. Em um instante meu sossego, minha felicidade, desapareceram. Como não pensara nisso antes?

E o amanhã veio, Ariana chegou, lembrei-me novamente do concerto e não fiz a pergunta.

Por que não perguntara? Não sabia. Não me lembrava de nada. Ou tivera medo de perguntar? Preciso descobrir que concerto é esse, que me lembro tanto dele. Realida-

de ou fantasia? A mentira é fantasia. Claro, simples.

Percebo agora! Seus passos deixam marca na areia da praia! Portanto Ariana era realidade! Que alívio! Alívio? Neste país a fantasia é tão real como a realidade. Somente perguntando a Ariana posso ficar conhecendo a verdade. E se seus pés não deixam as marcas?

Não é possível! Seus sapatos esmagam a grama do jardim! Se esmagam, só podem ser reais! Só uma pessoa real usa sapatos reais. Tinha que ser realidade! Ou seria sapatos reais usados por uma fantasia? Absurdo! Acabarei enlouquecendo.

Bôbo. Sofrendo em vão. Neste país tudo pode ser imaginário; sapatos, Ariana, tudo. A única solução é interrogá-la. Amanhã o farei, custe o que custar.

E o amanhã vinha, Ariana chegava, ouvia o concerto e não fazia a pergunta.

Não era necessário. Somente podia ser realidade. Sentia nitidamente o calor dos seus beijos, percebia perfeitamente o afiar da sua respiração. Se fôsse simples visão, talvez se tratasse de fantasia. Mas eram meus lábios que sentiam, meus ouvidos que ouviam. Sentidos que não enganam. Era realidade.

Estúpido. Novamente esquecendo-me que em Selênia tudo, tudo mesmo, pode ser mera fantasia. Desespero-me. Antes houvesse morrido no acidente. A providência nos preserva às vezes para depois ainda mais nos castigar. Bobagem. Ninguém tem culpa. Não há providência alguma. Eu é que sou idiota. Basta perguntar a Ariana. Se fôr real, levá-la-ei comigo e serei feliz. E se fôr ficção... Lágrimas de desespero vêm-me aos olhos. Perguntarei. Acabarei com todos os sofrimentos, todas as dúvidas.

E o dia seguinte chegou, estive com Ariana, ouvi os sons do concerto para piano e orquestra, mas não fiz a pergunta.

Criança. Qualquer homem não sofreria assim. Tolo que sou. Devia perguntar de uma vez. Um homem normal perguntaria mesmo no primeiro dia. Se fôsse real, bem, se não, mesma coisa. Não perderia embalde tanto tempo. Pouco se importaria se se tratasse de realidade ou ficção.

Isso mesmo! Não vou me importar! Não importarei! Deixarei como está. Que diferença me faz que Ariana seja fantasia ou não? Posso me divertir, ser feliz, sem precisar sofrer. Gozarei sua companhia, serei o prazer dos seus lábios. O quanto basta. Consólio inútil, que me inundava os olhos de lágrimas.

E o amanhã chegava, Ariana aparecia e desaparecia, ouvia os inexplicáveis sons do concerto e a pergunta não se formulava.

Senti dó de mim mesmo. Bendita mentira! Por seu meio os médicos mantêm a esperança dos seus clientes. Quantos amantes vivem felizes protegidos pela sua existência. E em Selênia não existia a mentira! Ariana podia responder ser sonho e estar mentindo; eu continuaria feliz. Poderia mentir dizendo ser realidade, eu acreditaria e continuaria a ser feliz.

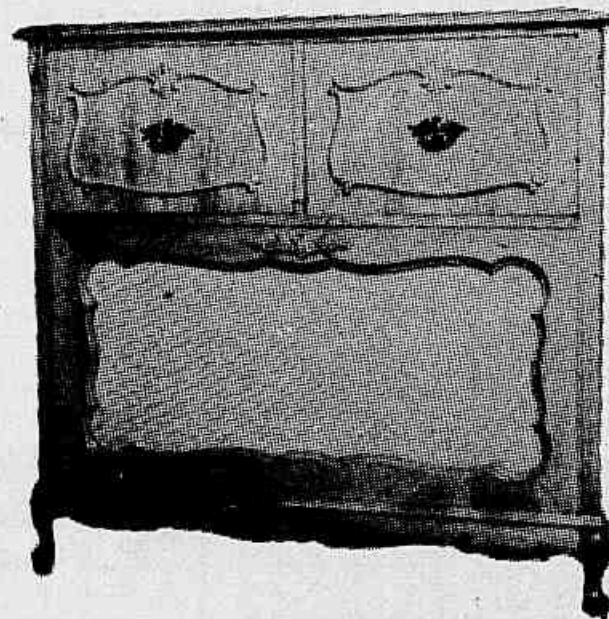
Ao chegar ao hospital, vi a enfermeira de olhares maternais. Quando enfermeira, pobre enfermeira! Entrava e saía do hospital sem mais me lembrar da sua existência! Do próprio hospital não tomara

(Cont. na página 58)



AVENIDA
SANTOS DUMONT, 894
NOVA IGUAÇU
ESTADO DO RIO

FABRICANTES especializados de caixas e móveis
para rádios e vitrolas nos estilos clássicos



CHIPENDALE

RÚSTICO

COLONIAL

bem como de novas linhas
modernas em Pequia Marlim
ou Imbuia, nos gêneros
FRANCES, RETANGULAR, etc.

REF. 20 A — CHIPENDALE IDEAL
S/DISCOTECA

QUALIDADE, DURABILIDADE, Magnífica apresentação

Tôdas as nossas caixas

A venda nas melhores casas do ramo



Produto científico a preço popular.
No varejo Cr\$ 88,00

avaeté

(ava = cabelo — eté = forte)

TRICOSTÊNICO BIOLÓGICO

A progressão da calvície é sustada
com o uso desse maravilhoso
produto.

AVAETÉ extingue a caspa e a coceira
do couro cabeludo; esta, com
uma só aplicação.

Discreta e agradavelmente
perfumado.

A venda em tôdas as perfumarias e drogarias ou pelo reembolso
postal. Distribuidores: SOC. FARMACÊUTICA QUINTINO PINHEIRO
Rua São Januário, 706 — Fones: 28-1141 e 34-3492 — RIO



RIO DE JANEIRO

HORÁRIOS

(ida e volta)

0,40 - 1,10 - 5,40
6,40 - 7,40 - 8,40
9,40 - 10,40 - 11,40
12,40 - 13,40 - 14,40
15,10 - 16,10 - 18,40
21,40 - 22,40 - 23,10
23,40

2 paradas para lanches
e refeições.

AGÊNCIAS DE EMBARQUE:

SÃO PAULO

Av. Ipiranga, 885 - Fone 36-9456 (guichê do Rio)

RIO DE JANEIRO

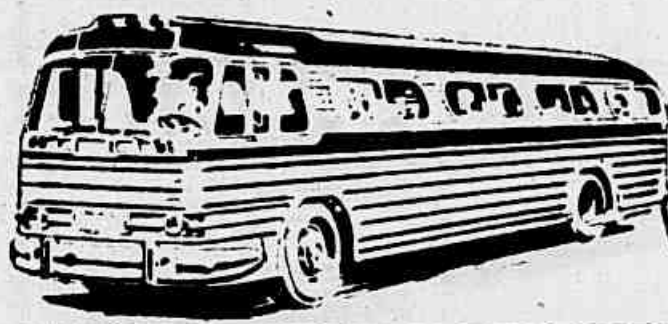
Estação Rodoviária (Praça Mauá) - Fone 23-3912

38

VIAGENS POR DIA cada meia hora



VÁ PELO MELHOR!



EXPRESSO BRASILEIRO

VIAÇÃO LIDA

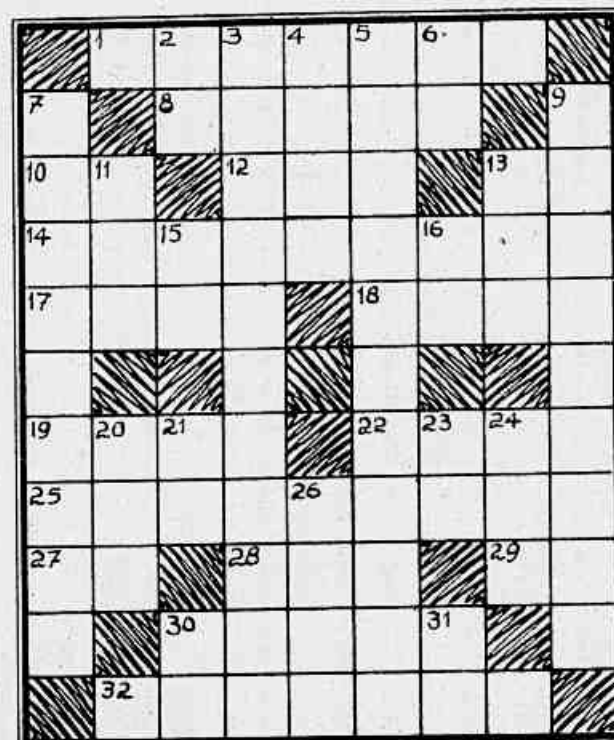
PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMAS Nº 145

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — 1. Correia com que os sapateiros seguram o calçado sobre a fôrma (pl.) — 8. Lúgubre — 10. Símbolo do metal de peso atômico 101, 7 — 12. Departamento da França — 13. Prefixo que traz a idéia de direção, tendência — 14. Avelhantado — 17. Labirinto — 18. Unidade comum das medidas tipográficas anglo-americanas (pl.) — 19. Rio da Alemanha, afluente do Reno — 22. Dinheiro — 25. Engrandecer — 27. Contração — 28. Nome de homem — 29. Nota musical — 30. Tribo indígena paraense — 32. Moeda de prata da Pérsia.

VERTICAIS: — 2. Ilha da França — 3. Desaparecera pela ação das forças vitais — 4. Fisionomia — 5. Caos — 6. Nome da divindade, entre os primitivos semitas — 7. Nome de uma ave brasileira — 9. Achegas — 11. Cachimbo indiano — 13. Gênero de orquídeas — 15. Contração — 16. Cabo da Guiné — 20. Confusão — 21. 26ª letra do alfabeto árabe — 23. Primeira palavra do hino de S. João Batista — 24. Cabeça (arc.) — 26. Labaredas — 30. Símbolo do elemento químico de peso atômico 93,5 — 31. Nota musical.

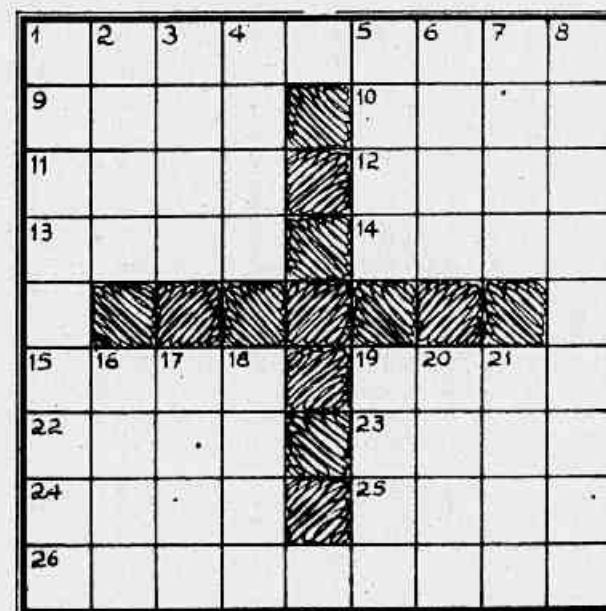


Ofanex - Rio

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — 1. Aquê que apalpa — 9. Planta leguminosa e medicinal — 10. Defeito físico ou moral — 11. Épocas — 12. Queres bem — 13. Pouco profundo — 14. Galho — 15. Moradia — 19. Pai-xão — 22. Terra arroteada e própria para cultura — 23. Agente de polícia — 24. O inferno dos malês — 25. Tornar ôco — 26. Tornar amarelo.

VERTICAIS: — 1. Natural da América — 2. Um dos Estados do Brasil — 3. Lavras — 4. Sem asperezas — 5. Ligar — 6. Mulher nobre — 7. Rezam — 8. Nivelara com rousura — 16. Cultivam — 17. Cura — 18. Içar, elevar — 19. Recife de coral — 20. Malacacheta — 21. Pregar.



Ofanex - Rio

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 144

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: apre — atuá — rios — boiz — aru — tai — caboucara — arandelas — echalotas — gregalada — III — Rab — dará — siga — erar — roel.

VERTICAIS: — araca — pirar — roubalheira — es — ab — totalitário — uiara — azias — On — Ud — ce — égide — criar — Ag — la — ol — adage — sabal — ar — Sr.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: Pará — cara — ulos — aram — rabiscara — aruá — orar — lata — abar — apetitoso — gozo — aias — oral — rara.

VERTICAIS: pura — alar — robusteza — Ásia — caco — araraboia — rara — amar — lago — apor — atol — atar — asar — rosa.

Cartas de um tabaréo

◆ Caríssimo Compadre

Rio, 3 de Novembro de 1906

Que sairá do novo Governo? Diz a sabedoria popular que os dias s. sucedem, mas não se parecem. Mais uma vez não teve razão o maior fabricante de provérbios e de... tollices.

Todos os fins e começos de governo se parecem uns com os outros como duas gottas d'água: os mesmos intimos; as mesmas promessas, os mesmos sonhos, as mesmas esperanças e os mesmos engrossamentos.

Parece, entretanto, meu bom compadre, que este novo governo vai encontrar dificuldades que o antecessor não experimentou e, coisa mais ainda, terá que lutar com o confronto do que desaparece...

E não sei, meu bom amigo, se conseguirá agradar como aconteceu ao Sr. Dr. Rodrigues Alves.

Devo desde já te declarar, para que no futuro te não chames à ignorância, que não acredito que o Governo Penna faça tanto quanto fez o outro; e a razão porque avanço esta proposição é de que aquelle não terá as facilidades que este encontrou; ao contrario, no meu acanhado modo de ver tabaréo penso que a situação não se apresenta das mais risonhas.

A questão financeira com a tal quebra do padrão e a criação da Caixa de Conversão vai ser um osso difficil de roer e oxalá falhe a sabedoria a que acima me referi, quando afirma que raro é o homem que não seja victima de suas proprias idéas; o Sr. Campista se não ideou a Caixa, foi um dos seus propugnadores e é agora Ministro da Fazenda. A questão do armamento da Marinha também, parece, sobre modificações... outro osso difficil.

A politica de diversos Estados tambem não parece muito segura e ainda agora foi assassinado um dos mais fortes sustentáculos da de Sergipe.

Em Matto-Grosso não está ainda liquidada e... longe iriamos se quizessemos enumerar todas as questões que o novo Governo terá de resolver.

Causou a mais triste impressão o assassinato do Monsenhor Olympio de Campos, sendo acremente censurada a Policia por não ter impedido tão grave acontecimento occorrido em lugar de constante movimento e onde o policiamento não pode ser uma cousa vã.

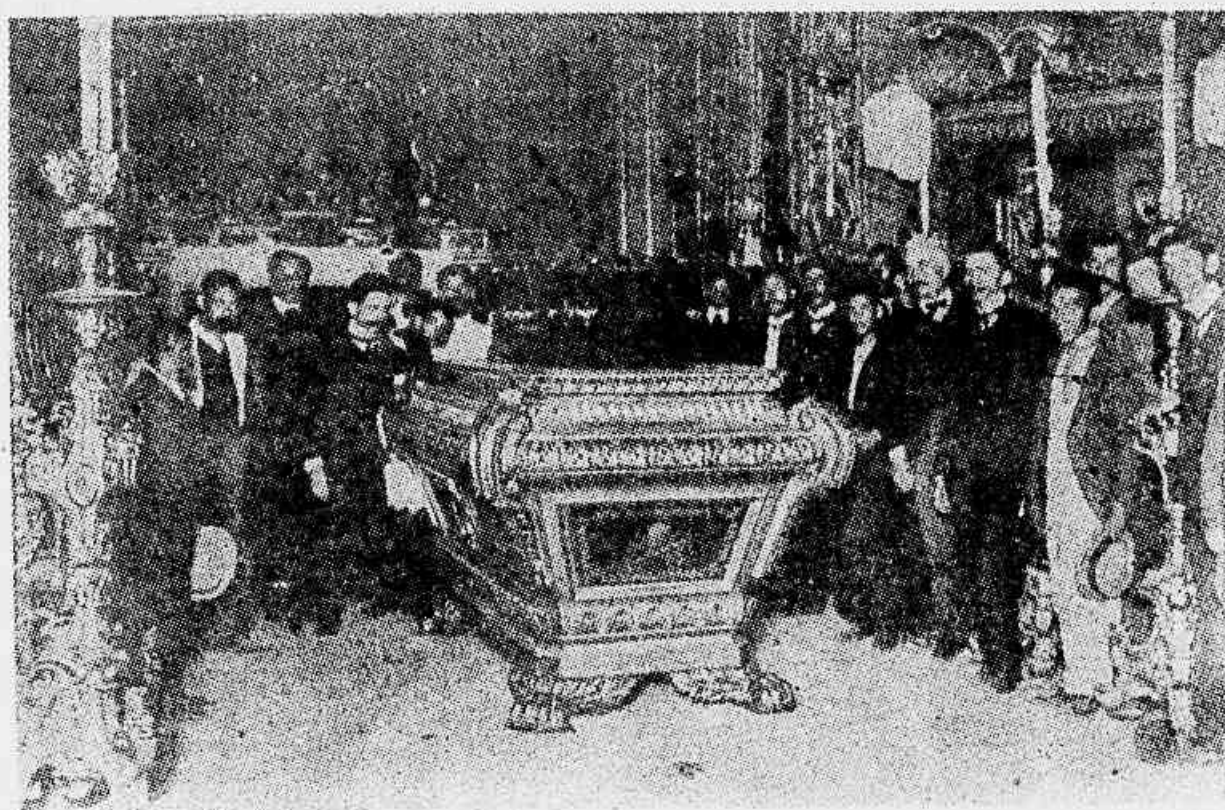
Entretanto, meu bom compadre, essa questão é tão complexa, tão escabrosa, tão... ingrata, que conveniente me parece passar a outro assumpto menos difficil, menos rebarbativo.

Continua em Paris, Santos Dumont a vencer. Ainda esta semana publicou o «Jornal do Brasil» desenvolvidos telegrammas acerca das experiencias levadas a effeito pelo nosso já agora glorioso patricio a quem eu não posso regatear applausos pelos relevantissimos serviços que vai prestando á nossa cara Patria.

E agora, meu querido, permite que, neste cantinho de obscura carta, me rejubile pelo anniversario do popularissimo, o teu maior amigo.

No «Jornal do Brasil» todos se felicitam pela data magna; não é justo pois, que deixemos de fazel-o tambem, quando tantos laços de gratidão a elle nos ligam.

E com esta, Adeus, teu BERMUDES.



O ataúde que guarda o corpo embalsamado do Monsenhor Olympio de Campos, na Igreja de S. Pedro.



RIO DE JANEIRO. — Grupo de luctadores que ora se exhibem no «Moulin Rouge». — Da esquerda para a direita: os Srs. Raiavich, triestino; Ruggiero, italiano; Mans-Lang, allemão; Bernard, belga; Francom, suíço; Gericoff, russo; Konitzo, polaco; Achner, tyrolez; Tigre, juiz das luctas; Roberti, dalmata e Van Dem, hollandez.

LUTAS ROMANAS

◆ O publico carioca naturalmente ansioso por alguma diversão que o tirasse da apathia em que se encontrava, achou no «Moulin Rouge» uma excellente occasião de experimentar sensações violentas, abalos extraordinarios em todo o seu systema nervoso, apreciando ali as luctas romanas.

Têm havido nesse theatro verdadeiras scenas de delirio, casos manifestos de loucura transitoria da parte dos exaltados apreciadores que no auge de sua indignação por uma perfidia do luctador contra o seu sympathico, não só grita, esbofa-se batendo ameaçadoramente com a bengala no chão, protestando, indignado, como levado por um movimento impulsivo, joga para o palco cadeiras e chapéus!

E a platéa toda, unissona, grita como se um homem só fôra, vociferando e ameaça assim como a um golpe habil do luctador leal promette em bravos e vivas, quando o vê subjugar o adversario, deixando-o sem movimento, com as duas espadas encostadas no tapete!

Assistiram todos a lucta de Roberti, o valoroso e leal dalmata, contra Van Dem, o hollandez que indifferente ás vaias do publico, aos terriveis apupos que soffreu, continuou a empregar na lucta recursos prohibidos, até que o jovem adversario o bateu e durante alguns segundos, o conservou na posição em que ficou derrotado.

De todas as luctas que se tem realizado no «Moulin Rouge», foi essa, sem duvida alguma, a mais sensacional. Era extraordinario o interesse que o publico por ella tomou. Occasiões houve, que se poderia ouvir a respiração offegante dos espectadores empolgados, com os olhos allucidamente fixos nos contendores e de repente, mudar-se a scena: — gritos, protestos, vaias e até uma tentativa de invasão ao palco, obstada prudentemente pela policia, auxiliada por pessoas mais calmas.

FIM DE UM DRAMA POLITICO

◆ A «Revista da Semana» em seu numero de hoje, estampa o retrato de Monsenhor Olympio de Campos, Senador Federal, assassinado na rua 1º de Março, na tarde de 9 do corrente.

Esse crime que surpreendeu dolorosamente a população carioca, é uma triste consequencia do violento drama que, em Sergipe se desenvolveu, não ha muito, roubando á vida do Dr. Fausto Cardoso, victimado por um tiro de carabina, por occasião de ser reposto no governo do Estado o Sr. Desembargador: Guilherme Campos.

Desde essa epocha o odio politico, que dividia a familia sergipana, mais se accentuou, a ponto de arrastar dous filhos do Dr. Fausto Cardoso á pratica de um homicidio injustificavel.

E assim foi, que n'aquella tarde, conforme elles confessaram, Humberto e Armando Cardoso, com doze tiros de revólver e duas punhaladas, assassinaram a Monsenhor Olympio de Campos, na rua 1º de Março.

A

CORDO. Dolorida lassidão tolhe meus movimentos. Permaneço de olhos fechados. Não sinto meu corpo. Somente meu pensamento existe. Será que morri e não sei? Talvez seja a morte isso mesmo. O corpo desaparece e fica somente o pensamento. Não é o pensamento a nossa alma? Será que não há algo na hora da morte que nos faça saber que morremos? Que produza alguma diferença em nossa essência?

São confusos meus pensamentos. No limiar entre dormindo e acordado, abro os olhos. Estou em lugar estranho. Deve ser noite. Quarto enorme, as coisas estão indistintas na penumbra. Silêncio que impressiona. Aos poucos meus olhos vão se adaptando à obscuridade. Também os pensamentos vão se tornando mais claros. Distingo o verde claro das paredes. O teto branco, completamente branco. Não conheço este aposento. Onde estou? Começo a perceber à minha volta sombras que andam, para cá e para lá. Vultos que caminham misteriosamente de um lado para outro. Não fazem barulho algum ao andar. Devem usar sapatos de borracha. Ou serão fantasmas? Bobagem, não existem fantasmas. Mas se morri, podem mesmo ser espíritos do outro mundo. Esforço-me para perceber melhor essas figuras. Verifico então que são homens e mulheres. Vestem aventais brancos compridos. O que me assusta é o silêncio. Tanto movimento, tanto vaivém, e não ouço barulho algum. Quero gritar, minha voz não sai. Se desse um grito bem alto, essas pessoas todas desapareceriam correndo, assustadas. Procuro ver melhor. Usam toucas brancas e um pano também branco em frente ao nariz, com um cordel segurando-o atrás das orelhas. Esforço-me para levantar a cabeça, querendo ver os pés, mas não consigo. Estou sem forças. Quando muito viro um pouquinho, girando a cabeça em torno do pescoço, sem levantá-la do travesseiro. Ninguém parece tomar conhecimento da minha pessoa. Uns homens à minha volta mexem em meu corpo. Outros andam por toda a sala. Quantos são? Devem ser muitos. Tento contá-los. Começo do lado esquerdo; um, dois, três... Que número vem depois do três? Como é difícil contar essas pessoas. Uma que contei do lado esquerdo já passou para o lado direito. Parece também que do lado direito saiu alguém pela porta. Que número vem depois do três? Esquisito; não sei mais os nomes dos números. Não é preciso, esses vultos não param, misturam-se muito, e não vou poder contá-los. Devem ser oito. Ou dez. Que número vem depois do três? Lembro-me do seis, do oito, do dez, mas não sei que número vem depois do três.

Do lado dos pés da minha cama, em ângulo, vejo uma porta. Quando chega uma sombra perto dela, a porta se abre e o vulto passa. Abre-se

nhadoras, são as almas dos poetas. As mulheres devem ter almas verdes; são passivas, imutáveis. Embora a cor seja constante, seu tom deve variar com as circunstâncias, como a doença, os estados de ânimo. Agora por exemplo, minha alma deve andar bastante desbotada. Porisso é que o branco mais forte das paredes me faz mal, deixando-me tonto. Os médicos precisavam conhecer essas coisas.

Faz já muitos dias que estou aqui. Não sei bem quantos. Estou melhor e já me sento na cama. Ajudado pela enfermeira, que tem olhos maternais, dou uns passos, sentando-me em uma cadeira de rodas. Dêsse modo posso dar voltas pelo quarto. Agora sou capaz de pensar um pouco melhor. Lembro-me do subterrâneo. Era a sala de operações. Mas não me recordo de ter estado doente. Por que haveria de sofrer uma operação? Com seu olhar sempre maternal, a enfermeira empurra a cadeira para perto da janela. Vejo então o panorama de uma cidade desconhecida. A branquidão das paredes não mais me incomoda tanto e a luz forte do sol não me deslumbra.

Ruas retas estendem-se a perder de vista. O hospital ocupa uma colina, de modo que alcanço a cidade toda com o olhar. Em uma praça, quase no centro da paisagem distingo árvores floridas; acácias, flamboyants, ipês, paineiras. Deve ser primavera. O zimbório de uma igreja sobressai do casario. Céu inteiramente azul, sem nuvens. Aragem fresca acaricia as flores, os ramos, minha face. Temperatura amena. Interessante; durante todos estes dias que passei neste estranho país, a temperatura não variou, sempre uniforme e aprazível.

Deitado à noite, enquanto espero o sono, penso nas coisas estranhas que me aconteceram e estão a me acontecer. Encontro-me ao acordar, em um país estranho. A única enfermeira que atende, parece irreal, não fala, não conversa comigo. Silenciosamente, seus olhos maternais me protegendo, vai fazendo o que precisa. Meus desejos são realizados quase simultaneamente com sua articulação na mente. Desejos modestos, que não estou bom para desejar muita coisa. Uma fruta que me apetece comer, vontade de ir à janela, um copo de água.

Singular que minha família não tenha aparecido. Saberão eles onde estou? Estará esta cidade desligada do resto do mundo? Deixa-me tudo perplexo. E me sinto bem, sinto-me feliz.

No dia seguinte a enfermeira de olhares maternais explica-me a razão de todo o mistério. Já podia eu ouvir uma história longa. Estava em Selênia, o país das fantasias. País estranho esse. A realidade vivia de mãos dadas com a ilusão. A linda mulher que nos sorria podia ser real, mas possível também era que não passasse de diáfana quimera. Con-

ESTRANHO PAÍS

Conto de DIRCEU PENTEADO

Desenho de MARIA TERESA

sempre do lado contrário ao em que a pessoa está. É uma porta giratória. Isso mesmo, uma porta giratória. Com uma das mãos a pessoa empurra o vidro. Durante os breves instantes em que se abre, percebo depois dela um longo e escuro corredor. Inteiramente vazio. Nem um banco; nem uma pessoa passa por ele. Tem dois metros de comprimento. Ou terá dois quilômetros? Não consigo chegar a uma conclusão, mas sei que é muito comprido. Lá no fundo, no fim do corredor, outra porta. Percebo claridade intensa além dessa porta. Esse corredor é horizontal ou vertical? Creio que é vertical. Devo estar em um aposento subterrâneo e lá em cima, por aquela porta, vejo a claridade solar.

Horizontal ou vertical? Sinto tonturas, minhas idéias se embaralham, não consigo mais pensar. Minha cama vai descendo, vai se afundando em um abismo. Debaixo de mim somente o vácuo. Sinto-me no ar. Sumiu a cama. Aterroriza-me a angústia. Caminham os vultos pelo teto, pelo ar. Uma sombra grande, larga, divide-se em duas. Uma caminha para um lado, a outra vai para outro. Agora minha cama vai subindo, subindo. Vou bater contra o teto. Suor frio corre-me pelas faces. Torna-se tudo nebuloso. Um objeto brilhante, parece estrela, anda pelo espaço e desaparece no canto escuro. Vejo os vultos nebulosos, vermelhos, paredes vermelhas, teto vermelho. Como se houvessem derramado tinta vermelha sobre as pessoas, nas paredes, no teto. Cansa-me o esforço, escurece o quarto, e não vejo mais nada.

Não sei quanto tempo estive assim. Quando acordo, estou em quarto de hospital e uma enfermeira segura meu pulso. Olha-me com olhares maternais e me sorri. Sinto-me melhor que antes. Com grande esforço, pergunto:

— Onde estou? Que aconteceu?

Débil, minha voz quase morre na garganta. A enfermeira de olhos maternais coloca o dedo em cruz sobre seus lábios e com a outra mão tapa-me a boca. Em seguida, silenciosamente, nem seus passos se ouvem, retira-se, deixando-me só. São pintadas de branco as paredes do quarto. Branco que me provoca dor nos olhos. Não consigo conservá-los muito tempo abertos. A todo momento sou obrigado a fechar as pálpebras. Essa opinião de que parede de hospital deve ser pintada de branco foi estabelecida por sujeito muito estúpido. Nunca esteve doente em quarto de hospital. A cor preferida devia ser o azul. Este repousa a vista e é uma cor neutra.

Nossa alma também tem cor. Uns têm alma vermelha, são vivos, briguentos. Outros a têm amarela, são apáticos, bobos. As almas azuis são so-

tudo, os atos das pessoas imaginárias eram tão reais quanto os das objetivas. O beijo de uma linda ilusão nos apaixona tanto ou mais que o beijo mais real.

A maioria dos homens detesta a realidade. Fogem dela com insaciável sofreguidão. Somente em sonho são os homens felizes. Pois em Selênia seriam essas pessoas venturosas. Podiam viver permanentemente em sonho. Quem abominasse o devaneio, também encontrava lá a realidade. Em país onde o sonho era tão real como a vida, não existia a mentira. Seria supérflua, anacronismo inútil. Quem fizesse questão de viver no real, bastaria perguntar aos seres com quem necessitasse conviver se eram reais ou imaginárias. A resposta seria a verdade. Único processo esse de o saber.

O avião em que viajava para o Rio de Janeiro precipitou-se ao solo nas imediações dessa cidade. Pereceram todos os passageiros, carbonizados pelo incêndio do aporelho, ao dar de encontro ao chão. Escapara eu porque estando na cauda encharcara-me de guaraná e sodas cujas garrafas se quebraram com o solavanco. Recebera, contudo, queimaduras graves e fora necessário operar a fim de retirar estilhaços de vidro e madeira encravados na minha cabeça. Podia ficar no hospital ou ir embora, à minha vontade. Entretanto era aconselhável permanecer mais alguns dias, pois meus ferimentos não haviam sido leves.

Passei a dar voltas pela cidade. Preocupou-me um jardim diferente. O verde de sua grama, o colorido de suas flores, eram vivos como somente vi na adolescência, quando estive apaixonado. Aguçara o acidente os meus sentidos, ou o que via era fantasia? Belo demais para ser real. Descobri também uma praia. Estendia-se a perder de vista em suas duas extremidades, além do horizonte. As ondas quebravam-se na areia em doce e sonhador murmúrio. Era esse então o som que embalava minhas noites no hospital!

Em um desses passeios conheci Ariana. Por uma aléia de palmeiras que servia de entrada a majestosa mansão, vinha ela serenamente. Alta, cabelos pretos, olhos castanhos, tez rosada. Usava vestido azul comprido, sem enfeites, preso na frente ligeiramente de lado por uma jóia de ouro. Na cintura, um cordão dourado. Ao passar por mim, com uma confiança em si que não admitia dúvidas, fitou-me bem nos olhos. Seu olhar penetra-me como se minhas pupilas fossem duas portas. Sinto-o caminhar em meu corpo, ao longo das artérias, das veias, dos nervos. Por onde passa, vai me transformando. Penetra nos corpúsculos do meu san-



que e os transforma em pequenas imagens de sua face. Vejo-a fora e a sinto dentro de mim. Deixo de ser o antigo eu e passo a ser uma nova criatura. Seu olhar, circulando de canto a canto do meu organismo, alterou-me.

Amaldiçoo tôdas as mulheres que conheci. Arrependo-me ansiosamente dos beijos esbanjados. Beijos que deixaram nódoas, as quais me pungem agora. Experimento imensa ternura pelas pessoas, pelos animais, pelas coisas... Sua imagem não me saiu mais dos olhos. Como êsses contornos coloridos e transparentes que representam uma figura sôbre a fôlha de um livro, através da qual se lê as letras da página, via o mundo todo através da sua efígie.

Cumprimentei-a no dia seguinte. Ousadia que a mim mesmo surpreendeu, pois sempre tôra tímido. Fui delicadamente correspondido. Pedi-lhe licença para acompanhá-la, que me foi concedida. Sôfregamente, nervosamente, falei-lhe de mim. Narrei-lhe o acidente que me trouxera à Selênia. A providência quase inverossímil que me salvou a vida. Minha surpresa pela existência e minha admiração pelas coisas estranhas dêse país extraordinário. Não a deixei quase falar. Tenho a impressão que assim procedia de receio que ela me julgasse mal, que visse em mim ainda o homem que vivia no meu mundo. Ser ínfimo, indigno de viver em uma terra onde existia criatura tão bela, tão perfeita.

(Continua na página 47)

FORTUNA

(queimado do sol) **APRESENTA**

Mulheres na Praia



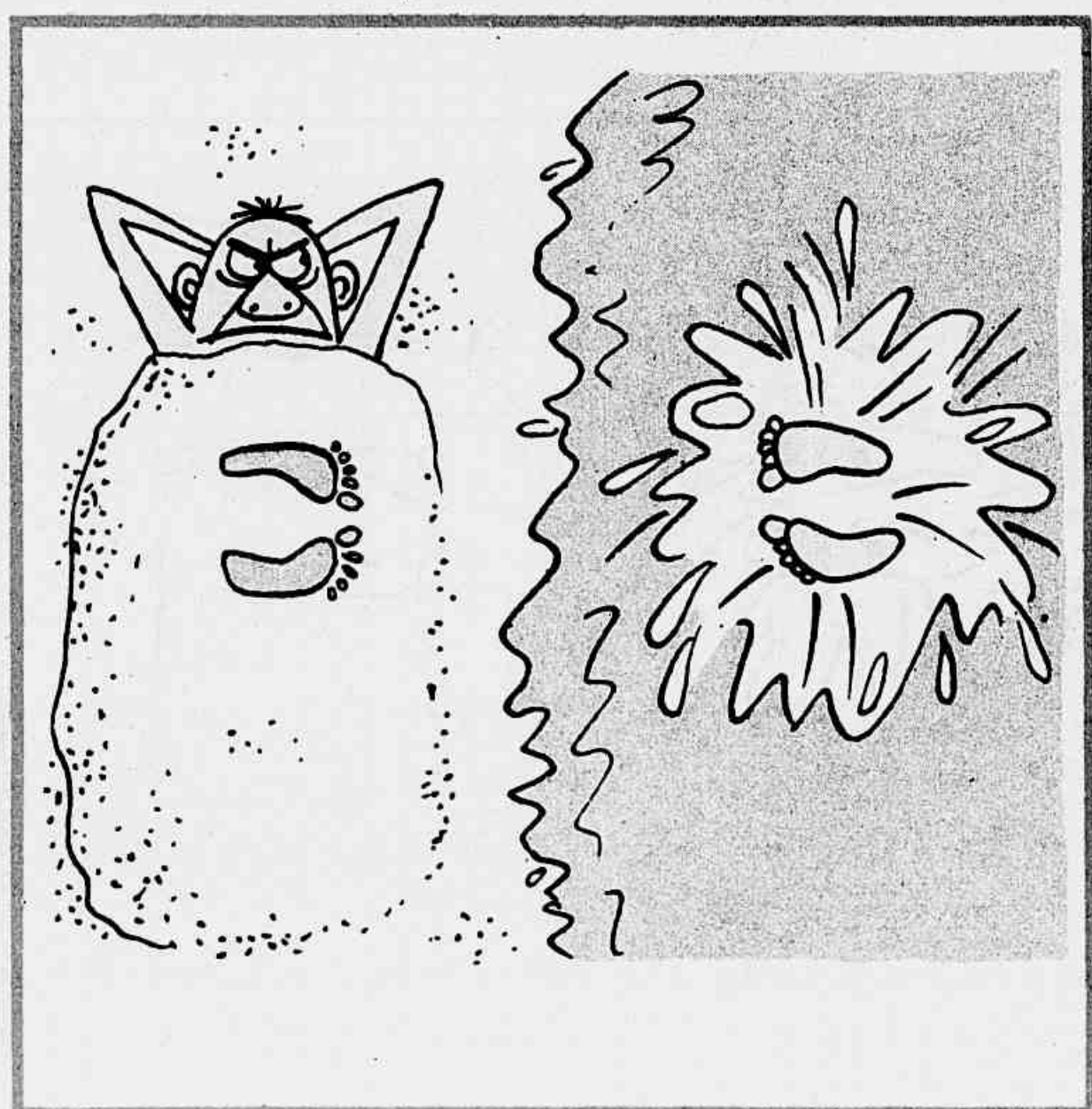
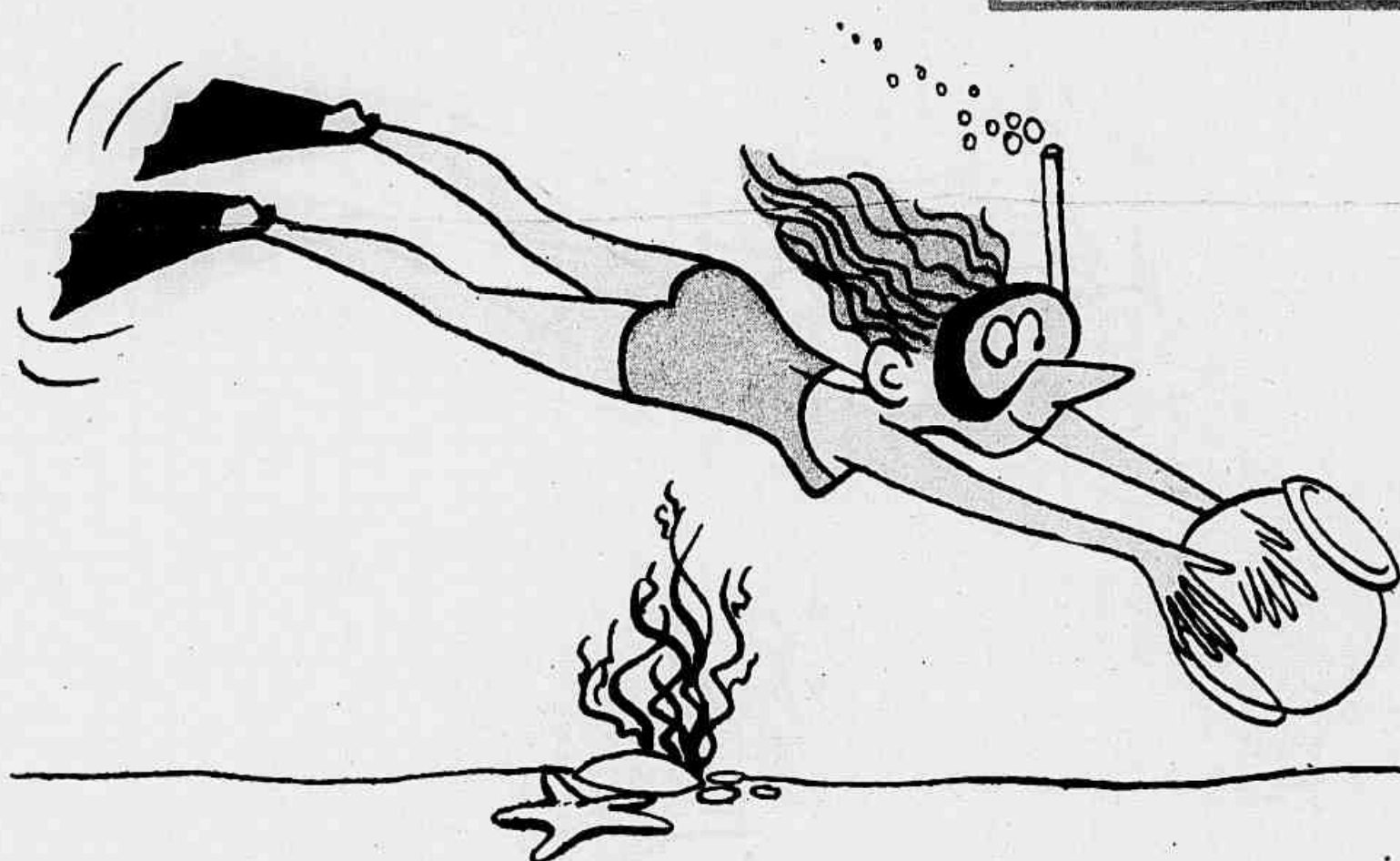
— Bom, já está na hora, querida, de você
começar a montar as peças.



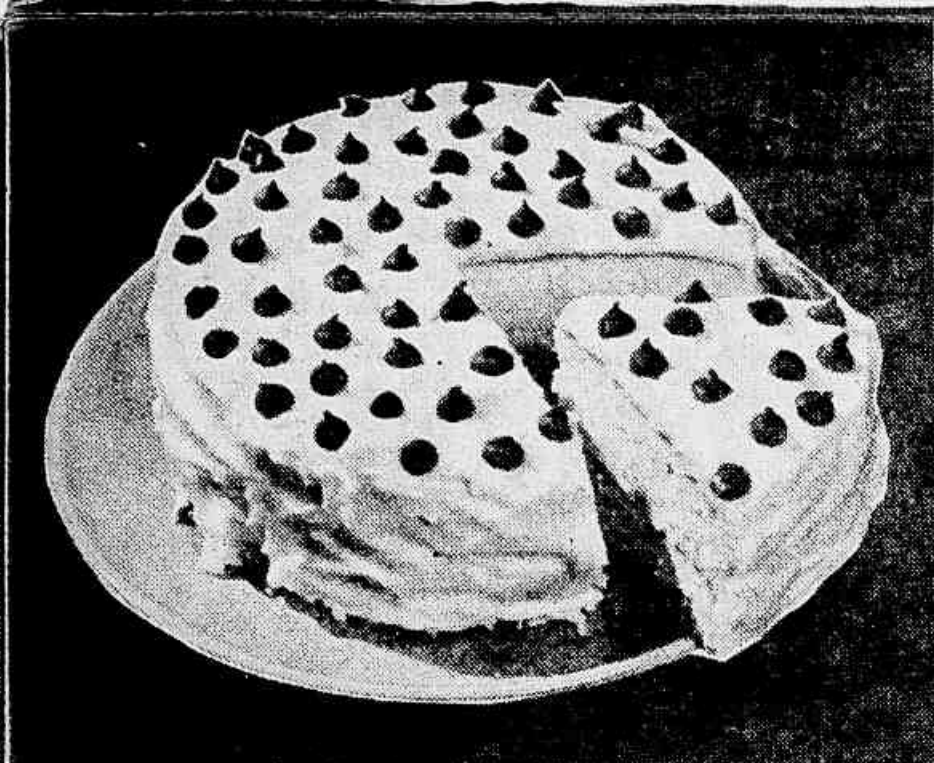
— Ora, e eu não sabia dessa liquidação...



— Puxa, você bóia mesmo como uma tábua, querida.



— Socorro.



CONVERSA DE MULHER

LÍGIA JUNQUEIRA

WEEK-END NA COZINHA

Eis um bôlo bonito e gostoso, fácil de ser feito em casa, e que se apresentará muito bem num lanche com novidades.

Ingredientes:

- 200 gramas de farinha de trigo
- 200 gramas de creme de leite fresco (para cobrir)
- 100 gramas de manteiga
- 100 gramas de açúcar
- 4 ovos
- 1 xícara, das pequenas, de café forte
- 1 colher das de chá de fermento em pó
- 1 colherinha de essência de baunilha.

Instruções:

1 — Peneire juntos, três vezes, a farinha e o fermento em pó. Junte o açúcar e torne a peneirar.

2 — Bata, numa tigela, as 4 gemas, até que fiquem esbranquiçadas, junte a baunilha, e o café, e misture bem. Junte, aos poucos a farinha e a manteiga (derretida) misturando sempre bem. Finalmente, as claras em neve.

3 — Unte uma fôrma, e ponha a massa para assar, em forno moderado, cerca de 40 minutos.

4 — Quando o bôlo estiver pronto, retire do forno, espere 10 minutos, e vire-o no prato em que vai servir. Cubra com o creme de leite bem batido, na hora de levar para a mesa. Enfeite com pastilhas de chocolate, como mostra a fotografia.



SUA BELEZA

♦ A beleza que seu rosto e seu corpo apresentam não dependem de grandes gastos com cosméticos e institutos especializados. Em primeiro lugar, são o reflexo de sua saúde. Exercícios diários e um regime alimentar rico de frutas e legumes ajudam a conservar a mocidade e, portanto a beleza. Se você tem tendência a engordar, elimine de suas refeições as massas (pão, farinhas, macarrão, etc.) e o açúcar refinado, ricos em calorias e pobres em vitaminas e sais minerais.

♦ Se você já tem um físico atraente e bem proporcionado, não pense que é o quanto basta para ser elegante. Estude o seu tipo, e vista-se com as roupas que lhe assentarem melhor. Use pouca maquiagem. Procure um penteado simples, que, porém, combine com o seu tipo. Não abuse no uso de jóias — quer sejam verdadeiras, quer sejam fantasias.

♦ Os costureiros franceses (Dior em primeiro lugar) estão procurando criar uma nova silhueta, atendendo a que as mulheres «estão cada vez mais propensas a usar sapatos confortáveis de saltos baixos» (a frase é textual, de próprio Dior). Como exemplo, cita Ingrid Bergman, Greta Garbo, e a duquesa de Windsor, que raramente são vistas com saltos muito altos.

♦ Quando usar perfumes, enxugue sempre, depois, as bordas do vidro, com o seu lenço limpo. Este ficará perfumado e, assim, você evitará que o perfume forme uma camada em torno da rôlha, que, com o tempo pode afetar o próprio perfume do frasco.

Felicidade

♦ Se você afirma sinceramente que nunca foi feliz, é porque tem uma falsa idéia do que é a felicidade. Talvez esteja pensando que é um estado duradouro e mesmo permanente de euforia, e isso realmente não existe. Você não negará, que já teve alguns belos momentos de felicidade, como teve outros dolorosos, em que se sentiu extremamente infeliz. Nenhuma vida pode ser passada em seqüência contínua de dias suaves, serenos, cheios de compreensão e amor. Somente os insensíveis e inconscientes a um ponto patológico, poderiam afirmar tal coisa. Quando não sofremos pelos males que nos atingem, sofremos pelos dos outros. A felicidade é um estado provisório. Manifesta-se por momentos, pouco a pouco, às vezes por migalhas. Por isso mesmo, já que é rara, é um bem precioso. Não existe quem não tenha sido nunca feliz no decurso de sua existência; quem não tenha sentido um momento de paz sublime, ou de perfeita compreensão junto à pessoa amada; quem não tenha tido nunca uma esperança a iluminar-lhe o futuro; quem não tenha vibrado diante da beleza de um mar em revolta, de um pôr do sol majestoso, ou de outras belas manifestações da natureza; ouvindo uma música, lendo um livro, cuidando de uma criança, e por muitos outros motivos de ordem material ou espiritual a felicidade vem a nós. As causas de felicidade são muitas, variam de pessoa a pessoa, dependendo dos interesses e das condições de cada um. Todos recebem o seu quinhão de felicidade neste mundo: algumas pessoas em parcelas mínimas, que lhes dão a impressão de nunca terem tido bastante. Porém, some essas parcelas e há de ver que o seu total não é dos menores.

Notinhas úteis

Aproveite os retalhos de linho de seus lençóis velhos e com eles faça panos para enxugar seus copos de vidro ou de cristal. O linho tem a propriedade de não deixar penugem.

★

Com uma borracha muito dura, dessas que se usam para apagar tinta, você pode limpar com facilidade a ferrugem de objetos de ferro ou aço.

★

Com um pano embebido em um pouco de éter sulfúrico você poderá limpar as teclas do piano, de marfim, periodicamente, para que não se tornem amareladas. As teclas plásticas não devem ser limpas com o éter, basta passar um pano úmido sobre as mesmas. De qualquer forma, não ficam amareladas.

★

Se um taco de seu assoalho está soltando, limpe muito bem a cavidade, jogue um pouco de breu derretido em banho-maria e torne a colocar o taco. Ficará bem seguro.

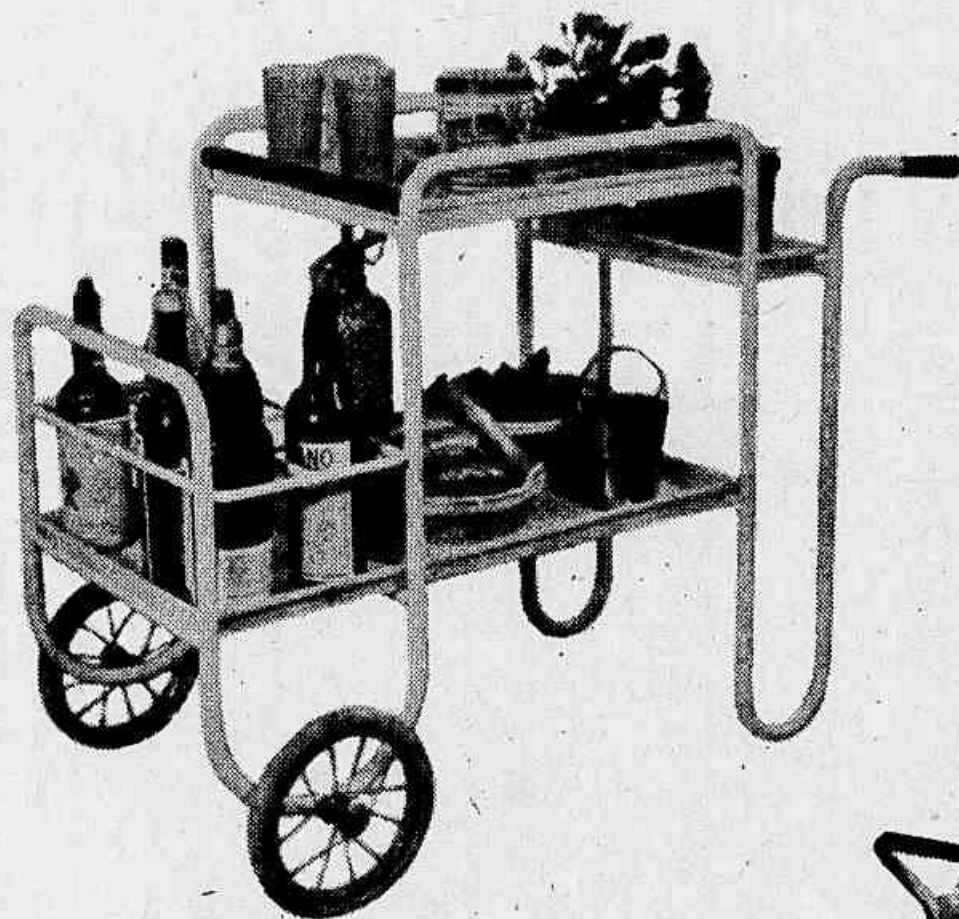
★

Para reavivar o colorido dos tecidos, principalmente os verdes, vermelhos e amarelos, enxágüe-os com água e algumas gotas de limão. O vinagre também dá muito bom resultado.

★

Os pentes, caixas, e outros objetos de tartaruga legítima devem ser untados, de tempos em tempos, com um pouco de azeite de oliveira, para que se conservem sempre como novos.

★ Uma mesinha de rodas não é, hoje em dia, um luxo. Constitui uma ótima peça auxiliar, para servir lanches e bebidas aos nossos convidados, ou para ter ao lado da mesa de refeições, já que nem sempre podemos contar com uma criada para servir a mesa.



1 — Em ferro laqueado, ou alumínio anodizado, com prateleiras e espaço para garrafas de bebidas. Rodas (só duas) de borracha.

2 — Muito jeitosa é esta mesinha (à esquerda) com três bandejas removíveis, formando prateleiras, prática e bem moderna.

3 — Modelo clássico, (à direita) em metal bronzeado, sempre prática, para qualquer finalidade.

SUGESTÃO PARA O LAR





GLAMOUR-GIRL DO PLANALTO

A futura «Glamour-girl» do «high-society» do planalto será escolhida na «soirée-snob» do dia 14 no Harmonia. Estarei presente.

Grand Monde internacional



Barbara Hutton, famosa pelos seus seis casamentos, publicará um livro sobre sua coleção de poemas de amor.

A cidade de Nova York, condecorou há bem poucos dias com uma medalha de bronze o então cônsul Hugo Gouthier, atual embaixador em Bruxelas. Para a entrega da referida condecoração os meus amigos Hugo e Laiz Gouthier, foram homenageados com um banquete no Waldorf Astoria. Esta é a primeira vez que um representante consular estrangeiro recebe tal homenagem. Como amigo do brilhante diplomata Gouthier, me senti feliz ao ter conhecimento da referida notícia. Daqui, envio toneladas de parabéns ao casal Gouthier. ★ A milionária Barbara Hutton, famosa pelos seus casamentos, publicará brevemente em Londres, um livro sobre sua coleção de poemas de amor. ★ A beladade sueca Ingrid Bergman, não usa maquiagem, nem jóias fora da tela. Acho que uma mulher realmente bela não precisa disso para fazer «suspense». ★ Rita Hayworth tem num jovem de nome Peter Viertel seu atual «date» preferido. Este romance está acontecendo em Paris. ★ Pouca gente sabe que a carreira do hoje famoso autor do «rock and roll», Elvis Presley, começou quando ele pagou 3 dólares para gravar uma música, que ofereceu a sua mãe. ★ Parece que o atual casamento do famoso Dom Juan Porfírio Rubirosa, com a jovem artista francesa Robim, surpreendeu muito as fãs do internacional «play-boy». Como colunista de «Gossips», e conhecendo a vida de Ruby, através de seus cinco famosos casamentos, onde figuram as mulheres mais ricas do mundo, acho que sua união com essa bonita, porém pobre artista francesa, não terá grande duração. ★ Uma coisa que está causando comentários em Londres, é a grande popularidade de Liberace, superando a própria Marilyn Monroe, que lá se encontra filmando com Sir Lawrence Olivier.

Hoje para vocês alguns Gossips do Planalto. No Oásis, a «beaut» loura Camilinha Cardoso e um grupo. Camilinha, estava sem «date», coisa que realmente me surpreendeu. ★ O nosso conhecido Osvaldo Vidigal, parece estar mesmo desejoso de subir ao altar com sua atual noiva, senhorita Milu Roureiro. A noiva do sr. Vidigal, é uma jovem morena, talvez pouco conhecida do «high-society» carioca. ★ Conheci uma jovem loura de nome Dorotéia Merenhals, que poderá ser a futura «glamour-girl» do «high-society» do Planalto. A menina tem beleza e glamour. ★ Não vi o sr. Luís Felipe Cintra em companhia de nenhuma beladade. Ele continua circulando sem nenhum «date». ★ Uma determinada senhora desquitada, que tem seu nome muito comentado nas colunas sociais, dirigia numa velocidade realmente «suspense» seu automóvel conversível pela Avenida 9 de Julho.



Decito Novais, considerado um dos bons partidos do Planalto, continua sem «date».

Quem é ela? ★ Encontrei a carioca Eliana Moura, que lá estava passando o «week-end». Eliana disse-me que estava com toneladas de saudades do sr. Davi Guimarães, que atualmente é sua grande paixão. Aconselho um noivado a jato. ★ A senhorita Grey Laier, não estava no Planalto, havia «decolado» para o Paraná, onde passou o «week-end». ★ Novamente no Rio, o telefone começa a tocar, e as notícias de «Gossips» vão chegando. Zaida Saldanha, está em Niterói onde passou os feriados. Zaida, continua sem «date». Essa, é a primeira notícia carioca que recebo. ★ Jorginho Doria na «soirée» de sábado tinha ao seu lado no Clube Naval, a «beaut» Ana Maria Freitas. Fala-se em romance. Vou procurar apurar tudo logo, «in loco». ★ Continuam os comentários sobre um provável desquite de um conhecido casal do «high-society». ★ Ela continua figurando na PRATELEIRA.

★ «WEEK-AND» NO PLANALTO — Aproveitando os feriados da última semana «decolei» para o Planalto numa aeronave da Cruzeiro do Sul, onde passei o «week-and», ficando hospedado no Hotel Comodoro. Logo que cheguei entrei em contato com o colega Tavares (a vedette) de Miranda, que me informou que o «High-Society» local havia «decolado» para Guarujá, Aguas Lindas e Campos do Jordão. Fiquei mesmo no Planalto, onde estive em Botões, Bares, Clubes etc. No Oásis, encontrei o sr. Eduardo Simonsen, (eleito recentemente uma das dez personalidades do ano) numa mesa falando sobre finanças; em outra mesa o sr. Raul Guastini com um grupo; a casa estava funcionando bem. No Cave, em um fim de noite, o ex-galã do cinema nacional Mário Sérgio com o produtor Fernando de Barros, falavam da guerra que está acontecendo no Egito. O dia de sábado passei na Hípica, onde fui almoçar como convidado dos meus amigos Rodolfo e Lúcia Rivolta. Estava um dia bonito e muita gente montava, inclusive algumas beladades, fazia um pouco de frio. Lendo os jornais do Rio, o cronista Antônio Maria, que é o Goethe da imprensa carioca e o Mozart da música pernambucana, diz que vai ser correspondente de guerra. Acho que o bom Maria deve partir logo para o Cairo, e mandar notícias de «preview» para os seus leitores de Mesa de Pista. No próximo dia 14, será escolhida a futura «Glamour-Girl» do Pla-

Pequenos Flashes



Heleninha Brenha, carioca, atualmente residindo no Planalto, faz sucesso no «high-society». Sua nova cor de cabelos é loura.

nalto, numa «soirée-snob» que promete ser realmente «suspense». O colunista Tavares de Miranda, que também é poeta, me ofe-

rece seu último livro de poesias batizado de «Passo Da Memória». Chega domingo e eu «decolo» de volta para o Rio..

★ A figurinista Laiz Saldanha inaugurou há poucos dias uma moderna «Boutique» em Copacabana que está fazendo um sucesso dos diabos. «Bola-na-rêde».

★ Em um «night-Club» na «soirée» de sábado, a «beaut» e loura Suzana Pôrto usava um vestido branco ligeiramente decotado. Suzana estava numa noite muito feliz.

★ Em janeiro o sr. Vicente Galiez vai inaugurar o segundo Super Mercado Disco, que ficará localizado no Leblon.

★ Será o maior «Super-Shopping-Center» do mundo o que brevemente será erguido em Copacabana nos antigos terrenos do Clube Paissandu.

★ O Lagoinha Country Club comemorou com uma movimentada noite de «black-tie» sua «mudança-de-idade». Infelizmente não me foi possível comparecer por estar no Planalto.

★ A muito bonita Mary Spitzman Jordan, que tem um «glamour» positivamente «suspense», deverá ser a substituta de Rosinha Serzedelo Machado, no título de «Glamour-Girl» carioca.

Até a próxima.

O famoso Gélou continua em cima.

P.S. Este colunista foi convidado para tomar parte no júri que vai escolher a futura «Glamour-Girl» do «High-Society» carioca. Convite aceito.

Os senhores Manoel Moraes de Barros Neto e Álvaro Cardoso Feio, diretores sociais do Clube Comercial, sorridentes com o sucesso da noite.



"BLACK-TIE" E "MUDANÇA DE IDADE"

★ Foi na recente noite de segunda-feira que esse moderno Clube de «Business-Man», que é o Clube Comercial, comemorou com uma movimentada «soirée» de «black-tie», sua «mudança de idade». O Clube Comercial ainda é um menino em existência; possui um dos melhores restaurantes do Rio, tendo uma frequência privada de banqueiros e industriais. Na noite de sua «mudança de idade», figuras da indústria, política e sociedade, lá compareceram prestigiando esse acontecimento social. Duas grandes orquestras, o fabuloso Bené Nunes e Severino Araújo movimentaram essa bonita e repleta «soirée» de gala, que foi a terceira «mudança de idade» do Clube Comercial.



O conhecido «business-men» Manoel Ferreira Guimarães com a jovem Maria Teresa Guimarães



Jeff Thomas conversa com a senhorita Glorinha Berenguer, do jovem «society» carioca.

"GUIA DA MEDICINA HOMEOPÁTICA"

PELO DR. NILO CAIRO

Agora novo e desenvolvido, completamente em dia com a evolução da Medicina Homeopática de nossos dias. Acaba de aparecer a 16ª edição deste utilíssimo livro, revista e aumentada com mais de 300 medicamentos novos, pelo dr. A. Brickmann. É o verdadeiro Médico da Família, sendo incalculável o número de curas maravilhosas que tem realizado. Todas as famílias o devem adquirir e guardar como objeto precioso. Onde não houver médico, é o substituirá. Quem possuir um exemplar deste livro tem sempre ao seu dispor médico e farmácia.

Um grosso volume com mais de mil páginas, impresso em ótimo papel e solidamente encadernado Cr\$ 160,00

PEDIDOS A
LIVRARIA TEIXEIRA
Rua Marconi, 40 — Caixa Postal 258
SAO PAULO

Remetemos para todo o Brasil pelo reembolso postal, contra cheque, vale postal ou carta registrada com valor declarado.

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON n° 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON n° 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil:
Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 708
Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me por Reembolso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» N°

NOME
RUA N°
CIDADE
ESTADO

Preço para todo o Brasil: Cr\$ 98,00

CALÇADO



Maximo conforto
garantia absoluta

LEIAM

EU SEI TUDO

PREÇO

CR\$ 10,00



COMO APRENDER A DANÇAR

7ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Avenida da Liberdade n° 120 — São Paulo.

Pedidos pelo reembolso postal: Cr\$ 70,00 — Caixa Postal 649 — São Paulo. A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

VALEMIN

— ADULTO —

Um fortificante
de



— INFANTIL —

comprovada
eficiência

Inst. Biológico do Rio de Janeiro Ltda.

CAIXA POSTAL 1202

ESTRANHO PAIS

mais conhecimento. Entrava e saía dele diariamente, sem vê-lo, sem senti-lo. Sômente Ariana tivera existência real para mim.

Real? Ou fantasia? Mas seria isso mesmo o que a enfermeira de olhares maternais desejava me dizer:

— Meu filho, tenho notado seu desespero e creio que a dúvida a respeito de Ariana o tem mortificado muito. Sabia que você não teria coragem de dirigir a ela a pergunta que o martiriza e perguntei-lhe eu mesmo:

— Ariana é realidade!!!

(Continuação da página 47)

A revelação deixou-me indifferente. Senti-me o mesmo de antes do acidente. Os acontecimentos estranhos que me sucederam, pareceram-me história narrada pela enfermeira de olhos maternais. Conto vago, impreciso, quase um sonho.

— Caso queira ir-se desta cidade, amanhã cedo parte um avião que poderá deixá-lo em Colina. Aí o senhor tomará um ônibus que o levará a sua terra.

— Boa idéia. Quero aproveitar esse avião. Reserve-me passagem.

— Duas passagens?

— Não. Sômente uma.

DRAMA INTIMO...

(Cont. da página 46)

obras de Bernard Shaw. Uma noite e outra não, ela morria no palco, alternando a «Cleópatra» de Shaw com a de Shakespeare. E voltou ao cinema para cometer o suicídio em «O Profundo Mar Azul». Sempre papéis de desesperadas, de loucas, como na «Uma Rua Chamada Pecado».

Vivien Mary Hartley (Leigh é o prenome do seu primeiro marido) nasceu em Daaryeeling, na Índia. Desde muito jovem queria ser atriz, mas as suas mãos, que eram muito grandes, e sua voz sem força e ressonância, constituíam uma preocupação cotidiana. Aos dez anos já organizava representações teatrais.

Aquêles que assistiram, em 1935, à sua primeira representação em «A Máscara da Virtude» saudaram «Miss Vivien Leigh», uma das maiores revelações do teatro. Não há necessidade de falar das inúmeras encarnações da heroína de «... E o Vento Levou», pois de todos os seus papéis ela prefere o de esposa de Lawrence Olivier. Primeiramente, interpretaram, juntos, os papéis de dois grandes amantes da história, Nelson e Emma, no filme «Lady Hamilton». Depois, se amaram apaixonadamente e se casaram em 1940. Desde essa época que o «casal perfeito» do teatro britânico tem vivido junto.

Fazer o papel de dona de casa e ter um outro «foyer» que não apenas o do teatro é o sonho de Vi-

vien. Ela sempre se recusa a entregar as rédeas da casa a uma governanta ou a um mordomo. Não obstante o seu trabalho exaustivo, quer controlar e dirigir tudo. Seus convites para jantar no apartamento londrino ou para passar o fim de semana na cabana campestre de Notley-Abbey são muito disputados, pois todos os que são convidados estão certos de que encontrarão uma atmosfera incomparável, de amizade e de compreensão. Ainda mais porque Vivien, a trágica da tela e do palco, é extremamente alegre na vida real.

Notley-Abbey, uma linda abadia do Século XII, foi transformada por Lawrence Olivier em fazenda modelo, com cerca de quatrocentas cabeças de vacas, carneiros e porcos. E o mais interessante é que Vivien e Lawrence dão às suas vacas nomes de personagens do teatro. Uma delas se chama Blanche (Uma Rua Chamada Pecado) e uma outra recebeu o nome de Cleópatra (de Shakespeare e Bernard Shaw). Acontece, porém, que Blanche e Cleópatra não se entendem, nem entre si, nem com as outras vacas.

Vivien adora sua filha Suzana, a qual ela fez renunciar ao teatro, não sem prejuízo. Mas a grande ambição de sua vida é dar um filho, um filho dela, a Lawrence Olivier. Agora, o seu acidente passou a constituir um novo drama, o da trágica que quer ter um filho.

O ENIGMÁTICO KAPITZA

(Cont. da página 13)

«SARNITZA» é uma velha palavra russa. Pode ser traduzida exatamente por «clarões no horizonte». Depois de 1947, ela tomou um novo sentido, de origem siberiana: SARNITZA-ANGARNITZA. É a extensão de «Angara». Angara é o afluente direito do rio siberiano Ienissei. O rio Angara atravessa o lago Baikal e é navegável na quase totalidade do seu curso, que vai além de 2.000 quilômetros. A 125 quilômetros do lago Baikal, há uma queda d'água, mais alta que o Niagara.

Uma usina hidrelétrica ali foi instalada em 1938 e concluída em junho de 1941. Seu potencial é de .. 600.000 kilowatts. A estação de Angara, posta em funcionamento em fins de 1954, fornece 1.400.000 kilowatts. É uma das maiores usinas do mundo.

Desde os primeiros meses do seu funcionamento, em 1941, a ela agregaram uma das grandes cidades atômicas soviéticas, a Estação de Bang (Baikal-Angara). Ela traz o número 2 e se encontra a cerca de 90 quilômetros do lago Baikal.

Atomgrado N° 2 é o lugar de trabalho do professor Idanov Dorfmann, o antigo assistente de Kurtchatov, que mais tarde tornou-se o seu emulo no que concerne ao curto efeito.

SETE MESES DEPOIS DE HIROSHIMA

No dia 14 de março de 1946, o professor Ioffe, acompanhado de Kurtchatov e do «chefe atômico» André Idanov, anuncia que a primeira explosão real (não mais experimental) poderá ter lugar cerca de quatro semanas mais tarde. Consequentemente, trinta meses depois da primeira explosão de laboratório realizada na ilha Maramuk e sete meses após Hiroshima.

Fala-se, então, que vai ser festejada dignamente o sexagésimo aniversário de nascimento de Ernest Thalmann, o dia 20 de abril. Seria agradável a Stalin, neste dia, acender um grande clarão de alegria no Báltico, entre Stettin e Dantzig. (Cont. no próximo número)

CARTA ECONÔMICA DA CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES NA INDÚSTRIA

APROVADA PELAS FEDERAÇÕES FILIADAS A C. N. T. I. FIXANDO DIRETRIZES AOS INDUSTRIÁRIOS BRASILEIROS, EM FACE DOS INTERESSES NACIONAIS, ENTREGUE AO PRESIDENTE DA REPÚBLICA E ENVIADO AS AUTORIDADES PARLAMENTARES ★ A CONJUNTURA ECONÔMICO-POLÍTICA E SOCIAL E OS PROBLEMAS DOS TRABALHADORES

1 — A CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES NA INDÚSTRIA, ao ensejo da passagem do seu 1º decênio de fundação, reunindo em sua sede, as Federações a ela filiadas, e como legítima porta-voz da vontade de três milhões de industriários representados através de 800 (oitocentos) sindicatos por todo o país, — dirige-se nesta hora difícil por que passa o Brasil, aos poderes constituídos da República.

Ao fazê-lo, quer a Confederação tornar evidente que os trabalhadores têm perfeito conhecimento da profundidade dos problemas que os afligem, ao mesmo tempo que assistem, com profundo pesar, ao desenrolar das atividades impatrióticas de grupos políticos, que se digladiam numa luta estéril e perigosa em torno de motivos geralmente inconfessáveis, enquanto a realidade nacional vai assumindo aspectos verdadeiramente dramáticos. Os trabalhadores não se interessam por cargos, posições ou vantagens pessoais de qualquer natureza. O centro de suas preocupações não se encontra nos indivíduos, nos grupos ou nos partidos, — mas reside nos problemas, nos acontecimentos, nas instituições.

2 — É sob a égide desse espírito de compreensão e desprendimento que os trabalhadores industriários, depois de pacientes estudos e de fecundos debates, expõem à Nação, principalmente aos poderes públicos, o seu pensamento a respeito da solução dos problemas específicos, e gerais, que afetam, nesta hora, o destino do Brasil. Tal pensamento se consubstancia em cinco pontos ou reivindicações, pelos trabalhadores considerados como as vias pacíficas que se podem abrir ao desenvolvimento material e espiritual de nossa Pátria. São os seguintes:

- I — Contenção dos preços;
- II — Reajustamento geral e imediato de salários;
- III — Salário móvel;
- IV — Estímulo ao desenvolvimento industrial;
- V — Reforma agrária.

Consideram os trabalhadores que nenhuma dessas medidas é, por si só, isoladamente, capaz de alterar para melhor o quadro da realidade nacional, cujos dados são de tal maneira interdependentes que o ataque aos problemas terá que se fazer pelos cinco lados vulneráveis acima relacionados.

3 — É exatamente no delicado campo dos preços, que os assalariados mais sentem o peso da conjuntura econômica do país, os gêneros de primeira necessidade vão se tornando quase proibitivos àqueles cujos salários, dia a dia, perdem a capacidade aquisitiva. O clima de insegurança econômica provoca preocupações inquietantes, povoando os horizontes com as sombrias e ameaçadoras silhuetas da fome, — da fome que subverte os corações, da fome que comanda as desordens, da fome que cava os abismos, obscurece as consciências, gera o caos e arruína instituições. A alta de preços resulta de fatores econômicos e financeiros negativos para cujo combate são necessárias providências a longo prazo e de largo alcance: entretanto, há um fator de natureza moral, que também influi para a subida vertiginosa do custo de vida: é a desonestidade, — fonte originária da ganância, a qual, por sua vez, é a matriz da especulação. Contra esta se torna indispensável a aplicação de medidas de emergência, medidas corajosas, medidas drásticas, rigorosamente primitivas, que reprimam os abusos daqueles negociantes desonestos, traficantes da fome alheia, que especulam criminosamente com as necessidades dos trabalhadores, comprometendo-lhes, pela exploração dos altos preços, a saúde da família e o futuro dos filhos!

Ao lado de medidas enérgicas para conter a especulação, — fazem-se necessárias providências no sentido de reorganizar o Serviço de Alimentação da Previdência Social. A Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria, nesse particular, fará entrega ao governo de um estudo, acompanhado de anteprojeto de lei, transformando o SAPS em órgão cujo funcionamento obedecerá à finalidade para que realmente ele existe: reduzir e estabilizar os preços de gêneros de primeira necessidade. Sabemos que, desde muito tempo, o SAPS vem atuando, de maneira demagógica, como um foco de perturbação no mercado de preços, consumindo verbas astronômicas dos Institutos de Previdência, verbas cuja aplicação contraria frontalmente os mais elementares princípios de economia. Os restaurantes e postos vendedores do SAPS dão prejuízos incalculáveis, isso porque o empreguismo, o negócio e a politicagem devora o orçamento da autarquia, — orçamento que, para 1957, atinge à cifra aproximada de Cr\$ 1.500.000.000,00.

4 — Por outro lado, a situação premente que se quer atenuar, através das medidas atrás sugeridas, exige, no momento, uma providência que propicie aos trabalhadores os recursos com que enfrentar a onda avassaladora do custo de vida. Trata-se do reajustamento geral e imediato dos salários, medida que visa a estabelecer, como mínimo, o equilíbrio entre o que se ganha e o que se gasta, — ou seja, — a correspondência entre o salário nominal e o salário real.

O reajustamento geral dos salários obedece, ainda, a uma necessidade imposta pela realidade social: é que, com a elevação dos níveis de salário-mínimo, não se pode deixar de fazer uma revisão salarial em todas as categorias profissionais da indústria. Sem tal medida, permanecerá uma situação de injustiça que, sem dúvida, acarretará um desestímulo ao trabalhador. Nesse sentido, a C. N. T. I. promoverá, em todo o país, uma campanha organizada, dando integral assistência e a necessária cobertura aos organismos sindicais filiados. A campanha terá caráter pacífico, dentro de propósitos conciliatórios; entretanto, o não atendimento a essa reivindicação, cuja justiça ninguém pode contestar, — será respondido com meios enérgicos ao nosso alcance.

5 — O reajustamento geral e imediato dos salários constituirá medida paliativa e provisória, se não for complementada com outra providência de maior profundidade. É preciso assegurar ao trabalhador o mínimo de garantia para a capacidade aquisitivo de seu salário. É preciso dar ao salário possibilidade de acompanhar a oscilação dos preços. Somente a instituição do salário móvel apresenta aquela garantia. Sem o salário móvel continuaremos no eterno círculo vicioso, verdadeiro círculo de ferro, em que os preços voam por alturas vertiginosas, enquanto os salários rastejam num nível aquisitivo quase à beira da miséria.

O salário móvel, além de tudo, funciona como um dos freios da onda inflacionária, pois que, o simples fato de que a toda subida no custo de vida corresponderá proporcionalmente, uma automática elevação salarial, há de provocar, sem dúvida, uma redução daquilo que se convencionou chamar de «margem de segurança» dos preços, e que outra coisa não é senão o acréscimo não econômico, que o vendedor põe sobre preço economicamente calculado.

A respeito do salário móvel a C. N. T. I. já apresentou estudo e anteprojeto de lei ao Exmo. Sr. Presidente da República. Sobre o assunto esperam os trabalhadores que, com a maior urgência, se manifestem as autoridades responsáveis da Nação.

6 — Reconhecem os trabalhadores que as medidas até aqui preconizadas, — a contenção dos preços, o reajustamento geral dos salários e o salário móvel, — somente terão efetividade, se se consolidar a estrutura econômica do país em bases firmes e duradouras. Esta é a razão pela qual os industriários têm o máximo interesse no desenvolvimento industrial do Brasil. A proteção à indústria nacional deverá ser feita de duas maneiras: a) proibindo-se terminantemente a importação dos produtos supérfluos, das quinquilharias, dos objetos de luxo, e dos perfumes raros, concedendo-se amplas facilidades para importação de máquinas e instrumentos indispensáveis à renovação e ao crescimento do nosso parque industrial; b) desenvolvendo-se, em larga escala, a indústria de base, o potencial elétrico e a exploração estatal dos combustíveis e dos minerais atômicos.

O desenvolvimento industrial abrirá, ao Brasil, a única saída para a sua angustiosa situação de país exportador de matérias primas e produtos agrários, cuja distribuição e venda no mercado mundial escapam totalmente ao nosso controle. A velha e tradicional estrutura econômica brasileira, baseada num tipo de produção completamente divorciada das necessidades do país, e organizada em função do consumo estrangeiro — sofre, por isso mesmo, crises e abalos imprevisíveis, que acarretam sofrimentos e privações à maioria dos nossos patrícios. É preciso mudar aquela estrutura, reorganizando-a no sentido de dar ao Brasil a necessária e indispensável independência econômica, capaz de fazer valer, em toda a plenitude, a sua soberania política. Sem tais requisitos jamais teremos os meios seguros para a definitiva implantação de uma verdadeira e permanente justiça social.

O desenvolvimento industrial é, por essas razões, condição indispensável para o processamento da evolução social e econômica das classes trabalhadoras.

7 — Seria de todo inútil o crescimento industrial se não se levasse em conta o outro pólo da economia: o consumo. É fora de dúvida que o parque industrial brasileiro, em ritmo crescente de expansão, irá defrontar-se, no mercado internacional, com fortes e bem instalados concorrentes. Tal perspectiva, sobremodo considerável, indica que a produção industrial brasileira não deverá voltar o seu interesse exclusivamente para a exportação. As condições próprias do país estão a mostrar o verdadeiro campo de operações mercantis: é o mercado interno, praticamente virgem, inexplorado, ainda por ser criado. O mercado interno, para ser realmente organizado, exige, entre outras coisas, uma que é fundamental: a elevação da capacidade aquisitiva do homem do interior. É claro que se impõe, para tanto, uma profunda reforma no sistema de produção e nas relações de trabalho no campo. Mecanização da lavoura, assistência ao trabalhador rural, facilidades na concessão de financiamentos agrícolas, fomento ao cooperativismo e construção de silos e armazéns para preservação e maior rendimento das safras, — são, entre outras, medidas urgentes que devem ser tomadas, para evitar o êxodo rural e fazer os grandes centros deixar de funcionar como perturbadores, focos de fascinação, que atraem àqueles que a miséria vai expulsando das fazendas, das granjas e dos engenhos.

Dar aos trabalhadores rurais o nível de vida elevado significa transformá-los em consumidores economicamente expressivos, capazes, portanto, de absorver a riqueza produzida pelo parque industrial em desenvolvimento; e por sua vez, a produção agrícola estimulada e amparada, crescerá ao ponto satisfatório de abastecer sobejamente os grandes centros urbanos — o que trará a estabilização nos preços dos gêneros alimentícios.

Produzida a riqueza agro-industrial, e assegurado o mercado consumidor interno, — há que se levar em conta um outro fator importante e decisivo, exatamente aquele que funciona como ponto de contacto entre a produção e o consumo: é a distribuição.

A distribuição da riqueza depende essencialmente dos transportes, e em particular do transporte marítimo, ferroviário e rodoviário. Torna-se indispensável, em consequência, que voltemos as atenções para o reequipamento urgente de nossa frota mercante, e do nosso sistema ferroviário, bem como para a ampliação e melhoria de nossa rede de estradas de rodagem. Só assim se conseguirá eliminar de nossa economia os dolorosos pontos de estrangulamento que nos fazem, muitas vezes, sofrer privações de riquezas produzidas em grande quantidade, mas que se perdem nos armazéns por falta de transporte.

8 — São esses os pontos que, nós, trabalhadores, consideramos cordiais para a solução dos problemas econômicos brasileiros. Sua aplicação exige a mobilização de todas as forças vivas da Nação. Em torno de assuntos tão graves e tão sérios não há lugar para o debate de questões pessoais, de interesses partidários ou de ressentimentos de grupos. É triste verificar que, infelizmente, a grandeza dos problemas contrasta com a pequenez das soluções de cunho político.

Entretanto, vale notar que as soluções aqui preconizadas decorrem de uma constante do processo evolutivo brasileiro, e que os cinco pontos que as consubstanciam, foram alvos da preocupação do candidato e são objetivos fundamentais do governante eleito, o Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira; os cinco pontos desta carta se resumem, em última análise, no trinômio em que s. exa. enquadrou a política de seu governo, ou seja, energia, transporte e alimentação. Para execução de programa tão fecundo e complexo, precisamos somar esforços e congregar vontades.

Os trabalhadores na indústria, voltados para os supremos interesses do país, proclamam à Nação que é chegada a hora de cessarem-se os ruídos estereis produzidos por aqueles que querem ensurdecer o Brasil, interceptando-lhe os ouvidos para que não ouça os ritmos puros do progresso, da riqueza e da prosperidade! É preciso que se destruam as suspetíssimas forjas de onde sopram os ventos da desordem, propositalmente desencadeado para perturbar a paz e a tranquilidade dos que trabalham. É preciso que os maus políticos, os maus juizes, os maus legisladores, os maus administradores, os maus brasileiros, enfim, — levantem os acampamentos particulares que ousaram construir sobre os legítimos interesses nacionais, para explorar uma comunidade que só deseja trabalho, honestidade, harmonia e progresso! É preciso que as paixões ardeçam e que os espíritos se desarmem, sem os artifícios manhosos que se escondem atrás das manobras de duvidosas pacificações políticas, em detrimento da verdadeira paz entre os brasileiros.

A hora que passa está a exigir sinceridade, desprendimento, coragem e definição. Os trabalhadores, inspirados pela necessidade e orientados por um espírito de compreensão, já se definiram. Os responsáveis de quem depende mais diretamente o progresso do país, que se definam. O Brasil tem problemas gigantes para os quais não é possível solução de pigmeus. E, ontem, como hoje, no dizer de um de seus ilustres filhos, «espera que cada um cumpra o seu dever»!

Revolução no ensino da engenharia

DE COMO UM IMPROVISADO DESPACHO PRESIDENCIAL ENSEJA UM PLANO BEM ELABORADO NUMA COLABORAÇÃO EXTRA-OFICIAL ★ A «ERA DOS MONO-TÉCNICOS» E A PALAVRA

DO PROF. ELOYWALDO CHAGAS DE OLIVEIRA ★ A APRENDIZAGEM REMUNERADA NUM PLANO EXEQUÍVEL E SEM ÔNUS PARA O GOVERNO ★ COM A PALAVRA OS ESTUDANTES

Reportagem de W. GUARNIERI

«O desenvolvimento econômico do país está sem dúvida condicionado à existência de engenheiros em quantidade e de elevada capacidade profissional. Assim sendo, recomendo ao Ministério da Educação e Cultura que, por intermédio da CAES (Comissão de Aperfeiçoamento do Ensino Superior), estude e apresente, com urgência, um plano que inclua providências visando a atrair a mocidade brasileira para o estudo da engenharia, através de bolsas de estudos e outras medidas adequadas a que se refere a exposição anexa».

Foi esse o teor do despacho exarado pelo sr. Presidente da República no ofício em que a diretoria da Cia. Hidrelétrica do São Francisco, na semana passada, sugeria providências governamentais para «despertar entre a juventude maior interesse pela profissão de engenheiro». Afirmou, ainda, o presidente da CHESF que desde muitos anos tem se preocupado com o problema da deficiência, em número, de engenheiros para atender às crescentes exigências de trabalhos e serviços de engenharia, decorrentes dos imperativos de nosso desenvolvimento econômico. Depois de tecer considerações sobre o assunto, o presidente daquela empresa sugere, finalmente, como medida mais rápida para atender tal objetivo, a «criação de bolsas de estudos para os jovens que desejarem seguir a carreira».

O fato, por si só, é uma afirmação de que o Brasil vem de ingressar, definitivamente, na fase industrial; muito embora alguns céticos teimem em proclamar o contrário. Por outro lado, o «deficit» de engenheiros de que padece o país relativamente às necessidades mínimas de nosso estágio de evolução, retrata, fielmente, a incúria das autoridades responsáveis pelo ensino — cujo planejamento básico há longos anos repousa na famigerada Reforma Capanema (sem que até hoje se dignem os nossos legisladores a dar andamento ao já hoje também bolorento projeto de «Diretrizes e Bases» que atravança a gaveta de algum relator na Câmara Federal).

Mas, a «reforma» da Reforma é uma outra história. Os técnicos estão fazendo falta neste momento, pois o trabalho aí está esperando e reclama urgência.

A instituição de «bolsas de estudos», lembrada pelo presidente da CHESF, vem se juntar, agora, uma outra sugestão bem oportuna e, talvez, de muito mais amplitude e profundidade que o simples prêmio de caráter emergencial. Trata-se de um plano apresentado por um ilustre professor, catedrático da Escola Politécnica da Bahia, de há muito, também um estudioso do assunto — o engenheiro Eloywaldo Chagas de Oliveira, que ocupou, recentemente, o cargo de presidente do Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Comerciantes.

A muito instância, permitiu-nos o prof. Eloywaldo que déssemos divulgação ao trabalho, que, no seu entender, «talvez venha a se prestar para o incremento da campanha oportuna e patriótica, ora iniciada pelo sr. Presidente da República».

Discorrendo, inicialmente, sobre o «deficit» avaliado, há cerca de 10 anos, pelo Instituto Técnico de Aeronáutica de S. José dos Campos, em 18.000 engenheiros julgados, então, normalmente indispensáveis, diz-nos o professor Chagas:

— A meu ver, as bolsas de estudos não deveriam ser unicamente custeadas pelo erário público. As empresas industriais é que devem ser convidadas a cooperar, através de um movimento de ampla envergadura, como, aliás, tem sido aventado, reiteradamente, em conclaves técnicos, tal aconteceu, por exemplo, no III Congresso Brasileiro de Ensino de Engenharia, reunido em Salvador no ano de 1949.

«O alto descortino dos dirigentes da Confederação Nacional das Indústrias, cremos, propiciará pleno êxito à iniciativa, contanto que com essa entidade se entrossem convenientemente os órgãos específicos do Ministério da Educação e os próprios Diretórios Acadêmicos das Escolas de Engenharia».

APRENDIZAGEM REMUNERADA

Depois de acentuar que aos estudantes cabem pôr-se na vanguarda desse movimento, «sem qualquer sentido de agitação», prossegue o ilustre professor:

— A instituição de um regime de aprendizagem remunerada para a formação dos nossos técnicos civis é hoje uma necessidade, já tradicionalmente reconhecida no que concerne aos técnicos militares. Tenho procurado chamar a atenção dos responsáveis para a boa dose de idealismo que leva os jovens a pleitearem matrícula nas Escolas de Engenharia. Não os impulsiona, apenas, a busca de um diploma para o honesto ganha-pão. É que o diploma não lhes seria necessário para a subsistência, que outros rumos mais acessíveis seriam capazes de lhes propiciar. O diploma nem mesmo lhes seria indispensável para ganhar dinheiro, e muito dinheiro, nos setores da própria engenharia, de vez que não são necessariamente engenheiros os empresários, empreiteiros e contratante de obras públicas e particulares, em cuja composição, via de regra, entram os engenheiros como técnicos assalariados».

ERA DOS MONO-TÉCNICOS

Explica o prof. Eloywaldo que a finalidade, hoje, já não pode ser a de formar engenheiros politécnicos, sob a rubrica de engenheiros civis:

— Estamos na era dos mono-técnicos, isto é, dos engenheiros especializados — o que, aliás, já é do consenso geral — de modo que o título de engenheiro civil deve permanecer, ainda, para o caso raro dos que se disponham a curso superior mínimo de seis anos, enquanto em 4 anos podemos formar o engenheiro ferroviário, o rodoviário, o hidráulico, o construtor, etc.

«Aliás — acrescenta — dois anos de curso superior bastarão para o caso especial do engenheiro topógrafo, que se poderá tornar geógrafo em mais dois. O quadriênio será suficiente, antes de tudo porque se trata de curso especializado, com exceção, apenas, do primeiro ano, reservado para os conhecimentos da matemática superior, imprescindíveis ao curso profissional; cálculo, descritiva, etc. Por outro lado, o nosso esquema pressupõe a integração do atual segundo ciclo do próximo currículo das Faculdades a que se destina o estudante, sob a forma de Curso Anexo ou Propedêutico. Entenda-se: o atual 2º ciclo, reduzido a 1 biênio, restabelecida a 5ª série do Curso Ginásial, de acordo com a Lei Francisco Campos».

COMO REMUNERAR O ESTUDANTE

— No Curso Profissional, propriamente dito, teríamos de enfrentar um problema de alto rendimento pedagógico — frisa o professor — perfeitamente exequível mediante a distribuição do ano escolar em períodos; a saber, um, estritamente letivo (de 4 meses) e os demais de estágios práticos — ressaltadas 4 quinzenas, móveis, para as férias.

«Aí nos estágios práticos é que está a possibilidade de aprendizagem remunerada. Onde se realizarão? Nos próprios serviços em andamento. O estudante ocupará na turma de campo, entre o pessoal subalterno, o posto que hoje, via de regra, ocupa um semi-analfabeto. E perceberá, como é óbvio, a remuneração correspondente. Ao lado das repartições estarão as autarquias e as empresas concessionárias de serviços públicos. Nenhum acréscimo de despesa, portanto, e, ao mesmo tempo, maior eficiência funcional».

O PERÍODO LETIVO

Afirma o prof. Chagas que os 4 meses do curso estritamente letivo serão suficientes em face das circunstâncias que aponta: 1) caráter intensivo; 2) regime de tempo integral para os alunos; 3) aulas tipo seminário, graças a estudo prévio das apostilas; e 4) limitação do número de cadeiras a 4 por ano escolar.

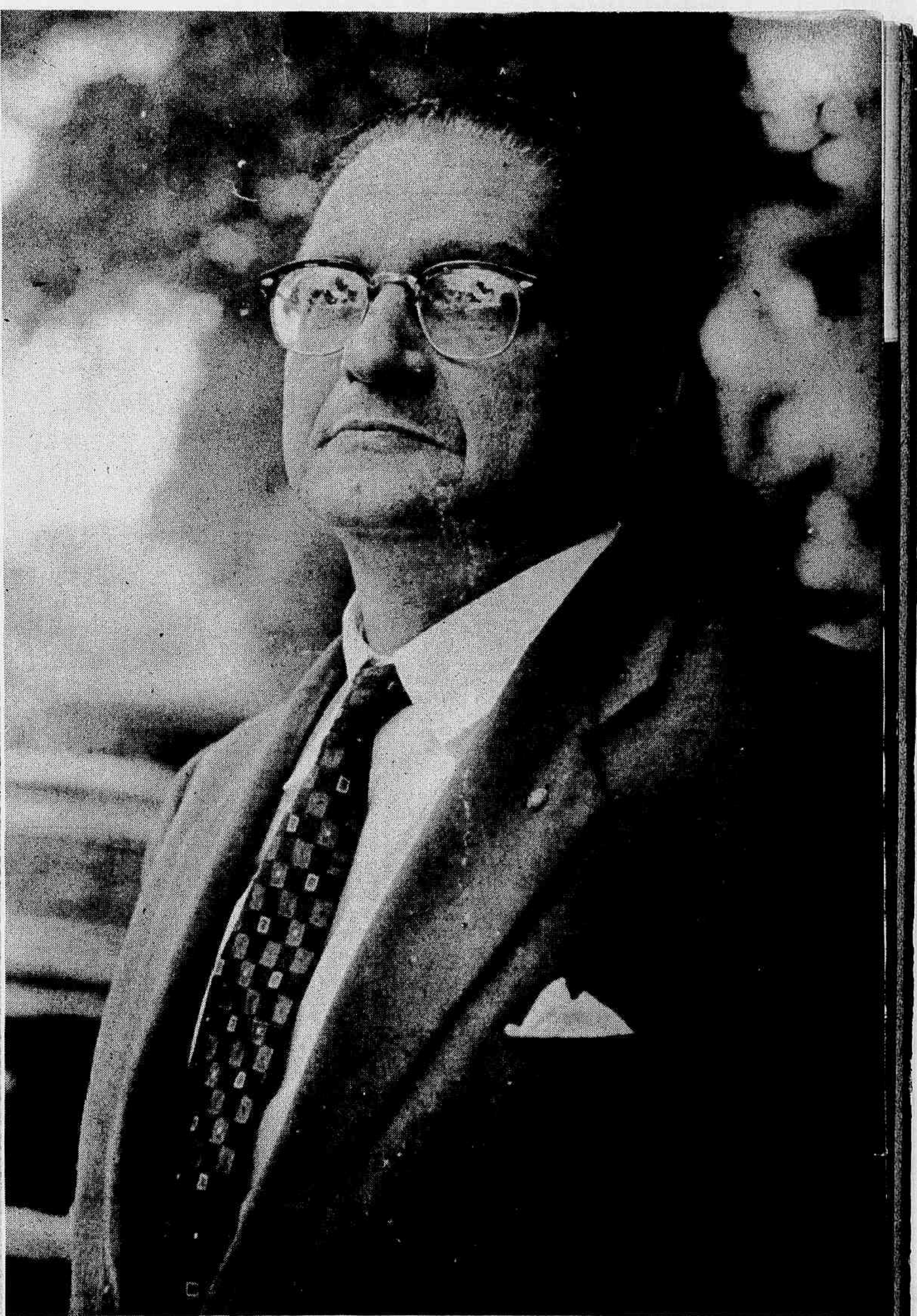
— Haverá, como se vê, com o mesmo pessoal docente, dois períodos letivos por ano, atendendo-se, assim, a duas turmas. É claro que essa distribuição de períodos terá de obedecer a um perfeito planejamento a ser realizado por uma Comissão integrada por professores, alunos e funcionários administrativos, a qual preparará o calendário a ser fornecido a cada estudante. Assim, desaparecerá o problema que ora obriga o estudante a procurar trabalho que lhe dê a prática profissional, prejudicando a frequência às aulas, ou, ainda, que o constrange a transferir essa prática para após a graduação.

ESTÍMULO PARA A CARREIRA

Segundo o esquema proposto pelo engenheiro Eloywaldo Chagas de Oliveira, as escolas estarão entregando ao Governo e a Indústria engenheiros, já plenamente adestrados nas respectivas especialidades.

QUEM É O PROFESSOR ELOYWALDO CHAGAS

Modesto filho de dois telegrafistas federais, nasceu Eloywaldo Chagas de Oliveira a 3 de junho de 1909 em Salvador, Bahia. Realizando os estudos primários na Cidade do Bonfim, transferiu-se para a capital do Estado onde concluiu o ginásio e ingressou na Escola Politécnica em 1926, colando grau em 1930. Nesta mesma escola fez concurso de docência livre e de catedrático, em 36 e 44, respectivamente para a cadeira de Estatística, Economia Política e Finanças, que rege desde aquela primeira data. É também catedrático da Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia e pertence a inúmeras instituições culturais. Foi engenheiro-chefe do Departamento de Construção da cidade de Volta Redonda, técnico da Comissão de Planejamento Econômico do Conselho de Segurança Nacional, fundador e presidente da Associação dos Municípios da Bahia, diretor da Divisão de Economia e Estatística do Instituto de Orientação Profissional, membro efetivo da Academia de Letras da Bahia e seu representante junto a Federação das Academias de Letras do Brasil. Concluiu no ano passado, com brilhantismo o Curso Superior de Guerra e ocupou a presidência do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciantes, tendo sido afastado recentemente, em circunstâncias que tiveram grande ressonância no país, dado a sua intransigência em face dos desatinos administrativos daquela autarquia.



— Se se tratar, por exemplo, de ferroviários, já no curso terão participado de equipes de projeto, locação, e assentamento de linhas, além das de locomoção, tráfego e administração geral. Eis aí, à base de uma racional reestruturação curricular e metodológica, **um notável estímulo para a carreira.**

NECESSÁRIO SUPRIMIR A OBSOLETA MURALHA DOS «VESTIBULARES».

Tal plano — segundo acentua — seria completado por uma Comissão, também mista, e já agora central, no próprio Ministério que mantenha atualizados os estudos de previsão do mercado para as diversas especialidades nas várias regiões do país.

— Há entretanto, uma outra circunstância a ser apontada — «last but not least». — Se o Brasil pretende, realmente, ingressar na corrida universal pela formação de técnicos (aliás, até a China os está fabricando em massa!) então teremos de começar por suprimir a obsoleta muralha dos chamados «concursos de habilitação», os infelizes «exames vestibulares», que tanto infelicitam e desestimulam os nossos jovens.

«A triagem, a que são ilusoriamente prepostos os estudantes, passaria a ser realizada através dos Cursos Propedêuticos, felizes sucedâneos dos atuais Cursos de Colégio. Urge, também, a instituição, pelo Governo, de um serviço de **assistência vocacional** que acompanhe todos os estudantes pelo menos entre os 12 e os 17 anos de idade.

USURPAÇÃO DE TEMPO E ENERGIA CONTRA A MOCIDADE ESTUDANTIL

Finalizando, afirma o nosso ilustre entrevistado:

— Ponderaríamos que a juventude estudiosa bem merece que os estabelecimentos oficiais lhe propiciem ambiente didático mais adequado do que os em geral precários que ela encontra nos colégios particulares. Convençamo-nos de que o 2º ciclo atual constitui, no domínio pedagógico, a maior usurpação de tempo e energia que já se perpetrou contra a mocidade brasileira. Haveria, ainda, que lembrar na campanha de estímulo a afetiva observância do sistema de mérito, preconizado pelo Art. 186 da Constituição, ao menos toda vez que o número de candidatos se apresente superior ao de vagas. No cômputo, deveriam figurar, entre os títulos, as próprias notas do curso obtidas nas disciplinas intervenientes.

Eis aí como se poderia cumprir, com muito mais madureza e eficiência, o despacho presidencial que — numa época de emergência — busca (ainda uma vez) na improvisação a solução para problemas que se eternizam na conjuntura brasileira. Que falem, agora, as nossas autoridades do ensino, e, principalmente, os mais interessados — os próprios estudantes de engenharia, através dos seus diretórios que orientam e vivem os problemas da classe.



ESMAGADA A HUNGRIA PELA RÚSSIA

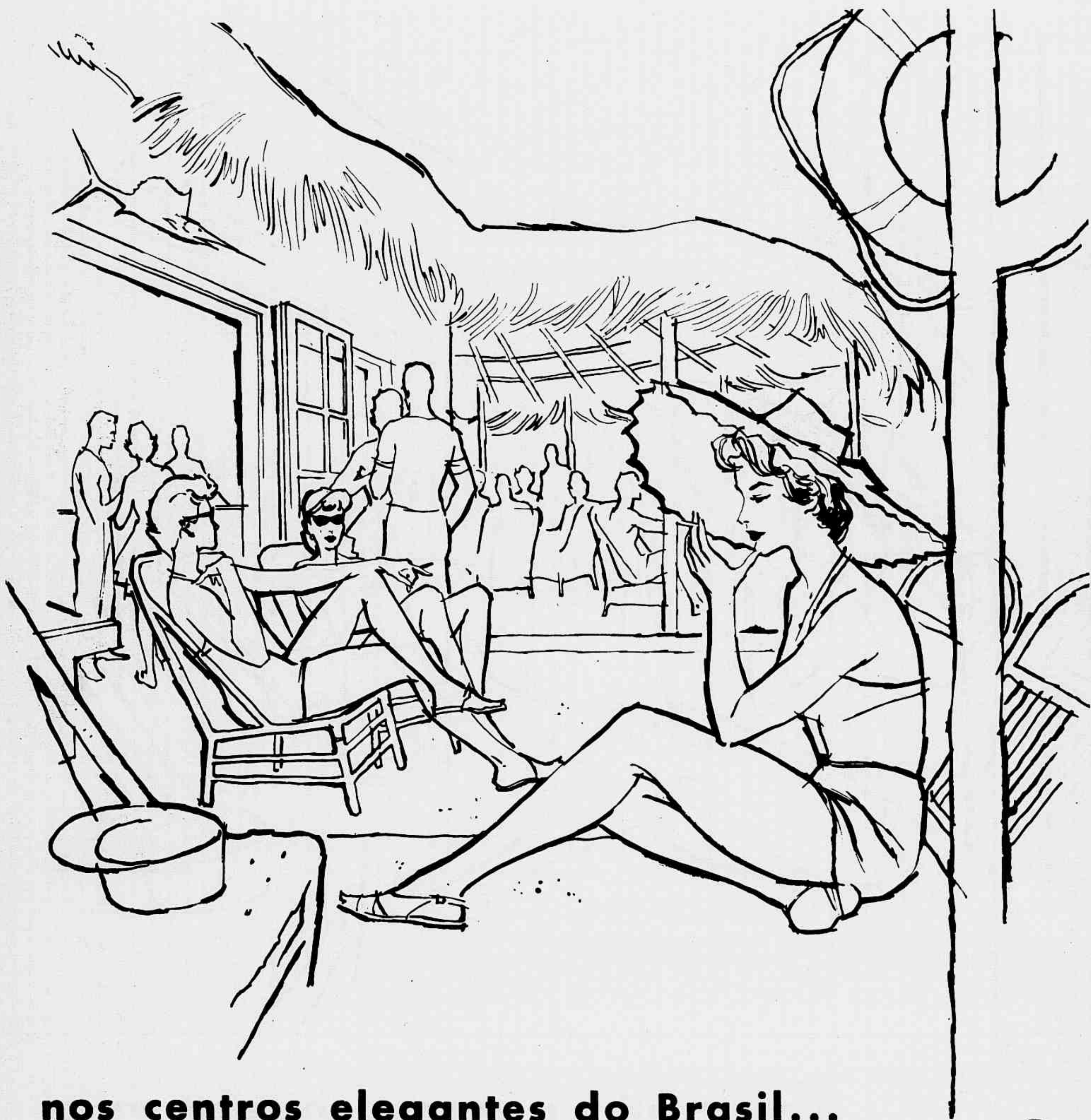
♦ Aos primeiros telegramas o mundo ficou em festa. Parecia que a Hungria depois de anos de esmagamento total, levantava o jugo soviético e reconquistava a liberdade. Parecia que dias melhores estavam nascendo para esses tristes e sotredores povos, até agora denominados pura e simplesmente de satélites. Mas foi tudo rebate falso. Logo depois a Rússia fazia descer centenas de tanques e arrasava em poucas horas tôdas as esperanças de liberdade. Os esforços dos bravos patriotas em luta pela própria emancipação, custaram milhares de vidas. Corpos sem vida de homens, mulheres e crianças, ficaram pelo chão atestando a ferocidade desse novo imperialismo que se derrama sobre o mundo. Sirva esse episódio, pelo menos como lição e advertência, aos que ainda se deixam enganar pela propaganda russa, e pelos propósitos pacifistas, socialistas e humanista dos soviéticos. (Foto INS).

**A FIGURA
EM FOCO**



ISRAEL PINHEIRO

Levará o Pão de Açúcar
Mais o Corcovado inteiro.
E a alavanca pra isso?
E' gaita, é grana, é dinheiro.



nos centros elegantes do Brasil...

Em Jequitim-Mar, famoso clube da praia de Guarujá,
em São Paulo, o ambiente agradável é um convite à reu-
nião de pessoas de bom gosto...

E na elegância de todos sempre se destaca o hábito de fumar...

hollywood
uma tradição de bom gosto

